



FEUC

Faculdade de Economia

Universidade de Coimbra

Mestrado em Sociologia
Especialização em Políticas Locais e Descentralização:
As Novas Áreas do Social



Violência
Doméstica.
Que Políticas?

O impacto das políticas sociais no combate à
Violência Doméstica no Concelho de
Montemor-o-Velho

Livro de Anexos

Cristiana Dias de Almeida

Coimbra, 2008

Índice

Contextualização do trabalho empírico	4
Capítulo I – Instrumentos utilizados na recolha de dados.....	6
Guião de entrevista para Técnicos	8
Guião de entrevista para vítimas	11
Guião de entrevista para agressores	15
Grelha de análise dos processos judiciais	19
Capítulo II – Transcrição das entrevistas	27
Referências utilizadas nas citações das entrevistas	29
Entrevista 1 – profissional das forças de segurança	30
Entrevista 2 – profissional da justiça	68
Entrevista 3 – profissional da justiça	82
Entrevista 4 – profissional social	101
Entrevista 5 – profissional social	116
Entrevista 6 – profissional da justiça	130
Entrevista 13 – vítima 1	151
Entrevista 12 – vítima 2	155
Entrevista 15 – vítima 3	160
Entrevista 14 – vítima 4	166
Entrevista 16 – vítima 5	171
Entrevista 7 – agressor 1	176
Entrevista 8 – agressor 2	180
Entrevista 9 – agressor 3	184
Entrevista 17 – agressor 4	188
Entrevista 10 – testemunha 1	192
Entrevista 11 – testemunha 2	193
Entrevista 18 – testemunha 3	194

Contextualização do trabalho empírico

Com vista à validação das hipóteses de trabalho procedeu-se à análise dos dados relativos aos casos de violência doméstica atendidos pelo Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto (40 casos) e aos processos do Tribunal Judicial de Montemor-o-Velho (62 processos) no período de Julho de 2005 a Dezembro de 2006.

Foram realizadas e analisadas as entrevistas a profissionais que intervêm directamente nos casos de violência doméstica, nomeadamente à Procuradora do Ministério Público, a um advogado, a um representante da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, a um representante da Segurança Social, da Guarda Nacional Republicana e da Associação Fernão Mendes Pinto.

Será importante referir que não foi possível entrevistar nenhum técnico da CPCJ, embora, tanto o representante da Câmara Municipal, como o da Segurança Social façam parte da Comissão de Protecção de Menores. As entrevistas foram regidas por um guião, gravadas, transcritas e analisadas, como se apresenta de seguida.

As vítimas, os agressores, bem como outros intervenientes nas situações de violência doméstica também foram entrevistadas. No entanto, dada a especificidade da problemática e confidencialidade exigida pelos/as entrevistados/as, não foi possível proceder a uma gravação das entrevistas, sendo o resultado das mesmas fruto das anotações da entrevistadora.

Capítulo I
Instrumentos utilizados na recolha de dados



**Guião de Entrevista
Técnicos**

Entrevista nº. _____
Data: _____
Local: _____
Duração: _____

Dados Pessoais do/a Entrevistado/a

Nome: _____

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Função: _____

Tempo de serviço no Concelho de Montemor-o-Velho: _____

Residência: _____

Observações: _____

1. O que entende por violência doméstica?
2. Quais os tipos e formas de violência doméstica existentes?
3. Quais os tipos e formas de violência doméstica socialmente aceitáveis?
(exemplos)
4. Quais os tipos e formas de violência doméstica socialmente não aceitáveis?
(exemplos)
5. Quais as causas de violência doméstica?
6. Porque será que os agressores exercem a violência?
7. Porque será que as vítimas de violência doméstica mantêm as relações com os esposos / companheiros?
8. Considera que a existência de políticas de luta contra a violência doméstica levou a uma alteração nas representações sociais sobre a violência doméstica?
9. E quanto às representações sociais sobre a família, o casamento e as relações familiares?
10. E sobre os direitos e os deveres dos diferentes intervenientes numa relação familiar?
11. Considera que existem factores contextuais que favorecem a violência doméstica?
(ciclo intergeracional da violência, contextos sociais das vítimas e dos agressores, características culturais dominantes)
12. Pensa que a violência doméstica aumentou ou diminuiu nos últimos anos no nosso Concelho? E a nível nacional?

13. Antes da alteração da lei, qual a percentagem de vítimas que retiravam as queixas? Por que motivo o fariam?
14. Tem conhecimento do tipo de medidas de coação aplicadas aos agressores? Concorda com as mesmas?
15. E relativamente ao nível de satisfação obtida por parte das vítimas, considera que tem aumentado ou não?
16. Considera que a criação de Planos para a Igualdade de Oportunidades e de Planos Nacionais Contra a Violência Doméstica, conduziu a uma mudança efectiva na forma de intervir, por parte das entidades locais, nas situações de violência doméstica?
17. O que me pode dizer sobre as práticas de intervenção utilizadas? Houve evolução?
18. Actualmente, quais são as formas de actuação em casos de violência doméstica? Quais os procedimentos utilizados – crianças, mulheres e idosos? Que encaminhamentos são realizados? Que tipo de apoio é prestado às vítimas de violência doméstica no concelho de Montemor-o-Velho?
19. Considera que as políticas de combate à violência doméstica influenciaram os comportamentos/ práticas tanto dos agressores como das vítimas? (utilização de tipos e formas de exercício da violência doméstica visíveis e não visíveis, reacções das vítimas a situações de violência, procedimentos tomados pelas vítimas de violência doméstica)
20. Quais será a melhor estratégia para combater a violência doméstica? O que ainda está por fazer no Concelho de Montemor-o-Velho?

Guião de Entrevista **Vítimas**

Sexo:

Idade:

Residência:

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	
Qualidade da relação pais/filhos	
Qualidade da relação dos pais	
Valores educacionais promovidos	
Observações	

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	
Qualidade da relação mães/filhos	
Caracterização do sistema parental	
Observações	

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	
--	--

Consumo de fármacos	
Padrões de sono e de alimentação	
Alterações emocionais e de comportamento	
Observações	

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	
Condição actual de empregabilidade	
Tarefas	
Responsabilidades	
Autonomia financeira	
Grau de satisfação	
Mudanças e vicissitudes	
Tempos e espaços de lazer	
Observações	

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	
Qualidade das relações de proximidade actuais	
Observações	

Percepção pessoal

Mudanças ao longo	
-------------------	--

do tempo	
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	
Observações	

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	
Competências e limitações	
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	
Acesso aos recursos da comunidade	
Observações	

História da relação

Relação de namoro	
História da relação conjugal	
Estatuto actual	
Processo de tomada de decisões	
Estilos dominantes de comunicação conjugal	
Observações	

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	
--------------------	--

Contextos de ocorrência	
Antecedentes e sinais de alarme	
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	
Tipo de maus tratos	
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	
Padrão de violência	
Dinâmicas de manutenção da relação	
Motivos e atribuições para os maus tratos	
Consequentes e repercussões do conflito	
História de vitimização dos menores	
Significações atribuídas à violência	
Afectos face ao parceiro	
História de <i>coping</i> face à violência	
Observações	

Guião de Entrevista
Agressores

Processo:

Sexo:

Idade:

Residência:

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	
Qualidade da relação pais/filhos	
Qualidade da relação dos pais	
Valores educacionais promovidos	
Observações	

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	
Consumo de fármacos	
Padrões de sono e de alimentação	
Alterações emocionais e de comportamento	
Observações	

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	
Condição actual de empregabilidade	
Tarefas	
Responsabilidades	
Autonomia financeira	
Grau de satisfação	
Mudanças e vicissitudes	
Tempos e espaços de lazer	
Observações	

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	
Qualidade das relações de proximidade actuais	
Observações	

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	
Observações	

Background social e recursos

Figuras e qualidade	
---------------------	--

do suporte social	
Competências e limitações	
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	
Acesso aos recursos da comunidade	
Observações	

História da relação

Relação de namoro	
História da relação conjugal	
Estatuto actual	
Processo de tomada de decisões	
Estilos dominantes de comunicação conjugal	
Observações	

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	
Contextos de ocorrência	
Antecedentes e sinais de alarme	
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	
Tipo de maus tratos	

Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	
Padrão de violência	
Dinâmicas de manutenção da relação	
Motivos e atribuições para os maus tratos	
Consequentes e repercussões do conflito	
História de vitimização dos menores	
Significações atribuídas à violência	
Afectos face ao parceiro	
História de <i>coping</i> face à violência	
Observações	

Grelha de Análise dos Processos Judiciais

N.º

N.º do Processo: _____

Classificação do processo: _____

Data dos Factos: _____

Acto de Denúncia

Denunciante: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Morada: _____

Data da denúncia: _____

Local da denuncia: _____

Observações: _____

Ocorrência

Local: _____

Freguesia: _____

Concelho: _____

Data: _____

Hora: _____

Observações: _____

Caracterização da Vítima

Sexo: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Habilitações Literárias _____

Profissão: _____

Residência: _____

Observações: _____

Caracterização do Agressor

Sexo: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Habilitações Literárias _____

Profissão: _____

Residência: _____

Grau de parentesco com a vítima: _____

Observações: _____

Descrição dos Factos

Data do casamento/união: _____

N.º de filhos: _____

Idades dos filhos: _____

Tempo de duração dos Maus Tratos: _____

Tipo de Maus Tratos: _____

Descrição dos Maus Tratos físicos: _____

N.º de vezes: _____

Horas do dia: _____

Local: _____

Consequências: _____

Observações: _____

Descrição dos Maus Tratos psíquicos: _____

N.º de vezes: _____

Horas do dia: _____

Local: _____

Consequências: _____

Observações: _____

Agravamento dos Maus Tratos: _____

Última agressão \ Data: _____

Hora: _____

Local: _____

Descrição dos maus tratos: _____

Consequências dos maus tratos: _____

Exame médico-legal: _____ Data: _____

Evidências de maus tratos: _____

Conclusões: _____

Observações: _____

Auto de Interrogatório

Data: _____ Hora: _____

Local: _____

Antecedentes criminais do agressor: _____

Descrição dos factos (versão do agressor): _____

Auto de Inquirição das Testemunhas

Testemunha 1

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Testemunha 2

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Testemunha 3

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Testemunha 4

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Testemunha 5

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Testemunha 6

Sexo: _____ Relação de Parentesco: _____

Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Data de nascimento: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Residência: _____

Declarou: _____

Observações: _____

Situação do Processo de Maus Tratos:

Situação actual do processo:

Medidas de coação aplicadas ao agressor:

Outros dados relevantes do processo: _____

Observações: _____

Data: _____

Capítulo II
Transcrição das entrevistas



Referências utilizadas nas citações das entrevistas

E1, profissional das forças de segurança, 34 anos

E2, profissional da justiça, 41 anos

E3, profissional da justiça, 32 anos

E4, profissional social, 38 anos

E5, profissional social, 35 anos

E6, profissional da justiça, 33 anos

E7, agressor, marido de vítima de violência, 81 anos

E8, agressor, marido de vítima de violência, 54 anos

E9, agressor, marido de vítima de violência, 77 anos

E10, testemunha, vizinha da vítima de violência

E11, testemunha, filha de vítima de violência, 33 anos

E12, mulher vítima de violência, 53 anos

E13, mulher vítima de violência, 81 anos

E14, mulher vítima de violência, 81 anos

E15, mulher vítima de violência, 42 anos

E16, mulher vítima de violência, 38 anos

E17, agressor, marido de vítima de violência, 40 anos

E18, testemunha, filho de vítima de violência, 17 anos

Entrevista n.º 1

(E1, profissional das forças de segurança, 34 anos)

E - Já sabe tudo aquilo que disser não vai ser usado para mais nada a não ser para a investigação e o seu nome nunca vai aparecer em lado nenhum.

e - Hum Hum, a... a...

E - Dou-lhe a minha palavra.

e - O conteúdo da entrevista é claramente baseado na função que eu exerço, certo? A minha opinião pessoal enquanto profissional, não enquanto cidadão, certo?

E - As duas coisas.

e - As duas coisas?

E - Às vezes é difícil, não é? Não algumas são mesmo profissionais. Algumas eu vou-lhe perguntar mesmo a nível profissional o que é que acha, mas outras não, é só o... principalmente as primeiras, é a sua opinião. Sei que para vocês é um bocado...

e - Certo.

E - ... é que vocês têm que pensar de duas maneiras não é? enquanto cidadãos e enquanto militares.

e - Não é a questão de pensar das duas maneiras, a questão é que eventualmente, a... a... pode haver alguma divergência, na minha opinião pessoal e na minha opinião profissional.

E - Mas quando assim for, pode referir as duas.

e - Hum, hum, sim, exactamente, está bem.

E - O que entende por violência doméstica? Essa parte... (risos).

e - Violência doméstica, portanto, como o nome diz, é um ciclo, é um ciclo de violência que surge no seio, no seio da família, ou seja, as pessoas devem comandar o mesmo espaço habitacional a... não é necessário a... uma acção isolada, só, não chega, a... para que a violência doméstica seja configurada com o tal. Porém, também não é necessário haver uma habitualidade na prática do facto. O que é necessário é haver alguma ligação entre um facto e outro a... quando a tendência, e nós sabemos disso, é sempre para a agravar, ou seja, devem ser tomadas medidas muito sérias a... e no imediato... para evitar ao máximo o sofrimento da vítima e inclusive o agravar de toda uma situação que pode acabar da pior maneira.

E - Pois.

e – A violência doméstica é uma situação, que preocupa qualquer pessoa, qualquer cidadão comum que tenha bom senso, se preocupa com este tema. E nós temos esta função, que eu tenho, claramente, que não podia deixar de ser, acrescido pela responsabilidade que tenho nesta, nesta matéria...

E – Hum....Hum...

e – E pela acção directa que tenho no combate à mesma, e apresentar as pessoas (...) no sentido de serem punidas pelos actos que, que praticam.

E – A... Quais são os tipos de forma de violência que conhece? Existem vários tipos de formas e tipos de violência que as pessoas exercem?

e – Sim... isso há vários, há violência física...

E – Hum...Hum..

e – Violência física, há violência , violência psicológica a.... Eu não faço aqui assim nenhuma diferença entre elas, porque terá que ser analisado caso a caso, a... Eventualmente as pessoas podem pensar que a violência física é mais grave que a psicológica, eu não comungo dessa, dessa opinião, acho que cada caso é um caso tem que ser bem analisado, efectivamente há casos e inclusive, tenho resolvido alguns, onde há uma coacção psicológica, uma violência psicológica, a... sobre, sobre as vítimas que acabam para causar nelas um sofrimento muito maior do que muitas vezes algum tipo de agressão física que possam, possam ter sido vítimas. Se for uma forma mais leve, uma ofensa à integridade física simples, às vezes nós esquecemos mais facilmente uma bofetada, a... se foi gelada e nós até percebemos que foi naquele momento, que foi um momento de loucura, que não volta a acontecer, do que aquela coacção psicológica e aquela violência psicológica, ao ponto de massacrar as pessoas, e de as fazer levar... a que não são rigorosamente nada e que são uma pessoas inúteis e isso é muito complicado. Quando a pessoa não, não se consegue realizar, não tem qualquer margem de manobra, para exercer a sua, seu quotidiano, a... basicamente são estes os dois tipos forma de violência doméstica que, que existem.

E – Quais é que lhe costumam aparecer mais? As queixas é mais de físicas ou de psicológicas?

e – Há mais, há mais queixas de violência, violência física, embora haja sempre uma associação de uma e de outra, ou seja a... acontece, acontece, surgem muitas vezes situações onde não há só a violência física, não há só violência psicológica, há uma conjugação dos duas, mas mais reforçada em termos de violência física, nota-se que as pessoas...

E – Se calhar as pessoas não reconhecem a psicológica, ou não a identificam como sendo violência... será?

e – Se calhar numa fase inicial, se calhar numa fase inicial, a... pela experiência que eu tenho e também do universo daqui do concelho em causa, se calhar as pessoas inicialmente reconhecem tristemente que está mal, reconhecem a violência psicológica como sendo quase uma situação natural entre marido e mulher ou marido e mulher, ou no seio da família, com o tempo e associado à violência física e um agravar dessa violência psicológica, as pessoas acabam por reconhecer que alguma coisa não está mal, não está, não está bem, mas efectivamente a minha opinião é que, é que a física acaba por eliminar... em termos de fazer com que as pessoas se desloquem às Instituições policiais. Agora, há sempre uma conjugação das duas, portanto, elas acabam sempre por estar associadas uma à outra.

E – Normalmente não vêm só fazer queixa de violencia psicológica?

e – Normalmente não vêm só fazer queixa de violência psicológica, concordo. Pode eventualmente...

E – Se calhar há mais casos que vêm só apresentar da física do que só da psicológica? Qual é que...? Quando estão as duas conjugadas... isso é mais normal.

e – Fazendo, fazendo a pergunta nesse sentido, eu concordo. Há mais pessoas que vêm pela violência física do que pela psicológica e muitas vezes até acabam por deixar a psicológica para segundo plano, atribuindo-lhe um carácter de menos importância a... Depois no decorrer do acto processual e de falar com as pessoas, nós acabamos por, por incutir esses elementos nos autos, mas inicialmente não! Inicialmente as pessoas... a psicológica e tal, fica mais para, para segundo plano. O que está mal, mas também... é a opinião das pessoas, eu não me posso pronunciar sobre isso, cada pessoa é uma pessoa.

E – Claro.

e – E todas elas têm, têm opinião sobre este assunto.

E – A... todos nós sabemos que existem tipos e formas de violência que são socialmente aceitáveis, consegue identificar alguns?

e – Todos nós sabemos...?

E – Socialmente, não é legalmente.

e – Socialmente?

E – Socialmente.

e – Socialmente, as coisas hoje em dia estão a mudar, as coisas hoje em dia estão a mudar. A minha opinião é que a... a visão da sociedade sobre essa, sobre, sobre a

violência, seja ela de que natureza for, e então na violência doméstica já... eventualmente esse carácter do socialmente aceite está, está a mudar. Mas, eventualmente, há ainda uma faixa da sociedade que considera que a violência é, é aceitável, nomeadamente essa violência psicológica. Se for uma violência psicológica muito superficial e se o agressor, se neste caso o autor dos factos for uma pessoa (...) em termos de pensamento e de, e de, e de exprimir as suas opiniões, as pessoas, algumas pessoas e eu acredito, alguma faixa da nova sociedade que tenha, tenha alguma dificuldade em entender a violência, a coação psicológica, ou a violência psicológica a... como sendo, como sendo um tipo de violência. Concordo com isso.

E – E, por exemplo, quando é... está-se a reportar mais entre marido e mulher, por exemplo quando é com os filhos, também é violência doméstica. Não acha que existe algum tipo de violência aceitável socialmente?

e – Socialmente, embora a minha opinião não seja assim, como...

E – Claro.

e – Como é lógico, mas eu julgo que sim. Tanto as pessoas ainda entendem algum tipo de violência psíquica sobre os filhos como sendo forma de os educar, o que está mal.

E – E mesmo física, não?

e – E mesmo física também! E mesmo física também, embora a redução deva mudar e penso que com o tempo vai mudar, porque a mentalidade também muda. Portanto só não muda aquelas pessoas que nós sabemos, (...) que nós sabemos a... Mas concordo. Há algum tipo de violência física que é entendida como um acto de educar. Portanto, umas bofetadas, umas palmadas, podem ser entendidas como o acto de educar. Eu acho que não. Acho que educação passa muito mais que isso. Se calhar vale mais uma conversa, um olhar nos olhos e fazer sentir ao filho que o mesmo disparate não deve ser feito. Se houver uma preocupação, um tempo para educar do que propriamente as bofetadas, que são dadas naquele momento e no dia seguinte, ou na hora, no minuto seguinte, já se esqueceram. Mas não concordo. Há um tipo de violência física e psicológica que socialmente é aceitável. Não deveria ser, mas é, essa é uma realidade. E é essa a minha opinião, também que eu tenho, quando falo, quando falo com as pessoas.

E – Agora estava aqui a pensar a... contra crianças, contra... sendo vítimas as crianças e as mulheres, de certeza tem vários casos, denúncias... mas contra idosos, têm-lhe aparecido algumas? Não?!

e – Contra idosos, em termos de marido e mulher também, ou contra idosos para ficar, por exemplo, com os filhos?

E – Sim, pelos filhos, não enquanto marido e mulher, mas enquanto pais/filhos.

e – Mas enquanto... exactamente, enquanto... sendo os filhos os autores dos...

E – Ou os filhos, ou outra pessoa que tome conta deles, não é? Inclusive eles agora têm uma dependência...

e – Sim.

E – Quer institucional, quer familiar.

e – Esses casos não são muito vulgares, esses casos na, na, na, na chegada ao conhecimento das autoridades policiais. Não é muito vulgar, portanto... e desde que eu estou a exercer o meu comando, salvo erro, uma ou duas situações dessas. E é também quando os filhos exercem algum tipo de violência sobre os pais, mas não é muito comum, não é muito comum, até... e eu presumo também que o facto dessas notícias não chegarem ao nosso conhecimento tem a ver também com a mentalidade das pessoas.

E – E os idosos também não se conseguem queixar.

e – Exactamente.

E – Hum.

e – Exactamente, é o que eu estou a dizer, tem mesmo a ver com a mentalidade das pessoas, são pessoas de outra idade, a... viveram noutra tempo, têm alguma dificuldade em acompanhar os tempos de hoje, e, e a sociedade que nós hoje, que nós hoje temos e alguns deles... aí se calhar... para esse idoso se calhar... é socialmente, socialmente aceitável, é muito mais amplo e muito mais abrangente em termos de inventar e de não fazer queixa, do que por exemplo os filhos. Mas essa é uma realidade. Portanto, a nós surge-nos muito pouco, esse tipo de violência surge-nos muito pouco.

E – E na sua opinião qual é que acha, quais é que acha que são as formas de violência que socialmente são mesmo reprováveis? Que a sociedade não aceita de qualquer maneira?

e – Na minha opinião?

E – Sim.

e – Formas de violência que a sociedade não aceita.

E – Não aceita!

e – Isso é uma pergunta perfeitamente abrangente. Acho que a sociedade, hoje em dia, não aceita nenhum tipo de violência, especialmente quando há a mais vincada e

quando leva ao internamento, quando, quando as ofensas são de determinada gravidade, que eventualmente a pessoa fica chocada com, com, com ela. Isto a nível geral, porque se as ofensas corporais são graves é porque a pessoa fica chocada independentemente da, da, da, da situação e da, da, da faixa etária da vítima. Acho que, acho que é, é, é reprovável. No entanto, os crimes sexuais, os crimes sexuais, que eventualmente já não é a primeira vez, nem a segunda que essa situação chega ao nosso, chega ao nosso conhecimento. Na minha perspectiva e penso também na perspectiva da sociedade a... O marido viola a esposa, é configurado um crime de violência doméstica, embora seja depois enquadrado no campo da, da tonalidade sexual. Isto é muito grave, está-se a mexer claramente com a intimidade da pessoa. A coação psicológica se for, se for superficial é grave, mas... (...)

((Toca o telemóvel))

E – Esteja à vontade. Pode atender.

e – Posso?

E – Claro!

[[[[Interrupção para atender o telemóvel]]]]

E – Estávamos a falar do que é socialmente reprovável.

e – Sim, tinha falado já na situação da ofensa à integridade física, porque isso aí é aos olhos de toda a gente e depois estava a falar na criminalidade sexual, essa para mim é a mais, mais grave até. Mais, mais, aquela mais... é mais reprovada em termos sociais, porque mexe com a intimidade das pessoas. E essa intimidade, embora o autor seja o marido, neste caso estamos a falar um marido e a mulher, uma violação por parte do marido à esposa é muito complicado, é muito complicado, complicado, mexe com a intimidade da pessoa, sente-se inutil, sente-se como um objecto de prazer, a... em que tal, e o indivíduo faz dela o que quer, enquanto ser humano, enquanto pessoa que ele usa, e a pessoa fica completamente de rastos, essa situação a mim choca-me. Mas choca-me, esse tipo de crime no seio da família, mas também quando acontece com as crianças. Na minha opinião é mais reprovável uma violação do que por exemplo um homicídio, embora aqui estamos a falar... no homicídio cometido a vida da pessoa vai, vai embora, portanto, é o bem mais protegido pela nossa Constituição, é a vida. Uma pessoa que é violada, a vida não

vai embora, se calhar, embora muito, muito, se calhar até se pode mudar (...) a vida. Fica cá o corpo, mas se calhar a parte de dentro da mulher devia estar e o seu ego é capaz de ser especialmente (...) em situações extremamente complicadas, pelo menos (...).

E – A...

e – Assim como, assim como, não precisa muitas vezes de ser violação, pode não ser violação, há determinada criminalidade sexual, não, não acaba com, com a violação propriamente dita, mas que choca sempre as pessoas. Choca sempre as pessoas, porque a sexualidade, na minha opinião, é como um acompanhante da nossa existência, como um acompanhante da nossa existência, extremamente importante para nós nos sentirmos bem. A... quando isso acontece, portanto, quando acontece esse tipo de actos, é extramamente delicado fisicamente, (...) provável, mas psicologicamente fica, fica...

E – Mais ainda...

e – já tive oportunidade de passar um tempo com casos desses, não são as situações mais fáceis!

E – Mas nunca com menores? Os menores por norma não passam por vocês.

e – Nunca com menores, nunca com menores porque a violação de menores, ou os crimes sexuais praticados contra, contra menores, eventualmente menores de 12 ou 14 anos, consoante a situação, são crimes da competência reservada da Polícia Judiciária, onde nós só temos conhecimento quando eles... temos que nos (...) outro processo de investigação.

E – Hum, hum.

e – Embora, como calcula, estamos um pouco à margem, isso é da competência reservada deles. Tendo a competência, que investigue (...).

E – Pois.

e – (...)

E – Claro. Quais é que acha que são as causas da violência doméstica?

e – As causas da violência doméstica?

E – Sim.

e – Isso é outra pergunta bastante complicada. As causas da violência doméstica são várias, uma delas é o desgaste do dia-a-dia, pode ser esquisito, este desgaste, mas é uma verdade. É o desgaste, é as pessoas serem demasiadamente materialistas, porque é uma característica da nossa sociedade. As pessoas hoje em dia são muito, são muito materialistas, que leva a que tardiamente dêem pouca importância a

outros valores e pratiquem esses actos. É o conceito, o conceito de família, o conceito de família que hoje em dia está completamente distorcido, hoje em dia quase que... vai perdoar-me a expressão, vale tudo, menos tirar olhos. Não existe a família, não existe, ou melhor, existe, mas existe um conceito muito, muito distorcido, se calhar. Aqui há uns anos atrás, era extremamente... muito, era muito mau em termos de repressão e deu origem à liberdade que nós temos hoje e à revolução e ao sistema democrático. Se calhar hoje em dia as pessoas entendem tudo como sendo liberdade e não é. Há determinado tipo de situações, determinado, determinados valores que foram completamente desagregados da família e das pessoas, que não deveriam ter sido, na minha, na minha perspectiva. Daí ser tudo possível e as pessoas para atingirem os seus objectivos fazerem rigorosamente tudo. Outra situação que acho que tem a ver com os instintos das pessoas, com o próprio instinto, com a própria personalidade das pessoas. Há pessoas que por mais dificuldades que tenham, por mais situações complicadas que tenham na sua vida, a violência é um conceito que não faz parte da sua forma de ser e essas pessoas nunca serão violentas, pelo menos eu presumo, eu presumo que não. Tem a ver mesmo com a personalidade das pessoas e depois outros casos motivados também por influências externas, por exemplo: o consumo do álcool, a toxicodependência, embora... mas são claramente, são claramente factores e há pessoas e essas surgem com alguma frequência. Há pessoas que estando sóbrias, não ingerindo álcool, são pessoas perfeitamente sociáveis, que nunca cometeriam violência e depois com isto da anestesia do álcool ficam... assumem um carácter e uma personalidade totalmente diferente. Aí é de ficar provado que é nesse estado que essas pessoas praticam esses actos. Se calhar um tratamento ao álcool ou uma desintoxicação seria a solução do problema da violência doméstica. Portanto isso aí é muito mais complicado, porque o alcoolismo é uma doença, é uma doença que não se enquadra na saúde mental. A... e dificilmente o nosso sistema judicial tem forma de impor coersivamente uma desintoxicação ao álcool, quando esse é só o problema. A... por vezes falta é a vontade, a motivação por parte da, dessa pessoa. Como causas de violência doméstica, não sei se me esqueci de algum, mas vão estas, embora esta pergunta seja uma pergunta extremamente vaga, daria para nós estarmos aqui a falar muito tempo...

E – Hum, hum.

e – Mas eu presume que...

E – Não, acho que já...

e – Na minha opinião acho que...

E – Depois a pergunta seguinte... acabou por já responder na anterior, que era: porque será que os agressores exercem a violência? Já falou um bocadinho...

e – Exercem, exercem pelos motivos que já frisei e se calhar muitas vezes também como quase... como uma necessidade de afirmação. É lógico que essa afirmação é pela negativa, mas... impor se calhar a outra pessoa, impor à vítima o seu carácter mais forte, de dominador, a... e...

E – Mostrar o poder.

e – Mostrar o poder e afirmar-se dessa forma. Da pior maneira e pela, e pela negativa, mas eventualmente será um, um factor que os agressores exercem essa mesma violência. Se calhar não têm mais nenhum ponto, não tem mais nada que digam que são melhores e depois exercem esse seu poder sobre a vítimas como a sua forma de violência, pela negativa, mas eventualmente... presumo que será, será esse ponto.

E – Porque é que será que as vítimas continuam nas relações quando são vítimas de violência? Porque é que não se vão embora?

e – Primeiro de tudo, porque esta sociedade é complicada e, e o apoio que lhes é dado muitas vezes, e na minha opinião, é insuficiente, é insuficiente. Porque há pessoas que estão determinadas a sair, claramente determinadas a sair, estão cansadas, saturadas de serem, de serem vítimas de violência doméstica, a verdade é que ao sair, podem não ter o apoio que necessitam naquele caso. Porque falamos de vidas em comum, estamos a falar de uma situação claramente definida em termos de espaço habitacional, em termos, sei lá, das casa, em termos de filhos, em termos, e em casa muitas vezes as pessoas infelizmente podem usar isso como um travão ao acabar dessa, dessa relação e não dizer assim: "Não, isto chega! Não pode ser! Vou-me embora!". Primeiro vão embora, mas muitas vezes, quem pratica esta violência, quem, quem, quem, neste caso, exerce a violência, acaba por ficar muito melhor do que muitas vezes a vítima. Embora hoje, na minha opinião, enquanto profissional da força de segurança, acho que as coisas estão a mudar. Hoje em dia, os Tribunais com que eu lido, hoje em dia, já estão a ver a vítima de outra forma e se calhar prometem medidas de coação, são, são mais fáceis, essa é mais fácil depois impôr ao, ao agressor, por exemplo, o afastamento da, da... e isso visto de uma forma já mais, mais ampla e com mais e com mais valor por parte dos Tribunais, do que propriamente ter de ser a vítima a fugir para uma casa de acolhimento, ou para, ou para outra situação. Muitas vezes as pessoas mantêm-se porque não têm forma, nós

não vivemos da boa vontade, nós vivemos com dinheiro como é lógico a... não vivemos da boa vontade, os filhos não se vestem com boa vontade, não se alimentam com boa vontade, os carros não se pagam com boa vontade. A alimentação e outras coisas mais, são o mais... são necessários e faz parte da nossa, da nossa vida. E as pessoas muitas vezes, "com uma mão à frente e outra atrás", porque se calhar até investiram tudo naquela casa, naquela relação, naquele carro e de um momento para o outro, vão-se embora, com os filhos... e depois como é que é? E depois muitas vezes é também... é preciso ver o sítio para onde vão, para onde são colocadas, porque muitas vezes vão, saem da violência doméstica, mas se calhar são colocadas em locais muito diferentes daquele que... daquele que viviam, e às vezes podem sentir-se confrontadas com: será que vale mais levar umas bofetadas e estar aqui nesta casa onde não tenho luxo nenhum? E em minha casa... se calhar estar num sítio que não lhe diz rigorosamente nada, não tem qualquer nível de conforto. Embora hoje as coisas estivessem diferentes. Mas tenho uma opinião muito, muito precisa no que toca, no que toca às casas de acolhimento. Acho que haverá uma ou outra que seja... que tenha condições, mas há outra que se calhar, eventualmente não tem.

E – Conhece?

e – Conheço pelo menos uma delas, eu conheço, em Aveiro. E aquilo que conheço não é...

E – Não é muito agradável.

e – Não é muito agradável, porque conheço, conhecia, por exemplo quando foi uma pessoa (...) essas casas realmente... são casas que não convêm que a gente (...).

E – Claro.

e – Nem convêm serem enunciadas (...) e inclusivé já falei com algumas pessoas, não aqui, na, onde estou agora no serviço, mas no local anterior, com vítimas que tiveram, tiveram, foram abrigadas pela Segurança Social em determinado tipo de casas.

E – Sim, mas essas são as casas de abrigo, são as casas antes de ir para as Casas Abrigo, não é?

e – São antes? Mas é que isso marca as pessoas, as pessoas ficam lá e... isso conta, isso conta porque depois se não forem, se não houver uma oportunidade em termos de...

E – Muitas desistem enquanto estão nessas casas.

e – É complicado.

E – Isso é verdade.

e – Por isso é que digo que... essa... porque é que mantêm relações? é complicado, é muito complicado, por estes motivos.

E – Sair, não é?

e – É muito complicado sair.

E – Considera que a existência de políticas, estas políticas todas que apareceram agora nos últimos anos, de luta contra a violência doméstica, vão fazer alguma alteração nas representações sociais da própria violência doméstica? Ou o que é que acha que estas políticas trouxeram de novo para a nossa sociedade.

e – Essas...

E – Existem os Planos da Igualdade...

e – As políticas, os planos e essas campanhas de sensibilização, portanto, isto é tudo positivo, isto é tudo positivo porque se contribuiu para um esclarecimento da sociedade em termos de violência doméstica, para alertar as pessoas em geral dos direitos que têm, das formas que têm, independente daquele crime que é escondido, que este é um crime escondido, o da violência doméstica. É tudo, é tudo positivo, isso, isso, pá, maravilha! As campanhas são importantes, embora não, só por si não são suficientes, porque as campanhas, as campanhas são o... são o início, é, mas são, são, são extremamente, são, são fundamentais pelo menos para mudar a mentalidade e para as pessoas abrirem um bocadinho mais a mente a este tipo de criminalidade e denunciá-la, porque aqui assim, eu ainda não utilizei isso... mas esta criminalidade é complexa, logo na denúncia, logo na denúncia porque o que chega ao conhecimento das autoridades não é, nem de perto, nem de longe, na minha opinião aquilo que efectivamente existe em termos sociais. Não, inúmeros casos, presumo eu que há, pelo menos penso que há, penso que isso é uma solução... é da opinião geral, que há alguns casos que nunca chegam ao conhecimento das, das autoridades e alguns deles graves, alguns deles graves.

E – Hum... A... Mas acha que as pessoas agora já vêem, a partir dessa sensibilização, já vêem a violência doméstica como um crime?

e – Já. Eu acho que sim. Eu acho que de uma forma geral a sociedade já vê a violência doméstica como um crime. Há uns anos atrás se calhar não, se calhar a violência doméstica, seria um pouco complicado falar de violência doméstica, mas hoje, hoje de uma forma geral, na minha opinião, é que é visto já em termos sociais já como um crime. Como um crime grave e como um crime grave muitas vezes nunca se sabe qual é que é o "descambar" dele. Eu penso que sim.

E – Mas as pessoas, o facto de ser crime, faz com que qualquer cidadão o deva denunciar? O facto de ser crime público, não é?

e – Sim, claramente.

E – Então e porque é que os portugueses continuam sem denunciar?

e – Isso tem a ver com a mentalidade, eu acho que isso aí tem a ver... não tem nada a ver com as vítimas, tem a ver com a sociedade em geral. E continuam sem denunciar porquê? Porque para que as pessoas da sociedade vejam a violência doméstica como um crime... eu acho que... tirando aquela faixa etária de pessoas se calhar... a mais, de mais...

E – De mais idade.

e – Com mais idade, menos instrução. Em primeiro lugar, a vida torna-se... se lhe fizerem essa pergunta, elas... hum... violência doméstica um crime. Acho que a maioria das pessoas vê a violência doméstica como um crime. O problema é... sendo um crime público e é claramente, ou seja, qualquer pessoa pode e...

E – E deve.

e – E deve denunciar os casos que tem conhecimento, nesse âmbito, às autoridades policiais, não o fazem porque a nossa sociedade é materialista, como eu disse, é extremamente comodista e ainda reina aquela opinião... embora não me dê nenhum prazer dizer isto, mas tenho que dizer porque é a minha opinião: "se eu estiver bem, está tudo bem, se quem está à minha frente está mal, isso é problema dela". E infelizmente ainda reina esta mentalidade e depois é... também tem a ver se calhar com a situação que existe no que toca à protecção dos ciúmes, acho que aí também pode ter a ver... embora uma pessoa, a (...) não tem conhecimento disso, mas a minha opinião é que a protecção a este nível é muito complicada. E quem denuncia isso, ou seja, é o rastilho para um processo, e a pessoa que dá a cara e diz que naquele sítio tal e tal, aqueles vizinhos ou isto, que existem indícios de violência, essa pessoa é quase, é a peça fundamental num processo. E quer nós queiramos quer não, tem que dar a cara, tem que dar a cara e tem que frisar situações com quase... muito próprias, que visualizou ou que ouviu. E isso pode-lhe trazer chatices. As pessoas dizem: "Ah, eu até estou bem. Comigo até não se passa nada, pode ser que amanhã passe". O problema é que amanhã não passa, amanhã agrava-se e no outro dia agrava-se ainda mais e depois pode andar num período em que as coisas até estão numa fase de acalmia, mas depois quando volta, volta com maior gravidade, mas acho que tem a ver com o comodismo, tem a ver com as pessoas, que temem os problemas, temem os conflitos e se calhar há uma cobardia e um

egoísmo ao ponto de dizer: “comigo está tudo bem, os outros que se desenrasquem”. Mas aí acho, acho que, pelo menos, esta, esta é a minha opinião, não devia ser assim. Mas não deveria ser assim, mas, por outro lado, quem tem a coragem de denunciar este tipo, este tipo de dados, deveria ter outro tipo de protecção que hoje não tem.

E – Hum, hum. E relativamente às representações, aquilo que as pessoas acham da família, do casamento e em relação aos familiares, acha que isso também se foi alterando ao longo dos tempos? E, e por causa também destas políticas, destas novas políticas... que trouxeram...

e – No que toca ao conceito de família, ao conceito de casamento, de relações familiares, eu acho que aí as campanhas de sensibilização no âmbito da violência doméstica e todos os planos que existem, o Plano Nacional... Aí tenho algumas dúvidas, tenho algumas dúvidas se, se no que toca a esses conceitos e a esses valores na família, do casamento e das relações familiares se este, se estas campanhas tiveram algo, ou têm algo assim de muito positivo a acrescentar a estes valores, eu presumo que não! Eu presumo que para esclarecer a sociedade no que toca a... o que é a violência doméstica, o que é um crime, o que é... ou seja, para esclarecer as pessoas, acho que é muito bom, é muito positivo. E são sempre de valorizar, nunca são de mais, no que toca a esses conceitos eu acho que não... no que toca a esses conceitos eu acho que não, porque a alteração é muito pouca. A família, já o disse e continuo a dizer, hoje o conceito de família, na minha opinião está completamente, está desagregada, a família está desagregada a... aquela situação dos progenitores, dos filhos, a educação que se deve dar... está, hoje em dia está, está completamente a... desagregada. O casamento prende, o casamento tem o valor que tem, o casamento hoje em dia não é mais do que um contrato, na minha opinião, o casamento hoje em dia não é mais do que um contrato. Um contrato específico, porque as pessoas vão à Igreja, vestem um fato novo, metem uma aliança a... e começam a viver juntos, a... Mas não deixa de ser um contrato, só que o casamento, enquanto contrato, a mim não me diz rigorosamente nada, um contrato que nós fazemos com qualquer outra pessoa, uns escritos, outros verbais e é um contrato escrito. Agora, o problema é que o casamento é muito mais do que um contrato, porque acaba por ser uma união, em que as pessoas devem partilhar valores em comum, têm que os partilhar obrigatoriamente, porque se não as partilharem não há casamento e o melhor que têm a fazer é nunca casar. Têm obrigatoriamente para que haja um casamento e para que ele não cesse tem que

haver uma partilha de valores, depois tem que haver várias coisas, que hoje em dia são muito poucas, que é, tem que haver compreensão. As pessoas têm que ser tolerantes, têm que ser tolerantes e temos que saber onde é que acaba o meu espaço e onde é que começa o outro espaço, onde é que começa o espaço do meu, do meu marido ou da minha esposa. E há muitas, inúmeras situações que eu queria aqui, que eu queria aqui enunciar. As relações familiares, as relações familiares (...) tal e qual o casamento, tal e qual como a família e eu aí, sinceramente, acho que as campanhas no âmbito da violência doméstica, acho que não vieram acrescentar muito.

E – E o facto de, de permitirem que agora outras pessoas se intrometam no seio da família, onde existe violência doméstica? Será que isso não influenciou o conceito de família? Porque antigamente ninguém se metia nas famílias.

e – Não, eu acho que não. E acho que isso não influenciou o conceito de família, porque o conceito de família está desagregado (...).

(((Toca o telefone))))

E – A... outra pergunta que eu quero fazer então é à cerca dos direitos. Acha que estas políticas e estas coisas da luta contra a violência a... provocaram alguma alteração sobre os direitos e os deveres dos intervenientes nas relações familiares? Acha que os deveres e os direitos do homem, da mulher, do pai e do filho...

e – Mas esta situação...

E – Se alteraram?

e – Mas essa situação enquadrada num ciclo de violência ou...?

E – Não, não.

e – Ou no âmbito geral?

E – No âmbito geral. Ou seja, acha que estas políticas influenciaram a consciência dos direitos e dos deveres das pessoas?

e – Influenciar, influenciaram, mas, no âmbito geral, eu acho que de forma não muito significativa. Claro que se estivermos a falar em questão de direitos e deveres enquadrados numa situação específica, num ciclo de violência, aí é diferente. Aí é diferente, até porque estes planos que existem vieram consciencializar e vieram mudar determinado tipo de matérias de legislação, dentro da lei, e nesse aspecto, sim. No aspecto geral, acho que no aspecto geral não vieram assim alterar muito significativamente esses direitos e esses deveres.

E – Ou seja, na lei mudaram.

e – Na lei mudaram, claramente, enquadrado...

E – Mas socialmente...?

e – Enquadrado num ciclo de violência doméstica houve alterações significativas e positivas na minha perspectiva. Em termos gerais, enquanto direitos e deveres de âmbito geral, nas relações familiares... acho que aí não vieram alterar assim muito, muito. Se eu percebi bem a pergunta, não vieram alterar muito, porquê? Porque quem pratica, quem pratica esses actos, quem pratica esses actos, (...) ou se calhar uma invasão da privacidade na relação, na relação conjugal se for, se for entre marido e mulher, acho que aí a actuação foi significativa, porquê? Porque o Plano Nacional da Violência Doméstica e as campanhas de sensibilização e as comissões que existem e que são e que são algumas nesta matéria, vocacionaram-se mais... e estão mais vocacionadas para situações específicas, pontuais, concretas, uma resolução daquele assunto, da consciencialização sobre aquela matéria. Quer em termos da sociedade, quer em termos da, da, da, da, do poder legislativo e das novas medidas judiciais (...) mas para aquele caso, para aquele caso. De âmbito geral, lá está, acho que não, acho que não houve assim uma alteração de mentalidade.

E – Mas o facto de alterar nesse caso, provoca uma alteração no geral, ou não?

e – Provoca, mas porque a partir desse pressuposto, a violência doméstica, hoje em dia, é uma situação muito, muito, a... muito importante. A partir desse pressuposto que vai alterar tudo a... e a partir, ou seja, e estes planos e estas, estas, e estas, e estas campanhas iriam, iriam, deveriam, deveriam fazer com que as famílias voltassem ao seu conceito tradicional, voltasse, ou pelo menos a... a salvaguarda determinado tipo de valores que hoje estão esquecidos. Eu acho que não.

E – Mas a violência, a violência doméstica na família tradicional era uma constante, só não era denunciada.

e – Sim, no convívio, no convívio tradicional, na família tradicional onde se calhar não é circunscrita a... a... especifiquei mal. Não é aquela família tradicional antiga, é a família tradicional, não tradicional em termos de, de antiguidade e de, e de há muitos anos atrás. É a família tradicional enquanto salvaguarda dos valores, enquanto respeito mútuo pelas pessoas. Tem que ser, tem que ser uma constante e ao mesmo tempo também o respeito mútuo pelos filhos, a, a educação, a preocupação constante que deve haver dos pais para os filhos, no sentido de lhes proporcionar o melhor, no sentido de lhes dar de uma forma mais correcta, a... de

consciencializar para os perigos desta sociedade. E aí é que não, aí tudo é permitido, ou seja, hoje em dia... eu atrevo-me a dizer isto, embora não, ainda não é um conceito geral, mas eu atrevo-me a dizer isto: hoje em dia, para os pais, para os pais em geral, sempre com excepções, há aqui um, há aqui um determinado tipo de situações praticadas pelos filhos que até são graves, que até eventualmente podem não ser graves naquela altura, mas que podem evoluir para uma situação de descontrolo do pai, a... que pelos pais são aceites, é normal, foi um dia normal, tristemente, mas é verdade. É normal, hoje em dia, por exemplo, um miúdo com 14, 15 anos começar a fumar, o pai não liga muito a isso, de um modo geral. É normal, por exemplo, até se fumar um charrito ou isto ou aquilo, isso também todos fumam, isso é muito grave, mas sabemos que no caso da toxicod dependência, ninguém começa a injectar-se com heroína.

E – Claro.

e – Ninguém começa, ninguém começa a fumar drogas pesadas, começa-se sempre pelo AX e pela erva, começa-se sempre por aí. Só que... a iniciar assim... mas depois a tendência é sempre mais para a frente e não há, não há essa consciencialização da importância do controlo, do controlo enquanto alertar. Não pode haver aquele controlo apertado ao ponto de não dar liberdade, máxima liberdade, máxima responsabilidade. Mas como nós damos liberdade, temos é que ter a preocupação também de termos, dar essa liberdade, porque o que é normal é que haja um crescimento natural e não desfasado da sociedade, dos menores, mas ao mesmo tempo haver um alerta, haver uma consciencialização para os perigos, no sentido de haver um diálogo e haver aquela, haver aquela, aquela abertura por parte dos filhos se alguma coisa correr mal ou se alguma coisa fugir fora daquele (...) terem alguma, terem a abertura de chegarem aos pais e de contarem aquilo. Porque os pais chegam a casa cansados e muitas vezes preocupam-se com aquilo que não deviam, se calhar, se calhar os filhos ficam para segundo plano, se calhar até há mas... vou para aqui, vou para ali... os filhos vão crescendo, vão crescendo, vão crescendo e a forma mais airoso, mas também mais irresponsável, é olhar para a situação e os pais dizerem: "ai isso é normal, todos fazem isso e tal", não se querem preocupar com isso. E isso acontece e nós nesta profissão, e eu nesta profissão, às vezes vejo-me aí confrontado com pais, em que os filhos têm processos criminais já, já "com dentes" e os pais ainda complicam (...). Portanto, o filho ser apanhado sem seguro, sem carta, ainda por cima a fugir, a fugir às autoridades, "Isso é normal, descansa,

isso não é grave!”. Isso é verdade, é verdade embora seja sempre complicado estar a falar sobre estas matérias, mas esta é a minha opinião.

E – Pensa que existem factores contextuais que favorecem a violência? Ou seja, o contexto onde as pessoas vivem podem vir a favorecer uma pessoa a tornar-se agressora ou outra a tornar-se a vítima?

e – Sim, há determinados contextos que podem, que podem ajudar. Se não for ajudar, se não ajudarem na, na, no iniciar do acto, no geral, na violência, podem muitas vezes ajudar na manutenção.

E – Por exemplo.

e – Por exemplo? Quando as pessoas, por exemplo, vivem, vivem isoladas, quando não têm relações com os vizinhos, a... quando não há ninguém em quem confiar, quando as pessoas estão isoladas da, da sociedade em si, é muito mais fácil, para o agressor é muito mais fácil, para a vítima é muito complicado. É muito mais complicado do que aquela vítima que vive... que tem boas relações com os vizinhos, que até confia nelas, que até tem determinado tipo de conversas, que até há determinado tipo de desabafos. Este é um contexto que pode muitas vezes... embora não tenha muita influência no, na minha opinião, no iniciar, no gerar do conflito, pode ter, ser eventualmente fundamental na manutenção. Porque o agressor sente-se ali como “peixe na água”, tem todas as condições e mais algumas para, para a manter. A... e muitas vezes o gerar também, esse, esse contexto também pode ser, pode, pode gerar essa violência. Tem a ver também com a mentalidade, com a característica do local onde as pessoas vivem, com a característica do local onde as pessoas vivem. Se calhar até mesmo com, com o carácter de normalidade que existe neste tipo de actos. Se calhar é normal, porque o vizinho também dá umas bofetadas na mulher e ninguém liga a nada, depois... o vizinho do lado esquerdo, do lado direito, com o vizinho do lado direito, havia constantemente uns gritos, mas é normal, porque toda a gente diz que é (...) e tal. E esses contextos ainda também têm, podem eventualmente levar a que aquele agressor, que até pode estar motivado para aquele tipo de actos, mas que ainda não iniciou porque tem medo, sabe que o vizinho se ouvir alguma coisa é capaz de denunciar. Eles são inteligentes, eu acho que nós, hoje em dia, temos que pensar que os agressores são inteligentes. Só assim é que a gente os consegue combater e só assim é que a gente consegue dar a volta à situação. Pode haver um ou outro que não seja muito, mas... em regra geral, eles são inteligentes e muitas vezes podem fazer as coisas, podem faze-las não... podem faze-las não com aquele intuito de ser muito inteligente para esconder

e dizem assim: "eu faço isto com aquela intenção, não posso ir para ali, porque se for para ali, posso ter problemas desta natureza ou daquela". A verdade é que as pessoas de uma forma natural podem fazer isso. O isolamento é uma constante, embora eles muitas vezes... podem não isolar, com aquele sentido de isolar e de esconder, mas fazem-no porque sabem que não é correcto. Mas há contextos que eventualmente favorecem, favorecem a violência doméstica. (...) há esse contexto, o contexto do isolamento, o contexto social em si, a relação com, com, com os vizinhos.

E – E por exemplo, o económico?

e – Também. Sim, eventualmente. O económico, sim. O económico leva à existência de problemas, leva até à perda de paciência por parte das pessoas, é mesmo, o económico... sim, sim, o contexto económico é realmente um, uma situação fundamental. Agora isso tudo associado e estando a pensar na personalidade destas pessoas, porque há pessoas que podem não ter dificuldades, mas que dá-lhes gozo, há aquela violência doméstica que é praticada porque dá gozo, dá gozo ao agressor exercer o poder sobre a vítima, massacrar, acaba por ser uma forma de afirmação, o único motivo para aquele acto é uma forma de afirmação. É onde eles se sentem melhor, a... E depois há outra situação que não é pelo puro prazer de fazer isso, mas que a situação descamba nesse sentido, por razões económicas e por outras razões.

E – Pensa que a violência doméstica aumentou ou diminuiu nos últimos anos no nosso concelho? Em Montemor-o-Velho...

e – Violência doméstica? Não estamos a falar de violência doméstica denunciada? Porque se falarmos em violência doméstica denunciada há um aumento.

E – Sim.

e – Se falarmos em violência doméstica geral, num contexto geral, esquecendo completamente a denunciada, porque nós sabemos que a denunciada não corresponde à realidade, eu acho que aí há uma diminuição, eu acho que aí há uma diminuição porque as pessoas, fruto dessas campanhas que existem, as pessoas... e aquelas que não são assim muito, mais escolhidas, estão mais atentas ao mundo que as rodeia, têm que pensar efectivamente duas vezes antes de praticarem determinado tipo de actos dessa natureza. Eu acho que de uma forma geral, há uma diminuição, se falarmos em denunciada há um aumento, efectivamente a sensibilização é diferente, a (...) era diferente e aí... leva claramente a que haja, a que haja... no geral há uma diminuição, na denunciada, fruto das campanhas, do alertar e da consciencialização das mentalidades, há um aumento. Porquê? Há vinte

anos atrás ou há cinco anos atrás tínhamos X casos e hoje, cinco anos depois, temos X mais Y, mais Z, mais... Portanto, de um modo geral no nosso concelho, ela diminuiu.

E – E a nível nacional? Acha que é igual?

e – A nível nacional acho que é igual, pelo menos presumo que sejam... que esta filosofia de pensamento em termos, em termos desses números e desse aumento ou desse decréscimo, penso que isso acontece a nível nacional. Posso estar a cometer alguma falha, em termos de estatísticas, mas pelo menos é essa a minha, é essa a minha opinião.

E – Agora não se assuste, faltam as outras dez, dez não, já só faltam sete (risos), são as últimas sete. Antes da alteração da lei para crime público, a... tem noção da percentagem de vítimas que retiravam as queixas?

e – Isso eram imensas, eram inúmeras e mesmo hoje as pessoas ainda, ainda manifestam vontade de desistir. Portanto, aí e enquanto polícia que sou, claramente, se há coisas que não faltam nos postos da guarda e nas esquadras é senhoras a queixarem-se dos homens, pelos mais variadíssimos motivos, sejam violência física, seja violência psicológica, seja qualquer outro tipo de violência, mas que gera sempre à volta destas duas. Há o apresentar da queixa hoje, porque estamos a quente e depois amanhã, afinal “o meu marido fez aquilo, porque até tem razão, e eu quero desistir, porque não me quero divorciar, porque tenho os meus filhos, porque tenho a minha casa”. E antigamente havia claramente uma valor significativo de denúncias que eram apresentadas e que *à posteriori* as vítimas vinham desistir, muitas vezes sem fundamento, sem um fundamento muito válido, ou até um fundamento muitas vezes inexistente: “desisto, porque quero desistir”. E hoje ainda há pessoas que vêm manifestar aqui a... a intenção, ainda há bem pouco tempo eu tive uma situação. A pessoa veio cá e factos que, na minha perspectiva, a serem verdade, não é? Porque muitas vezes olhar para a pessoa e saber o que está a pensar e saber se está a ser verdadeiro ou não. Mas há pessoas ainda, que ninguém lhes faz a vontade, mas é lógico que isso aí, depois terá que ser a última palavra, como sabe, é o Ministério Público, é a eles que compete encontrar a verdade na situação pública, em termos da natureza do crime e aceitar ou não aceitar a desistência, mas há muitos casos desses.

E – E quais acha que são os motivos, os motivos que as levavam a desistir?

e – Os motivos são, foi aquilo que eu falei, é uma alteração completa no seu tipo de vida que aquela queixa levou, nomeadamente a um processo de divórcio,

nomeadamente, se calhar a uma insuficiência económica, a um comodismo, como eu próprio falei, a um comodismo, a... também, também uma falta de afirmação própria, onde as pessoas é mais fácil desistirem, do que avançarem com um processo de divórcio, de separação de bens, de poder, de regulação do poder paternal em relação aos filhos. São tudo as regras, quando as pessoas sabem que vão existir, vão existir determinado tipo de dificuldades e nesse processo acaba por haver um comodismo, uma falta de afirmação e é mais fácil desistir.

E – Pensei que seria por medo do agressor ou por ameaça do agressor.

e – Também, também existe, claramente. É uma situação que eu ainda não tinha frisado, mas também, claramente, a coação, a coação por parte do agressor pode levar a vítima a desistir do procedimento criminal, também, sim, sim. Nós sabemos que existe e pensamos ser ponderado, concordo plenamente com essa, com essa ideia, por acaso não tinha frisado, mas concordo com ela.

E – Tem conhecimento de um conjunto de medidas de coação que são aplicadas aos agressores, com certeza?! Melhor até que eu (risos).

e – Sim, tenho, tenho, tenho conhecimento e presumo que aqui interessa, segundo a experiência que tenho, neste concelho, o resto...

E – Sim, neste concelho.

[[[Fim do lado A, início do lado B da cassete]]]

E – Bom... quanto às medidas de coação?

e – Quanto às medidas de coação. Neste concelho... eu estou aqui há cerca de dois anos e oito meses, as medidas de coação foram... Para já, para ser aplicada uma medida de coação é emitido um mandato previamente (...) que é muito válido. Agora, ultimamente há uma preocupação muito grande no que toca a preservar a vítima e no que toca a fazer cessar este tipo de actos. Porque como sabe, a detenção fora do (...), a aplicação da medida de coação, durante o relatório judicial, não pode ser aplicada, essa, essa emissão do mandato não pode ser em qualquer caso. Há muita violência doméstica e números para cumprir, aqui. E a legislação passa por... já houve um caso de afastamento da residência, claramente, portanto foi o agressor que teve que sair. O afastamento da residência, apresentações periódicas à autoridade policial. No âmbito do inquérito, como medidas de coação, foram essas: o afastamento, o afastamento da residência e proibição de contacto, duas ou três vezes, não sei precisar. Em termos de afastamento da residência, se a memória não

me falha foi um caso. A proibição de contacto, um ou dois também, de indivíduos que saíram de livre vontade, portanto não se impôs coercivamente o afastamento da residência, impôs-se sim foi a proibição de contactos. Apresentações periódicas no posto policial... desde que eu estou aqui neste concelho, estes, estes foram as medidas de coação aplicadas. Depois, no âmbito do inquérito, embora não seja uma medida de coação, mas é de elevada importância, várias buscas a residências que tiveram, que foram iniciadas com, em processo de violência doméstica. Apreensão de armas, apreensão de armas, tenho aqui no posto várias armas apreendidas com base na violência doméstica. Há um ciclo de violência, há a existência de armas, armas legais, registadas, mas que por serem armas constituem um risco acrescido ao encontrarem-se perto do agressor. Portanto, várias armas apreendidas, se calhar mais de uma dezena, mais de uma dezena em termos de apreensão de armas. E nesta matéria penso que... neste concelho, pela experiência que eu tenho, é isto que eu tenho para dizer. Noutros, muito mais. Tenho por exemplo um caso de um indivíduo...

E – Noutro concelho?

e – Mas noutro concelho, sim. Aqui não. Aqui, se a memória não me falha são só estes.

E – Pois... a pena máxima que eu já ouvi, que saiu no Tribunal, foi de seis meses de pena suspensa.

e – Sim, mas isso não é medida de coação!

E – Sim, foi no fim do julgamento.

e – Isso é um julgamento e sobre isso...

E – Já não consegue...

e – Nem se quer me vou prenciar. Assim como a medida de coação também... prencio-me, pela experiência que eu tenho, mas não depende rigorosamente nada (...). Pode, pode depender sim é no que toca à instrução do inquérito e apresentar, quando eles são presentes a Tribunal, para lhes ser aplicada a medida de coação, os processos irem bem instruídos, irem bem fundamentados, porque se não foram bem fundamentados, a... nem bem instruídos, eventualmente, a juíza não, não é bruxa, não é? Não consegue adivinhar e tem que ter matéria à frente para, para analisar. Mas a medida de coação, não é da nossa responsabilidade, como sabe, é da polícia judiciária e, neste caso, do Juíz, nem do Ministério Público.

E – E concorda com estas medidas de coação? Acha que deviam ser mais leves ou mais pesadas?

e – Nos processos, nos processos que eu, que eu me lembro, neste, neste concelho, acho que as medidas de coação até foram proporcionais, foram proporcionais. Mas isso é sempre complicado, é muito complicado dizer isto, assim como a violência doméstica é complicado, nós analisarmos e sabermos o que é que, qual é que vai ser o dia de amanhã... Elas são proporcionais, agora, se eu concordo com elas ou não, isso é uma pergunta muito, é uma pergunta muito, muito complicada, isto porquê? Porque quando é aplicada uma medida de coação, tem que se pensar de várias formas. Tem que se pensar muitas vezes também, na motivação da vítima, o que é que a vítima quer? A... e a medida de coação deve ser uma medida de coação, muitas vezes não interessa o valor que ela tem em termos de... de ser mais ou menos elevada, se calhar, a medida de coação, é mais importante para a medida de coação em vez de ser muito gravosa, como ir para a prisão (...) ou a prisão domiciliária ou o afastamento da residência, também agora já não se aplica muito, porque continua no meio. Se calhar, mais importante do que qual a medida aplicada, se é uma mais ou menos, mais ou menos pesada, se calhar o mais importante nesta matéria é a oportunidade da sua aplicação. Se calhar é mais a oportunidade da sua aplicação, porque se ela for oportunamente aplicada, isso é... oportunamente aplicada e depois avaliada, porque às vezes aí é que pode surgir muitas vezes a dúvida. É que ela pode ser aplicada e não pensarmos que, que a aplicação daquela medida de coação pode ser a solução do problema. É o início da solução, mas deve ser avaliada e deve ser... deve haver um acompanhamento.

E – Normalmente é avaliada por quem?

e – Normalmente tem que ser avaliada pelo Juiz, em termos legais.

E – Então, mas ele não tem consciência se isso...

e – Tem que ter consciência, porque tem que se socorrer das vítimas, tem que se socorrer das inquirições, tem que se socorrer do processo em si para...

E – A... não há ninguém que fique a vigiar se a medida de coação está a ser aplicada, se está a ser cumprida ou não?

e – Não. Não. Normalmente é, é, é nos oficiado a nós, para nós, para nós, para nós vigiarmos isso. A... mas eu quando digo o cumprimento da situação, digo o cumprimento da situação mesmo por, a... pelos serviços sociais, por psicólogos e por sociólogos, porque eventualmente há coisas aqui que nós não conseguimos controlar. Por mais que queiramos e por mais vontade que tenhamos, não conseguimos controlar. O, o, o agressor é, ele vai-se afastar da residência, está certo, maravilha!

O problema está resolvido! Não está! Não está, porque não pode haver um polícia atrás do agressor vinte e quatro horas por dia.

E – Pois, para saber se ele lá está ou não, não é?

e – Depois é preciso... será que a vítima está motivada, para no caso de ser, de ser interceptada, denunciar? Será que a vítima está, está motivada para a sua segurança pessoal? Porque isto aqui é muito relativo, a violência doméstica é muito... qualquer crime é muito relativo, porque se, se o processo foi muito bem conduzido ao início, se a medida de coação foi muito bem conduzida, se não é, se não é um controlo da situação em termos de acompanhamento, pode estar tudo muito bem até ali, até ao dia de hoje pode estar tudo muito bem, só que a seguir ele vai lá e a seguir mata-a, mata-a. Nada teve sentido, nada teve sentido! Por isso é que... aqui a gravidade da medida de coação acaba por ser relativa, mas é fundamental, não é? É fundamental, porque as pessoas sentem-se responsabilizadas e é fundamental. E se calhar, e se calhar a parceria que devia existir entre (...) se calhar não existe da melhor forma, embora hoje em dia já comece a existir, claramente e as coisas estão diferentes, claramente são diferentes de há uns anos atrás. Eu lembro-me que quando comecei nesta profissão, a... as coisas eram normal e que devem acontecer, há uns anos atrás havia... até mesmo por parte da instituição pública policial e da cadeia judicial, uma certa reserva, eh pá, mas agora... psicólogos, sociólogos, técnicos superiores de serviço social. Hoje em dia não, hoje em dia as coisas são vistas com naturalidade muito maior, é muito mais fácil em relação a isso, porque entendo que nestas coisas não é só responsabilidade nem do Tribunal, nem das forças de segurança, portanto, isto tem que haver aqui uma parceria claramente de união, de conjugação de esforços no sentido de a gente ajudar quem, quem naquele momento precisa. E as coisas são vistas desta forma.

E – Muito bem. Quanto ao nível de satisfação obtida por parte das vítimas... tem aumentado ou não? As vítimas que denunciam, que vão para a frente com os processos.

e – Eu acho que sim, eu acho que sim, de uma forma geral acho que, acho que o nível de satisfação das vítimas tem... tem aumentado. Pelos menos daquelas que estão motivadas para, para a resolução do problema e essas aí é que contam, porque as outras não interessam. As outras nem... essa pergunta não se tem feito às outras, mas acho que estas... eu acho que sim! Há muita barreira, há muitas coisas a contornar, mas eu penso que o nível de satisfação das vítimas tem aumentado.

E – Mas mesmo relativamente às penas dos agressores?

e – Pois isso aí, relativamente às penas já não sei. Mas se calhar nem tanto. A... mas eu acho que aqui a pena até acaba por ser... confesso... eu sou apologista de que não é uma pena pesada que vai corrigir um indivíduo, porque ele a seguir até se pode meter numa coisa pior. Eu acho que não são as penas pesadas que, que vão corrigir os indivíduos! Embora as pessoas tenham sempre a noção e a sociedade em geral tem a noção: “Oh pá, matou, tem de apanhar vinte e cinco anos! Violou, oh pá violou, oh pá, tem que apanhar doze anos!”. Isso é relativo, isso é relativo. Pelo menos, eu tenho lido (...) pessoas com, com (...) na área dos estudos que dizem que não são as penas pesadas que vão, que vão contribuir para a melhoria da sociedade. Como sabe nos Estados Unidos há a pena de morte e não é por isso que esses crimes não existem lá.

E – Pois não!

e – Pelo contrário, pelo contrário. Por isso eu acho que... pena mais pesada do que a pena de morte não existe. A pessoa não pode ser morta duas vezes, só pode ser morta uma vez e no fim de ser morto, acabou. Agora em termos das penas, acho que não é assim tão determinante no caso, portanto um indivíduo apanhar quinze ou vinte anos de prisão, cinco anos ou três anos de prisão efectiva, porque nós aí já vamos entrar num... não queria entrar já nesta matéria, digamos que... Para eu dizer que as penas devem ser mais pesadas e poderiam ser mais pesadas, eu não posso nunca dissociar que as pessoas são presas, mas vão para a prisão e não me posso esquecer do esquema prisional, das fragilidades que ele tem. E todos nós sabemos, acho que com precisão, não se precisa conhecer, basta só ler um bocadinho e ver televisão, mas pelo menos... para ver que o sistema prisional tem falhas e falhas. E para ver que às vezes as pessoas vão para lá e... não é por isso que são corrigidas. Portanto, o (...) quanto a mim, as pessoas estão privadas de liberdade, mas depois temos que contar que elas vêm cá para fora.

E – Passado algum tempo e às vezes piores.

e – Passado algum tempo... Eu posso estar casado com uma fulana e ser um agressor e entretanto passo por um processo de divórcio e aquilo tudo, tal, tal e fico um indivíduo porreirinho. Agora sou a pessoa mais... bondosa deste mundo e a seguir... Portanto, há coisas de base que quando são eficazes.

E – Então e considera que a criação destes planos, da Igualdade e Contra a Violência, conduziram a uma mudança efectiva na maneira de intervir por parte das entidades locais nas situações de violência?

e – Claramente. Aí...

E – O que é que mudou?

e – Mudou tudo. Aí mudou tudo. Embora haja sempre coisas a melhorar, eu nunca estou satisfeito, nunca estou satisfeito, é a minha filosofia, nunca estou satisfeito. Mas mudou claramente. Mudou a mentalidade das forças policiais para lidar com este grupo, que é fundamental, porque se calhar as coisas começam logo connosco, e se a pessoa tem a coragem e se consegue chegar até aqui, quem está aqui e tem a profissão que eu tenho, tem que estar sensível a isto e não pode nunca minimizar o problema, pelo contrário, mudou a mentalidade das forças policiais. Mudou a forma da denúncia em si, mesmo nos Tribunais, portanto, estamos a falar... é o único crime que tem um auto de notícia específico para ser denunciado, mais nenhum crime. Se houver um homicídio o auto de notícia é uma folha branca, se houver uma violação, embora uma violação não neste âmbito, o auto de notícia é uma folha branca, se houver um furto numa escola, é uma folha branca. A violência doméstica não, tem um auto de notícia específico, a... padronizado, que há coisas que nós temos liberdade de escrever, há outras que respondemos unicamente ao que lá está, associado a uma avaliação de risco que existe também. Portanto, isto, isto é uma mudança bastante grande. Mudou a forma de intervenção das autoridades policiais. Há uns anos atrás um agente da autoridade entrar num domicílio às dez da noite ou às três da manhã, era uma coisa que era... Meu Deus! Dava impressão que um domicílio era quase como um santuário, só que não era religioso, hoje não. Hoje em dia o domicílio tem protecção também, não é? Mas essa protecção é uma protecção aparente, porque... embora também... imputa às forças de segurança uma responsabilidade noutro tipo de serviço, como é lógico. Agora, se eu entender às três da manhã que devo arrombar uma porta de um domicílio e entrar lá dentro, depois uma análise, como é lógico, não pode ser de uma forma leviana, mas eu posso entrar lá dentro, claramente, não pratico nenhum crime por ter esta iniciativa, desde que eu tenha que proteger a integridade física de alguém. Com fundamento, como é lógico, não vou fazer isso, porque... por meu belo prazer.

E – Claro.

e – Acho que ninguém faz isso por seu belo prazer. Agora, se houver um fundamento, se houver ali um perigo eminente... então conta com isso.

E – E antigamente não era assim?

e – Antigamente, antigamente... isto é uma coisa que... para as forças de segurança, em si, arrombar uma porta... Meu Deus do céu! Agora é assim, hoje em dia os problemas podem existir se não se fizer esses tipo de actuação. Mas repito, estamos

a falar de situações muito concretas, que tem que haver uma análise, como é óbvio! Tem que haver essa análise, agora, a existir esse risco de perigo eminente para a vida e para a integridade física, a legislação contempla, nós temos que fazer isso. Eu quando digo nós... digo, estou a utilizar aquele... eventualmente não posso falar por todos, mas pelo menos enquanto comandante do posto, a informação que eu dou aos elementos que se deslocam a essa... é lógico que... consciencializando-os para a gravidade e para a necessidade de averiguação, não é? Porque que, portanto, um erro aqui pode ser fatal. Um erro aqui, portanto, arrambar uma porta, entrar dentro, quando nada justifica esse tipo de comportamento, é grave por parte do agente da autoridade, mas... Na dúvida, portanto, na dúvida, desde que haja alguma fundamentação e aí tem que haver, há uma colaboração já... é preferível fazer isso, do que actuar por omissão no que é a autoridade em si. Mas isto é uma área eventualmente... caso a caso...

E – É que se vê.

e – É que se vê. Mas esta é a filosofia e esta é uma mudança. Quem diz isso, diz mesmo quando estão os processos em inquérito, os processo de inquérito que lidam com a violência doméstica, não é? Há uma magistrada... que está a trabalhar a cem por cento neste tipo de criminalidade. As instituições policiais têm, têm secções de investigação específicas para este tipo crime maior. Portanto, isto são tudo mudanças e boas, neste caso, boas.

E – E das outras entidades, não tem conhecimento? Não pensa que existiram...

e – Das outras entidades...?

E – A... por exemplo, da saúde, dos serviços sociais... acha que houve também alterações ou que foi mais ao nível da Justiça?

e – Da saúde, da saúde também houve.

((((toca o telefone)))

[[[Interrupção]]]]

E – Estava a falar dos serviços de saúde.

e – Nos serviços de saúde também, acho que também houve uma consciencialização, até mesmo, quando as pessoas lá chegam com determinado tipo de marcas corporais que envolvam... acho que esses casos são denunciados, pelo menos pela experiência que eu tenho neste concelho, são, são denunciados. É lógico também, se as pessoas lá chegarem, encobrirem e se não for uma situação muito grave, o

médico também tem alguma dificuldade... mas isso, todos nós temos dificuldade quando a pessoa, quando a vítima quer esconder, a dificuldade é geral. Mas houve também uma mudança nos serviços de saúde e na Segurança Social também. E há claramente, há claramente uma mudança. Sempre há algo mais a fazer, mas isso aí é já o meu sentimento de um processo inacabado.

E – Pois.

e – Mas eu vejo claramente que toas as entidades envolvidas neste tipo de matéria, houve mudanças e mudanças significativas e neste caso, positivas.

E – E quais é que são as formas de actuação em caso de violência doméstica? Os procedimentos utilizados... são iguais quando são crianças, quando são mulheres, quando são idosos?

e – Os procedimentos em termos de instituição policial?

E – Sim. Os vossos procedimentos, o que é que vocês fazem?

e – O procedimento começa logo com uma averiguação, o mais cedo possível ou no momento da denúncia, quando nos é denunciado, uma averiguação pormenorizada de toda a situação. O que é fundamental para nós podermos, logo de início, avaliar essa situação e tentar ver o grau de gravidade que ela, pelo menos, naquele momento tem, o que interessa é aquele momento, depois o futuro logo se vê, mas aquele momento, não é? Para analisar a situação. Em termos de actuação, actuação é, é uma denúncia com alguma celeridade às autoridades judiciais. Esses autos carecem de um despacho do comandante de posto, essa é outra das novidades que há, que temos que utilizar. É o único, é o único tipo de criminalidade que carece de um despacho do comandante do posto. A... é essa denúncia célere, é esse despacho que existe.

E – E encaminham para quem?

e – Encaminhamos sempre para o Ministério Público, sempre. Quando são envolvidos menores, no âmbito da CPCJ, é enviado à CPCJ, logo de forma automática, de forma automática. E depois a actuação é, no meio disto tudo... Portanto, isto aqui é o iniciar do processo, é a denúncia ao Tribunal e à CPCJ, quando estão envolvidos menores e é esse despacho. Eu nesse despacho, pelo menos preocupo-me em... se houver armas para apreender, se for uma situação muito grave que eu... em termos de medidas urgentes, eu não me, não me retraio. Há pouco fiz um comentário, já o fiz e por isso é que (...) determinado tipo de formalidades e de, e de expediente. A actuação é esta, é lógico que há uma preocupação, há uma preocupação, mas a actuação inicial é esta. A... depois o cidadão manda dar, mas as armas são uma

prioridade nossa. Se houver, se houver... e depois da situação ser denunciada, outras situações... há sempre uma interligação de factos. Até porque o próprio acto assim o permite, não se consegue, não se consegue alterar essa... alterar essa, essa forma. Em termos de formas, de formas de actuação, essa forma de actuação refere-se ou em termos de expediente ou refere também no momento, no local... a forma de actuação é, é ampla, não é genérica. E no local, há uma preocupação de quem vai aos locais de averiguar a situação que nos foi levantada e tem necessidade, logo além da própria denúncia, de qualquer papel, há essa necessidade de intervenção urgente. Mas isso é na violência doméstica, mas também noutros crimes, aqui assim, mais reforçado, porque são crimes praticados entre quatro paredes, com tendência para serem ocultados. A... nós temos uma preocupação acrescida, não é? Em termos de actuação, oh pá, não sei, não é mais do que isto. Aqui as entidades policiais não podem muito, têm que estar articuladas, têm que estar sempre articuladas com o Ministério Público, até porque há um determinado tipo de competências (...) e nós não temos, não temos qualquer base legal para, para as aplicar. Aqui há uma interligação e aqui, no caso concreto, acho que ela existe com, com o Tribunal. Estas são as formas de actuação.

E – E depois têm que esperar que o Tribunal vos dê novas indicações, não é?

e – O inquérito, o inquérito é avançado automaticamente, o inquérito é iniciado à parte, com a inquirição da prova testemunhal, é e eventualmente com inquirição por parte do, do...

E – Do agressor?

e – Do agressor, se a situação não for muito grave. Se for uma situação, assim que nós vemos que, eventualmente, o facto de ele vir aqui ao posto não... não constitui um risco acrescido.

E – Mas antigamente não era assim, antigamente chamavam-nos sempre.

e – Antigamente, antigamente era diferente. Hoje em dia, as coisas já são mais acatosas, neste sentido, porque... quem está aqui assim a notificar um agressor para vir aqui ao posto prestar declarações, num processo de violência doméstica, pode não estar a arranjar a coisa muito bem, pode estar a torna-lo mais agressivo e quase que é, perdoe-me a expressão, “entregar o ouro ao bandido”, é dar-lhe conhecimento a ele de que o processo foi despoletado e... Isto é fundamental evitar, portanto. Não me posso nunca esquecer da vítima, porque a minha preocupação é a vítima. E há determinado tipo de processos em que eventualmente o agressor nem sequer é chamado aqui. Esses casos de primeiro interrogatório, que já são alguns,

desde que eu cá estou, a vítima nem sequer é chamada a depor. E muito bem. Isto porquê? Porque é intimidativo numa primeira análise, numa primeira fase, logo com autoridades policiais, que tem a oportunidade de ver a forma como ela rege, que tem a oportunidade de conferir uma avaliação de risco para aquela vítima, por parte daquele agressor, mas ao mesmo tempo, tem logo a facilidade de lhe aplicar uma medida de coação. E a única medida de coação que eu posso aplicar, que nós, entidade policial podemos aplicar é uma só, que é o Termo de Identidade e Residência e que aqui não resolve rigorosamente nada. Não resolve rigorosamente nada. Por isso é que já há essa preocupação claramente em, em ponderar a notificação do, do agressor. Não poderia ser de outra forma, porque se não seria uma irresponsabilidade, uma negligência muito grande por parte da autoridade policial.

E – Muito Bem. E que tipo de apoios é que prestado aqui às vítimas, aqui no concelho? Para além do vosso apoio, onde é que as vítimas se podem dirigir?

e – As vítimas podem dirigir-se a muitos lados, é preciso é que elas tenham vontade, se elas tiverem vontade, nós podemos informá-las disso. Pelo menos... para nós, nós temos apoio em termos de, de acolhimento, não aquele apoio técnico, apoio em termos de acolhimento e também depende da situação em que a vítima aqui se apresenta. Portanto, nós temos ali uma sala de apoio, uma sala para a vítima, onde efectivamente há, há um conforto, é um espaço reservado para elas, que não é usado assim... depende da situação em que ela está, depende da vítima, de como ela se apresenta (...). Se não for uma situação mais urgente (...), nota-se que efectivamente não há, pelo menos naquela primeira fase, não há uma necessidade de estar... porque ela se apresenta nervosa e a conversa, embora seja sempre cuidada, porque aqui é fundamental ficar a saber, para nos dar informação, para nós podermos depois avaliar as coisas. Efectivamente (...) as equipas de investigação é um bocadinho... normalmente esses assuntos são tratados aqui no posto por três pessoas, quando eu cá estou, e quando eu cá não estou e haja uma situação que saia um bocadinho fora do normal, sou eu que atendo a pessoa e em última análise, até aqui neste gabinete. A... quando assim não é, é dividido por mais dois militares, são militares que estão ligados à investigação criminal e têm formação nesta matéria (...), como não poderia deixar de ser, para respeitarem a privacidade, a privacidade das, das...

E – Das vítimas?

e – Das pessoas. Se a pessoa estiver motivada, pronto, a... (...), os contactos e o local e isso tudo, ou seja, informamos as pessoas. Não podemos fazer mais do que dar uma mera informação e dizer-lhes que é uma mais valia para elas e que pode constituir um local onde seja o início da resolução do seu problema, não no aspecto, não no tipo de conceito que nós aqui lhes podemos dar, que nós aqui lhes podemos dar, mas noutro aspecto, noutro tipo de apoio. (...) se assim, se assim entenderem deslocam-se lá, mas temos que considerar o que a mulher diz, (...). Temos a responsabilidade de inserir, claro, na nossa parte não o fazemos, mas com a existência dessas valências e como existe uma aqui, perto da nossa, socorremo-nos dela, pelo menos mando lá, lá as pessoas.

E – A... considera que as políticas de combate à violência influenciaram os comportamentos e as práticas também dos agressores e das vítimas. Acha que os agressores começaram a utilizar outras práticas...?

e – Isso é normal, não é? Se, se... porque eles também veêm essas campanhas, a... e podem, eventualmente, entre aspas, aguçar a sua, o seu grau de propensão à prática dos factos, isso é normal. Isso acaba por ser, por ser normal. Para os agressores, sim, para as vítimas também, também. E ao fim e ao cabo... e eventualmente, para quem lê e quem vê televisão, ou seja... e é vítima deste tipo de factos, há aqueles mecanismos de defesa, que eventualmente poderiam estar mais esquecidos, ou se calhar até que as senhoras não conheciam, mas que eventualmente depois vão mudar também a sua forma de reagir, que é positivo, no caso das vítimas, no caso dos agressores nem por isso, mas pronto. Mas é uma verdade!

E – Mas... mas na sua experiência nota que eles passaram a utilizar outro tipo de violência, aprimoraram mais a violência.

e – Eu não tenho assim muitos elementos para, para poder concluir de forma tão objectiva assim.

E – Por exemplo, por exemplo, como nós sabemos a violência física é fácil de provar, não é? A partir do momento em que eles tomaram consciência...

e – Fácil? Fácil...

E – Tem marcas...

e – É fácil de provar, a... a... ou melhor é fácil de provar a existência das marcas, as circunstâncias em que elas são praticadas, mas pronto, é mais fácil identificar uma marca, claramente.

E – Exactamente. Eles podem ser mais facilmente acusados e condenados por isso.

e – Sim, claramente.

E – A psicológica... as marcas são mais difíceis de provar.

e – São.

E – Deixam marcas, às vezes até bem mais profundas, mas que são difíceis de provar pela... Acha que... houve... que eles ao aperceberem-se disso que começaram...

e – A optar mais pela segunda e esqueceram-se mais da primeira, com medo dessa tal prova e acusação...

E – Ou usar outro tipo de violência física que, que as marcas não sejam tão evidentes.

e – Sim, sim, sim, isso também. Embora, eu não tenha assim muitos elementos e da análise que estou a fazer dos processos que me têm passado pelas mãos... da análise que estou a fazer dos processos que me têm passado pelas mãos... não tenho assim muitos elementos objectivos que permitam, que permita tecer um comentário dessa natureza no que toca às formas de, de agressão sem marcar, acho que aqui não há... É difícil, para mim, estabelecer essa ligação aqui no concelho de forma objectiva, mas, mas eu concordo. Eu concordo, eventualmente... concordo... sim, concordo que há determinado tipo de agressão e determinado tipo de técnicas utilizadas na agressão que eventualmente... anteriormente não existiam e que agora, depois destas, destas campanhas, eles começaram por, por utilizar, porque sabem se fizerem daquela forma e da outra, sabem que não há marcas e que eventualmente é mais difícil alguém provar, provar essa situação. Aí... eu acredito até porque... não tenho, não tenho os elementos, porque as formas de agressão não constam aqui nestes processos, mas acredito que sim. Portanto, essa é uma situação normal. No que toca à violência psicológica, essa aí, se calhar, sim, essa aí tem tendência cada vez mais a...

E – A aumentar?

e – A aumentar. Tem tendência cada vez mais a aumentar, até porque... até porque ela socialmente é melhor aceite do que a física. Se a minha esposa vai ao café e vai com um olho negro, com, com um hematoma na cara, com, com uns arranhões no braço... e se ela disser: "Isto foi o meu marido", as pessoas vão dizer: "Oh pá, aquele gajo é um carrasco!" (...)

(((Toca o telemóvel)))

[[[[Interrupção]]]]

E – Bom... para terminar. A... qual é que será a melhor estratégia para combater a violência doméstica, na sua opinião?

e – A melhor estratégia para combater a violência doméstica! A melhor estratégia é: primeiro para, para, para haver esse combate efectivo e com, e com resultados positivos, tem que haver uma mudança de mentalidades. É complicado. As mentalidades mudam-se a muito longo prazo, não é de um dia para o outro que se mudam as mentalidades, mas devia-se começar a pensar a trocar nesse sentido. Segundo ponto... haver um acompanhamento e um apoio efectivo, oportuno às vítimas, de modo a que elas digam assim claramente: "Não tenho medo de avançar para aquilo que avançar, porque eu vou-me sentir apoiada, eu e os meus filhos. Não vou ficar em situação difícil, não vou passar fome, não vou estar em sítios...", você já viu o acompanhamento que seria, assim? "Não vale a pena, nada justifica a violência, nada justifica estar subjugada a um, entre aspas, um indivíduo que faz tudo de mim menos me respeitar e avanço, porque tenho alguém que me ajude". Acho que essa parte aí não existe, não existe muito. O terceiro ponto é: as forças de segurança, embora já hoje as coisas são diferentes nas forças de segurança, terem ainda maior responsabilidade e maior margem de intervenção nesses casos. Embora, eu ache que hoje em dia já é possível actuar e as coisas já são diferentes, mas poderia ser ainda maior. Depois, haver... respostas rápidas por parte do sistema judicial, ou seja, eu estou casado, a minha esposa aparece toda marcada, o Estado tem obrigação de intervir antes que ela seja, seja vítima de homicídio, se ela apareceu marcada, vamos averiguar o que é que se passou e haver: "Meu amigo, o senhor é detido, vem para aqui, vai ser objecto de averiguação até a gente esclarecer". Pode ser que a minha esposa seja uma sadomasoquista e se tenha cortado a ela própria, mas alguém tinha que averiguar. E eu sou, e eu sou... ela está marcada, meu amigo, eu sou detido e uma averiguação preliminar, rápida e eficaz, de modo a dizer assim: "Afinal, ele tinha razão, a esposa é que tem problemas, é masoquista ou então é uma pessoa maquiavélica que se, que se... que descobriu uma boa oportunidade para acusar o marido". Mas havia um inquérito rápido, preliminar e eficaz. Ao ponto de ser assim: "Não, não, este indivíduo...", há uma situação de risco aqui e o Estado diz "Não, o senhor a partir deste momento não vai para casa, vai para aqui ou vai para ali", e portanto, e haver respostas efectivas com, com destino a dar às coisas, não é soluções aparentes, é destino a dar às coisas e, e, e com eficiência. Outro aspecto era, isto no que toma aos maridos, no que toca às crianças, igual. Uma criança

aparece num centro de saúde, aparece num centro policial, aparece numa escola marcada, com ferimentos, vamos dizer assim: "Esta criança sai já daquele ambiente familiar". Mas haver todo um apoio por trás, em termos de apoio psicológico e tudo, mas sai dali. E depois vamos ver quem foi, se foi o pai ou se foi a mãe, se foram os dois. Agora, a criança aparece, a criança é a salvaguarda, é quem, é quem o Estado tem a obrigação de proteger. É dizer assim: "apareceu marcada, onde quer que apareça, a criança é colocada em segurança", e o inquérito rápido e eficaz, preliminar no sentido de dizer assim: "O que é que aconteceu? Foi o pai, foi a mãe, o que é que se passa?". Claro que os Tribunais, claro que os Tribunais tinham que estar ali previamente, em ligação com isto tudo. Mas esta para mim é a melhor situação de combater. Depois outra situação... que é... agora perdi-me... perdi, perdi o raciocínio... Este é o melhor, é a melhor estratégia de combate.

E – Para acabarmos com a violência doméstica. Já falou das crianças, já falou das vítimas, será que queria falar dos agressores...? Ou não?

e – Os agressores já falei, os agressores é, quando os agressores, aparecendo, aparecendo, havendo uma acusa, eles têm que ser claramente afastados das, daquele, daquele ambiente, mas afastarem mesmo e o inquérito, tinha que haver um inquérito rápido, no sentido de chegarem a um... o que aconteceu foi isto, isto e isto, porque se não... Esta medida inicialmente muito violenta, muito decisiva, depois teria que ser também rapidamente acompanhada com alguma justiça e com alguma averiguação, como é lógico. Agora, inicialmente não interessa, inicialmente eu acho que esta era a melhor forma, agora isto tudo tem uma máquina muito pesada por trás. Estamos a falar de uma mudança total em termos de investimentos, estamos a falar que devia haver uma rede de parceria, muito maior do que a que existe e com outro tipo de funcionamento, ou seja, isto não poderia ser a polícia a fazer isto tudo! Como é lógico, isso seria impensável, seria impensável e não se justifica, porque para além das polícias há aqui imenso trabalho a fazer por parte de outros técnicos, porque eles é que têm que dar uma opinião, têm uma palavra a dar nesta matéria. Agora... isto para mim, se calhar era a melhor forma de combater a violência doméstica, porque eu sou um marido violento, a... porque tenho intenção de agredir a minha esposa, mas se eu pensar assim: "Se eu por acaso a agredir, daqui a um bocadinho ou amanhã vão-me buscar ao meu local de trabalho, vão-me buscar onde eu estiver e eu vou ser detido e vou ser alvo de um inquérito", penso duas vezes antes de levantar a mão! Não é? Quer dizer, são... vão-me buscar, a mulher aparece, a esposa aparece marcada, aparece com marcas e o marido, o marido é culpado logo,

é privado da liberdade, é detido, pura e simplesmente é detido! E depois a detenção, não tem que ser uma detenção eficaz, porque como é lógico, isso é... vai contra os princípios de, de um Estado de direito, mas, pelo menos é detido, é presente a um Juiz e a um inquérito rápido, ou seja, vamos saber as coisas, o que é que aconteceu? Há quanto tempo? O que é que aconteceu a isto? Ou seja confirma-se que quem praticou a violência doméstica foi o marido, salta logo de casa (...). Mas como atinge essa situação, da actividade profissional e isso tudo. Agora, isto é possível! Isto é possível, mas é possível a muito longo prazo e é preciso que haja muita força de vontade e determinação e uma mudança muito grande em todos os aspectos. Eu acho que esta é a melhor forma. A melhor forma é antes de cometer o acto, se eu soubesse que havia esta máquina toda por de trás e que havia estas decisões, que havia decisões urgentes e que eram tomadas as coisas em (...). E é isto que não acontece, por isso é que às vezes as coisas vão-se arrastando, as vítimas calam-se, não têm coragem para muito mais, outras vezes não é a questão da coragem é a questão de, do comodismo, não querem, porque depois não saem para fora e não há um apoio efectivo. Agora, num país como o nosso... mas aí, posso agora estar a dizer uma grande... (...) tem a ver com a minha convicção, é que não, nós não temos capacidade para fazer funcionar um sistema destes. Mas é, mas seria ideal, seria o ideal, porque hoje em dia, embora as coisas já sejam diferentes agora, mas ainda existe aquele sentimento de que aconteceu e tal e depois ela até desiste e tal, e o Juiz não se mete comigo, não... Ainda pode, ainda pode... ainda existe este sentimento. E se fosse assim, com uma actuação decisiva, (...) como eu já disse, que implica uma série de...

E – Operações.

e – Uma máquina por de trás, operações e, e custos, não é? Porque essas coisas custam dinheiro, estas coisas custam dinheiro, os técnicos têm que ser remunerados e aqui são fundamentais como é lógico, a... mas é, é o ideal, era a forma ideal. No nosso país, no nosso país as coisas já estão a mudar, mas... ainda há muito para mudar. Mas esta, para mim, era a, era a forma, era a forma ideal. O indivíduo sabendo que agredindo a esposa, que faz isto e faz aquilo e que sem grande dificuldade termina ali aquele trabalho a meio, o serviço, termina o dia de trabalho a meio. A... e que eventualmente de se o filho for, se o filho aparecer na escola, ou no centro de saúde ou em qualquer lado, marcado, sabe que o filho é colocado em segurança e o dia de trabalho dele e da esposa acabam a meio e eles vão ser logo investigados, saber o que é que se passa, se aquela criança tem ou não condições de

continuar naquele lar, de quem é que é a culpa, de quem é que é a falha? Quem é que agrediu? Foi o pai? Foi a mãe? São os dois? São coniventes? Aquela criança já é vítima de maus tratos? E como, com respostas efectivas, dizer assim: "Alto! Negativo. Os senhores são colocados por ali assim... e mais nada", isto é muito complicado. Tenho dúvidas se eventualmente este tipo de sistema, com esta celeridade e com esta oportunidade, se alguma vez vai ser implementada no nosso país. Confesso que tenho dúvidas.

E – E no nosso concelho, o que é que ainda está por fazer?

e – Muito. Como em todos os concelhos deste país. No nosso concelho falta fazer muito, como em todos os concelhos deste país, ou seja... O que é que falta no nosso concelho? Isto agora que eu acabei de dizer. Se eu acabei de dizer qual seria a forma de combater... ou seja, o nosso concelho, as coisas... no nosso e nos outros concelhos as coisas estão muito longe desta, desta realidade, estão muito longe desta realidade. Mas há sítios piores, há sítios com maior índice deste tipo de criminalidade, com menos meios, com menos meios, mas eu aqui não me interessa os outros, interessa-me é este, porque é sobre este que eu tenho algumas responsabilidades nesta, nesta matéria. Em termos da, das parcerias que existem, eu acho que aqui há uma muito boa relação, há uma boa vontade das pessoas e há profissionalismo nas tarefas que, que desempenham e as vítimas deste concelho, eventualmente, podem estar, entre aspas tranquilas, se é que o podem estar, se há aqui, se há quem possa estar tranquila em lugar algum, mas podem estar, pelo menos eu penso que têm um polícia que se preocupa minimamente e que faz a protecção (...) e não sei quê, assim como tem outras parcerias e outras entidades... a... inclusivamente aquela a que eu pertença, que fazem tudo para ajudar as pessoas. Agora, a boa vontade só não chega! O profissionalismo só não chega, é preciso o profissionalismo, mas também associado, a ele ter meios logísticos, a... tem que haver... decisões que têm que ser tomadas, encaminhamentos que têm que ser feitos. Por muita vontade que eu, polícia, tenha, que a doutora socióloga tenha, só a nossa vontade não chega. E as pessoas quando recorrem a estes serviços, embora tenha que haver alguma empatia por parte de quem nos recebe, alguma, alguma compreensão, alguma forma... muito, muito afável de receber, mas quem vem cá com esses problemas não vem à espera de apanhar nem o meu, nem o seu sorriso, sem a sua simpatia, nem a sua simpatia, as pessoas vêm à espera de uma solução e preferem muitas vezes uma pessoa que não está a desfazer-se em simpatia, mas que resolva o problema de forma efectiva, do que... Porque... nós tentamos, só que... somos impotentes... sozinhos, perante esta

situação e perante estes meios que existem, para resolver os problemas que existem e dizer assim. Ou seja, não posso, nem quero dizer que a violência doméstica no concelho de Montemor-o-Velho está protegida, não há casos destes. Não posso dizer isso, seria uma completa irresponsabilidade, nem aqui, nem em lado nenhum. Há meios, há coisas que deviam vir e que não vêm e que não existem e nós sabemos, basta nós a... que é uma situação aqui assim, em termos concelhios, há, há, há, há serviços que actuam de âmbito nacional, como nós temos, também, as forças de segurança também actuam. Mas há serviços centrais, que nós sabemos que são divulgados pela comunicação social.

E – Como por exemplo...?

e – Que é feito... Por exemplo, uma situação em termos de garantia de que funciona, quando depois na prática, quando temos que...

E – Está a falar do 144?

e – Quando recorremos a eles sabemos que não funcionam. Ou melhor, não funcionam... funcionam, mas não funcionam é como deviam funcionar, não funcionam como deviam funcionar e nós temos, muitas vezes, quem está envolvido nestas, nestas... acções, com as quais nós muitas vezes temos que improvisar e não devíamos improvisar, porque as vítimas não querem improvisos, nem querem o "achabatar" do problema, querem a sua resolução efectiva. Porque aquela do "Ah e tal do bom senso", aqui não há bom senso. Não há bom senso, porque normalmente as pessoas... Costumo dizer, e esta é a minha opinião pessoal sobre isto, as pessoas dizem "Ah, mas tem que haver bom senso por parte dos agentes de segurança, tem que haver bom senso por parte dos técnicos do... da...", isso do bom senso é uma forma de esconder a responsabilidade, é uma forma airosa de dizer "Ah, eu com bom senso resolvo isto", o bom senso não resolve rigorosamente nada. O que é exigido dos profissionais, a... quer nesta matéria, quer em todas matérias, mas nesta aqui que é a que estamos a falar, o que é necessário é profissionalismo e capacidade de resposta, não é bom senso, bom senso não é nada. A... porque quando a vítima precisa e está dentro de casa, a... ali encurralada e se calhar até a correr risco de vida, não podemos... não preciso de um agente, de um polícia com bom senso. Precisa de um polícia que diga assim: "Há perigo, a senhora corre perigo, há elementos que me permitem arrombar a porta, arrombar a porta e deter o indivíduo e salvaguardar a integridade física da pessoa". É isto que a vítima precisa, é isto que a vítima quer, não quer que o agente chegue ali e tal e bate à porta "Eh pá, mas eu, deixa-me cá resolver isto e tal, com calma". O bom senso para mim não existe, não

gosto desta palavra, bom senso, porque, o que, o que se calhar se precisa em todas as áreas é profissionalismo, capacidade de resposta e uma actuação determinada, agora, ponderada, como é lógico, ponderada em termos legais, porque... agora... As pessoas dizem "ai o bom senso" e isto às vezes... não existe da forma como deveria existir. O 144, eu falei nele, eu vou dizer do 144. A... já recorri, não aqui, mas noutros locais, por isso é que tenho uma opinião mesmo muito própria sobre o 144. O 144 e aí... o 144 e não só, mas... Tive situações em que o 144 foi... resolveu-me o problema, resolveu-me o problema e aí fiquei muito bem impressionado, tenho outros que nem por isso, mas se calhar não foi o 144, se calhar, eu vou corrigir, foi uma falha...

E – Foram os técnicos?

e – A falha não é do 144, a falha é do Centro Distrital de Segurança Social e do Tribunal de Família, o 144 é que também se viu impotente, até porque é um problema de... capacidade de alojamento das pessoas que accionam o 144, aqui a falha até é o Centro Regional de Segurança Social. Porque há um processo no Tribunal de Família, que eu não vou dizer onde, que não interessa. Uma miúda com 16 anos de idade, que ficou à guarda da avó. Ela começou a crescer e começou a agredir barbaramente a avó, com marcas físicas! A avó apresenta queixa. Uma miúda com 16 anos de idade, imputável criminalmente. Volta a ser agredida, volta a segunda vez, a velhota vai ao centro, vai ao Tribunal de Família e diz claramente assim: "Eu não quero a tutela da minha neta". Os pais acho que... a mãe que morreu, o pai que (...) e ela estava ali a viver com a avó. A velhota foi ao Tribunal manifestar que não aguentava a neta "Pelo amor de Deus, tirem-na de casa, porque se não ela mata-me!", com queixas judiciais, com processo em curso. E uma família, como disse, parentesco, com outra alternativa. Comunicou ao Centro Distrital de Segurança Social para ser arranjado um alojamento...

E – Para a rapariga...

e – Um lar ou uma casa para a rapariga. Ficou no esquecimento. Depois desta decisão, a velhota levou, levou, levou e foi agredida mais uma série, mais uma série de vezes. Isto é uma falha clara, isto aqui é uma falha clara, que não pode existir nunca, porque ela não matou a avó por sorte, ela não matou a avó por sorte. Um dia aparece no meu local de trabalho e eu como sempre, já, já conhecia a velhota e disse assim: "É hoje!". Também já estava farto daquela situação, "é hoje!". E a velhota toda marcada. E eu disse-lhe: (...) "Não consigo fazer, já fiz isto, já fiz aquilo, assim, assim", as pessoas também acabam por saber. "Não receba a sua neta em

casa, a casa é sua, não receba a sua neta”, há alguém que tem que descalçar esta bota, e perdoe-me aqui o meu grosseirismo em termos das palavras, alguém tem que descalçar esta bota. E eu aconselhei a senhora “A senhora não vai receber a sua neta em casa, não a quer, claramente. E eu preciso é que me diga a mim que não a quer receber e que se está a negar”, “Pelo amor de Deus, então”. E eu, o que é que faço? Fui ao processo, Tribunal de Família. Falei com alguém do Tribunal de Família e disse “Tenho aqui uma situação para, para resolver. Tenho aqui uma miúda com 15 anos, com 16 anos no posto, que não tenho onde a colocar” acontece isto e isto e isto, há uma série de processos já pendentes. Está fora da avó. A avó está aqui a apresentar mais uma queixa e chegou aqui e disse: senhor guarda, faça o quiser com a minha neta, mas ela em minha casa não entra! E eu tenho aqui a miúda no posto, tenho que lhe dar um destino. Eu não posso ser conivente, nem quero, a aconselhar a avó a levá-la para casa, porque eu posso estar a ser cúmplice de um crime de homicídio. Porque só falta mata-la.” Portanto... falei com o magistrado, tal, tal “Ah! Mas esse processo da nossa parte está resolvido!”, e estava, o Tribunal tinha despachado para o Centro Regional de Segurança Social, no sentido de ser, de ser arranjado um lar para aquela, para aquela miúda. Falei com técnicas do Centro de Segurança Social, nomes que me foram dados pelo Tribunal, e as técnicas disseram: “Ah! Sr. Sargento, pois, mas sabe, isto não há vagas e isto e aquilo” e eu disse “Eu não me interessa se há vagas, se não há vagas, eu não me interessa se há vagas, se não há vagas, isso é um serviço que é vosso, as senhoras é que sabem se há ou não há. Agora, o que eu lhe estou a dizer é o seguinte: eu tenho aqui a miúda no posto, que mais uma vez agrediu a avó...”.

[[[[terminou a cassete]]]]

Entrevista n.º 2

(E2, profissional da justiça, 41 anos)

E – O que é que entende por violência doméstica?

e – Bem, isso são perguntas... é todo o tipo de agressão psicológica ou física que alguém é vítima, seja mulher ou homem, não é? Por parte, por parte de alguém que tem vínculo familiar, seja por afinidade, seja por ligação de sangue, não é?

E – Claro, e quais são os tipos e formas de violência que, que conhece, conhece-os todos?

e – Que eu conheço... ah isso podia estar aqui muito tempo a falar, a... mas quer que eu particularize?

E – Não, não é preciso dar exemplos de...

e – Já lhe dei, já lhe dei na definição anterior... há vários tipos de violência, seja a violência psicológica, sob a forma de ameaças, sob a forma de chantagem, sob a forma de... de... pronto de ofensas, de injúrias, a... há vários tipos de violência em termos de agressão física, a... provavelmente a psicológica é mais nefasta do que a física, e... há todo... sei lá... há variadíssimas, pois há... Normalmente o agressor é uma pessoa extremamente complicada também do ponto de vista psicológico e também usa de vários estratagemas para agredir as pessoas, não é? [hum] Às vezes pode ser agressões para uma pessoa e pode não ser agressão para outras. Mas o agressor normalmente é uma pessoa hábil e que efectivamente usa de armas que ele próprio sabe, normalmente ele sabe que aquilo produz efeitos negativos na, na pessoa, na estabilidade da pessoa, a... na, no próprio bem-estar da pessoa, não é? Na própria saúde da pessoa inclusive.

E – ahm... Acha que existem alguns tipos de violência socialmente aceitáveis, ou seja, que a sociedade ainda não condena?

e – Em Montemor em particular, como estamos num meio rural, e também não só, acho que a... a sociedade a... portuguesa ainda vive um bocado a... atrasada em termos de cultura de família, e portanto normalmente as pessoas a... são tolerantes, às vezes não são tolerantes no seu íntimo, mas não se manifestam, não... Ainda há aquele ditado "Entre marido e mulher não se mete a colher", e é um pouco o que elas fazem, quando vêem um tipo de, de... um problema desse tipo, normalmente abstêm-se, ou seja, votam em branco, não é?

E – Não fazem nada.

e – Não fazem nada e portanto a sociedade, em Montemor, particularmente, é um meio rural, ainda com algumas carências a nível cultural, vão aceitando muito facilmente a violência do homem para a mulher, ou de uma mulher para o homem, não é? A... como também aceitam muito facilmente as agressões entre pai e filho, já estou a falar de pessoas maiores e até às vezes de menores. A... e há aqui coisas verdadeiramente incríveis em Montemor, não é? Há casos de incesto que são do conhecimento das pessoas, que as pessoas...

E – Não fazem nada.

e – Não fazem nada, não é?

E – E quais é que acha que são os socialmente não aceitáveis? Aqueles em que as pessoas ficam mesmo indignadas e revoltadas quando tomam conhecimento?

e – Eu acho que não há muitos, só quando... as pessoas só tomam algumas posições e não são muito explícitas mesmo assim, não são muito pró-activas, quando as consequências da violência são... muito... evidentes, ou seja, quando alguém está à beira da morte, quando alguém mata alguém... Acho que só quando o resultado da violência é a... muito forte, é que as pessoas a... não aceitam. Porque, regra geral, em Montemor e também na sociedade portuguesa vão aceitando minimamente este tipo de violência. Portanto, é a minha posição e eu acho que não há ainda a... uma reacção concertada, nem, nem se pode falar duma reacção típica das pessoas, porque... só quando há resultados extremamente negativos, não é? Quando os efeitos da violência são estrondosamente negativos.

E – Ham... ham... como aqueles que aparecem na televisão, não é?

e – Como os que aparecem na televisão, até... eu por exemplo até, até refiro uma coisa que é o jornal Crime, as pessoas deliciam-se a ver aquilo. Aquilo é um jornal que tem imensa tiragem e tem imensos leitores e essa é a prova que as pessoas toleram esse tipo de violência, não é? E se for criar o Crime a... as pessoas a... que olham para aquilo deviam ter uma reacção adversa aquilo que têm, não é? E elas compram hoje, compram amanhã, compram depois de amanhã, elas gostam daquilo, a... deliciam-se com esse tipo de... situações, portanto a partir daí acho que está tudo dito.

E – Pois... Quais é que acha que são as causas de violência doméstica?

e – São fenómenos culturais a... principalmente são fenómenos culturais e de educação a... Acho que os filhos vêm os pais agredirem as mães, as mães agredirem os pais a... depois... eles na altura não gostam, depois acabam por fazer o mesmo. E

depois também há fenómenos laterais de alcoolismo, de toxicod dependência, que também contribuem para esse tipo de violência, não é?

E – Hum... e os agressores são violentos, na sua opinião, só porque vivem nesse tipo de contextos, ou porque têm mais alguma característica? É que nem todas as pessoas que vivem em contextos violentos se tornam violentas.

e – É assim... acho que cada caso é um caso [Exacto]. Podem-se, digamos, criar tipos ou padrões de agressores, não é? Embora eu não goste muito desse tipo de... de arrumo, não é? De sistematização, mas acho que, por exemplo a... os agressores a... que são alcoólicos têm sempre a... um contexto idêntico. A... nem sempre aqueles que vêm os pais a agredirem as mães, também vão agredir no futuro, mas, e, aí, acho que não se pode criar um padrão, não é? A... mas de qualquer maneira há outro padrão, que tem a ver com, com a própria educação que tiveram, contexto educacional, a... acho que o ensino também, a... de alguns anos a esta parte, nós estamos a pagar um bocado por isso. O ensino ora muito impessoal e muito pouco afectivo e as pessoas, a cultura que... obtiveram na, na escola e a educação que obtiveram na escola foi muito impessoal, na minha opinião, e portanto, também pode dar aí origem a muitos fenómenos, ou da perpetuação desse tipo de fenómenos, a... acho que a educação, o ensino, não... isto nós devemos elevar, a... esta categoria de violência doméstica...

[[toca o telefone]]

e – Eu acho que a escola a... também devia levar isto a uma das categorias, a... pronto, de objecto de estudo e de, e de tratamento junto dos alunos, porque efectivamente a escola poderá ter um papel importante nisto, que nunca teve e portanto a... a... aí acho que estamos muito atrasados em relação à Europa a... E portanto se calhar o fenómeno cultural não é só um fenómeno de atraso de desenvolvimento, mas também tem a ver com algumas deficiências no, no sistema de ensino. [hum, hum] E o caso disso é o, é a educação sexual, por exemplo, que já teve merecimento de, de tratamento no ensino e que, pronto, teve os seus frutos, depois voltou-se a abandonar o projecto... normalmente. A... actualmente já se tente retomar isso, e aqui também se devia elevar isso a uma categoria, a... que... fosse abordada a... a... não é preciso uma disciplina, mas pelo menos devia haver a preocupação, por parte dos professores de abordarem este tipo de situações, de alterarem um bocado as mentalidades.

E – Pois... que é o mais difícil...

e – Que é o mais difícil, não é? Mas isto é um trabalho de conjunto, de rede, não é?

E – Exacto, e porque é que acha que as vítimas, porque conhece algumas, continuam nas relações, quando são vítimas de violência?

e – (Risos) Isso também, cada caso é um caso. Mas podem-se criar padrões de comportamento, que normalmente a... há digamos que uma dependência afectiva, há um sentimento que... a... pronto, que... que as motiva a estar dentro da relação, às vezes violenta. Por outro lado, há todo um conjunto de carências a nível económico e de... e de apoio social que as pessoas têm, que não as levam a ter a coragem de assumir uma postura diferente, não é? É evidente que uma mulher pobre, com fracos recursos económicos, dependente do marido, do vencimento do marido, uma mulher que não encontra na sociedade apoios para tomar uma atitude diferente, naturalmente que nunca a tomará, não é? Só tomará quando os resultados forem efectivamente muito graves. Por outro lado, até se verifica mesmo, actualmente, mesmo tendo apoios por parte da sociedade, a... aí mesmo, as mulheres continuam a ter alguma dificuldade, porque efectivamente a... ainda há algum fenómeno cultural de, de que o casamento é para sempre e que as relações são, são perpétuas a... portanto, fenómenos religiosos, também... e portanto é também um problema de educação, na altura um conjunto de factores que influencia isso.

E – Ham... ham... porque às vezes elas saem de casa até começarem o processo e depois voltam...

e – Sim, porque efectivamente o sentimento vinga e depois elas não conseguem sobreviver num mundo de cão, não é? No mundo [sozinhas...] sozinhas, no mundo da sociedade actual, porque actualmente vive-se um bocadinho fechado na... entre quatro paredes e estamos numa de sobreviver, não é?

E – Hum... hum... é verdade. Considera que a existência de políticas a... de luta contra a violência doméstica levaram a uma alteração nas representações sociais sobre a violência doméstica? Antigamente não existiam políticas, não é?

e – Hum, actualmente, é assim, tudo o que se fizer é bom, não é? Eu não posso dizer que a actual política que se está a implementar no país é a mais adequada, não posso dizer, não tenho critérios de avaliação. Posso dizer que a meu nível pessoal, eu já participei em actividades, a... no âmbito dessa política, dessas políticas que estão a ser implementadas e fiquei mais rico, mais esclarecido e portanto, há um contributo significativo desse tipo de actuações ou de actividades.

E – Mas acha que as pessoas e a sociedade em geral vêm a violência doméstica já como um crime ou ainda não? Ou acha...

e – A... as pessoas na sociedade só começarão a ver a... a violência doméstica como um crime quando sofrerem ou ouvirem que alguém está a sofrer na pele as consequências da prática do crime, quando virem os resultados que tem que começar a passar pelo tribunal, não é? E isso já se começa a verificar, e portanto, as pessoas vão, já se começam a tomar consciência... É um processo lento, é um processo de mobilização dos magistrados e da, da própria máquina judicial, mas que seguirá o seu curso e brevemente a... brevemente, e quando eu digo brevemente, no espaço de um ano ou dois, a... as pessoas já vão ter resultados práticos disso, não é? É evidente que nem tudo funciona bem na justiça, mas isso é outro trabalho que tem de ser feito, no sentido que os tribunais funcionem adequadamente.

E – E tendo em conta que agora com as novas leis e com as novas políticas, a... já existe quase uma permissão para se entrar no seio da família, não é? E que antigamente e antes destas políticas era impossível. Acha que isso veio modificar... [Sim] a ideia de família?

e – Não, o fenómeno, o fenómeno da violência doméstica não pode ser, isso é um erro. Não pode ser considerado um fenómeno familiar impenetrável e portanto, a... naturalmente que o agressor é um, um criminoso, é um arguido, e portanto, a... o estado, o estado de direito tem que intervir a... nesse, nesse, nesse fenómeno, tem que, tem que mexer nesse, nesse, nesse agregado familiar e intervém, não contra a família, mas contra o agressor.

E – Claro, mas acha que o, o, a própria família a... já tem essa noção? Porque antigamente tinha-se a noção de que quem mandava na família...

e – Isso é voltar ao mesmo de à bocado. [Pois...] Quer dizer, no fundo isso é um fenómeno cultural que não se resolve de um dia para o outro, não é? É evidente que a... o agressor dirá sempre que estão a interferir com a família dele, não é? E com o conceito de família que ele tem, a... e a própria vítima a... naquela anestesia que tem de poder estar bem com Deus e com o Diabo, também poderá dizer isso, agora, isso não pode ser entendido nem abordado assim, a família não, não está em causa, o que está em causa é um agressor, é um arguido.

E – Exacto. A... acha que a violência doméstica aumentou ou diminuiu nos últimos anos? Em Montemor-o-Velho?

e – (risos) Não tenho dados estatísticos para dizer isso. Aquilo que eu vejo é que aparecem mais casos, só que isso resulta de uma coisa muito simples, se calhar é o

resultado das políticas que estão a ser implementadas e resulta também da, da maior visibilidade desses casos que sempre existiram a... Eu julgo que não se poderá falar num aumento, o que há é uma maior visibilidade dos, dos, dos... [dos casos] dos casos de violência doméstica, maior coragem para os assumir e para os denunciar.

E – Se calhar mais, maior informação por parte das vítimas?

e – Não. As vítimas estão mais informadas, é evidente que estão mais informadas, mas a... o próprio ambiente que se está a criar à volta delas também é mais propício. Às vezes eu noto, pelo menos aqui no escritório, que elas não aparecem mais informadas, elas aparecem é mais disponíveis para falar, a... não aparecem tão disponíveis para tomar decisões, mas aparecem mais disponíveis para falar de uma coisa que era quase tabu antigamente.

E – Pois... e antes da alteração da lei, tem assim uma noção, antes de se tornar crime público, a... da percentagem de vítimas, é claro que não quero números, mas se, se aumentou, se era assim muito grande a percentagem de vítimas que retiravam as queixas?

e – Eram quase a totalidade, eram quase a totalidade, a... e também muitas das vezes, isto é um bocado a... melindroso assumir, mas pronto, eu não tenho problemas a assumir, muitas vezes é o próprio tri, era o próprio tribunal de, do ponto de vista comodista que favorecia os acordos, porque a família tinha de se entender, e, como nos outros casos tratava o... esses casos de violência doméstica como qualquer caso no tribunal onde, digamos que a resolução amigável dos conflitos é sempre de privilegiar. Eu entendo e sempre tive, tive algumas reticências em relação a este tipo de juízo de valores sobre esses casos. No entanto, pronto, isso praticava-se muito. Têm de se entender, a família tem de se entender, a... nós temos de resolver isto a bem, se as pessoas não estão bem divorciam-se, a... e as soluções eram adiadas. [hum, hum] Era o que acontecia.

E – Ahm... e por que motivo o faziam? [Quem?] As vítimas, porque é que elas retiravam, porque é que acha que retiravam as queixas? Já disse por causa do tribunal...

e – Porque é mais fácil retirar as queixas a... O enfrentar uma situação destas é sempre muito complexo para as vítimas, precisam de ter uma grande estrutura psicológica e precisam de ter um meio favorável para a... poder sobreviver após as consequências da sua queixa e da sua denúncia. E elas não tinham esse meio favorável, nem tinham as condições necessárias para poderem sobreviver após a... a

manutenção da queixa, não é? E portanto, naturalmente que optavam pelo mais fácil: retirar a queixa e tentar ver se as coisas melhoravam. A esperança é sempre a última a morrer, não é?

E – Pois, o problema é se a pessoa morre primeiro que a esperança. [Claro.] A... relativamente às medidas de coação que são aplicadas aos agressores? O que é que tem a dizer?

e – Actualmente, em Montemor, em particular por força da Procuradora que nós temos hoje, a... as medidas de coação são adequadas, a... e também não se pode fazer muito mais em relação a...

E – Quais são? Já agora...

e – A... quais são... a... o afastamento, o afastamento, o afastamento do agressor, da... da vítima, proibição de contactos, a... sei lá... há todo um conjunto de medidas que se podem tomar, caso a caso. Há situações que exigem reacções muito particulares, a... agora, elas são adequadas. Bastam estas que eu citei para diminuir em grande parte a... digamos que a... a violência entre agressor e vítima. Agora, cada caso exige provavelmente algumas medidas a... em particular, para resolver os problemas concretos que aquilo suscita, não é? [hum, hum] A... por exemplo há situações que os próprios filhos são envolvidos e se calhar são os próprios filhos, isso nem tem a ver com as medidas de coação, são os próprios filhos que precisam de protecção, não é? E muitas das vezes a... a... terá que se ir a outras, a outros mecanismos para proteger, por exemplo esses, os menores, não é? Desse tipo de, de violência.

E – E quanto às penas, acha que as penas... [São, são adequadas.] são adequadas?

e – Sim, a...

E – Qual foi a pena maior que um agressor já apanhou, que tenha conhecimento?

e – De memória não tenho, mas tenho alguém que apanhou, eu não sei, tenho uma última, tenho uma última que apanhou nove meses de prisão a... com apenas... [Efectiva?] Efectiva, com pena suspensa. Sim... mas estamos a falar de um primário, não é? Dum primeiro a... há mais processos... mas foi a última que eu tive. Foi nove meses de prisão com pena suspensa por três anos, a... mas primeira condenação, em primário, ou seja era um indivíduo sem cadastro crime, criminal, eu acho...

E – Ou seja, um dia se houver uma próxima queixa //o que é que acontece num caso desses?//

e – //Se houver uma próxima queixa// muito dificilmente... Não, se houver uma próxima queixa de idêntica gra-, gravidade vai cumprir pena de prisão efectiva, a...

a... No caso em concreto eu sei que tem mais queixas, mas deverá ainda ficar com a pena suspensa. A partir do momento em que tenha a primeira pena suspensa, provavelmente vai cumprir pena de prisão efectiva, vai cumprir todas as penas. [hum... hum...] Agora não se pode exigir ao Tribunal que condene logo a prisão efectiva, porque há muitos, há... há muitos fenómenos de, de agressão, até tão graves como a violência doméstica que não têm esse tratamento, não é? E portanto, há que haver aqui um certo equilíbrio, as pessoas têm que ser, ter um aviso sério primeiro. Agora, acho que, por exemplo, esta pena última que obtive num processo meu, é uma pena exemplar, a... porque já é de muita coragem, não é? Por parte da magistrada que a deu... coragem no ponto de vista do sistema, não é?

E – Sim, por norma quais são as outras penas?

e – Por norma não, não há muitas penas, não é? (risos) Porque há desistência, há acordos e... portanto, os processos que eu tive, que eu tive de violência doméstica, julgo que só tive dois até ao final. Agora tenho mais, tenho mais em curso, mas a... tive dois até ao final. E o outro já não me lembro, já foi há algum tempo atrás, mas julgo que foram... a... a... foi, julgo que foi pena de multa, a... tenho uma ideia vaga, já não me lembro, já não me lembro.

E – Trabalho comunitário, coisas dessas não... não costumam ser...?

e – Não, não, não costumam, não, não tenho penas com trabalho comunitário nesses casos.

E – Hum, hum... não, tinha ideia que, que, que existiam...

e – Existem, existem, a... o trabalho comunitário a... aplica-se em determinadas situações, a... não, não me parece que seja o mais adequado neste tipo de processos.

E – Pois, porque as instituições também não querem lá os agressores, não é?

e – As pessoas têm que sentir... Não, não, as pessoas têm, a... os juízes... normalmente o trabalho comunitário é para pessoas jovens, pessoas com carências económicas, a... e onde realmente o trabalho comunitário sirva de... de... pronto, de lembrança para eles que fizeram algo de grave, tenham que ser punidos, mas... eu tenho algumas situações de trabalho comunitário, mas não é neste tipo de casos.

E – Hum... hum... e quanto à satisfação obtida por parte das vítimas, acha que tem aumentado ou não? Neste tipo de casos de violência?

e – As vítimas de agressão, as vítimas de violência doméstica são diferentes das vítimas de agressão do dia-a-dia. O dia-a-dia, aquilo... agressões vulgares entre vizinhos [hum... hum], entre pessoas que não se conhecem, são pessoas que muito dificilmente ficam satisfeitas com alguma coisa, a... porque durante muitos anos,

normalmente viveram debaixo daquele tipo de violência e a... nunca estarão suficientemente a... satisfeitas com o resultado. Elas próprias não sabem muitas vezes entender a... que as coisas estão a mudar, e portanto elas próprias não mudam a sua posição, a sua postura perante o agressor... e isso é um fenómeno recorrente, que eu vejo em quase todos os casos de violência doméstica.

E – Hum, a... e o que é que... o que é que acha que aconteceu, a... a partir do momento que a... começaram a aparecer estes Planos, para a Igualdade de Oportunidades e de Planos Nacionais Contra a Violência Doméstica? Acha que a... estes planos trouxeram uma mudança efectiva nas entidades locais, nas entidades que lidam com a violência doméstica?

e – Quando as entidades que têm a cargo a divulgação desses planos e dessas políticas, trabalham bem, a... os resultados são satisfatórios. Nunca serão excelentes, nem nunca serão suficientes, nunca serão a... pronto, aceitáveis, porque isto é um fenómeno cultural, é um fenómeno enraizado na sociedade civil portuguesa que a... É como o alcoolismo, que teve muitos anos a... a inverter a... o seu caminho, portanto, o seu rumo. Agora a... eu verifico, por exemplo, em Montemor, que existem melhorias muito significativas a... pronto, por parte dos resultados a... efectivos no terreno, porque as vítimas falam mais, as vítimas participam mais na resolução dos seus próprios problemas, as vítimas sentem-se mais confiantes, as vítimas têm tido apoio efectivo por parte das Instituições locais. E, naturalmente que isso tem resultados satisfatórios a... por parte a... da implementação desse tipo de, de políticas. Agora não se pode falar é que isso seja um processo já conseguido, isso é uma coisa que se vai conseguir ao longo do tempo e com a continuação deste tipo de actividades de sensibilização.

E – Mas pronto, melhorou qualquer coisa?!

e – Não, melhorou, melhorou a... e logo melhorou porque começam a aparecer mais casos, a... mais denúncias, há processos que vão até ao fim, há pessoas que se sentem acompanhadas, sentem-se satisfeitas com o acompanhamento que lhes dão, melhorou! [Hum... hum] Não tenho dúvidas nesse, agora não, não melhorou a resolução global do problema, porque isto é um... a resolução global do problema passa por uma, uma, uma acção continuada ao longo de muito tempo. Não vamos, não vamos conseguir resolver este fenómeno a... numa... numa... no, num curto espaço de tempo, num, em um ou dois anos ou três anos de actividade. Isto se calhar vai implicar uma década, provavelmente a... não estou a ser pessimista, mas estou a ser razoável, não é?

E – Pois, a mudança de mentalidades não se consegue assim tão rápido. A...

e – Já não acredito que seja durante uma geração, porque isso seria muito mal, não é? [Pois...] Mas, mas precisaremos provavelmente de uma década. Isso terá que acompanhar esta, este tipo de acções concretas em relação à violência doméstica, terá, terá que ser acompanhada de outro tipo de acções que têm a ver com a mudança de mentalidades, da, do sistema de ensino, a... de difusão de informação a... E até, porque no fundo, a melhor arma para lutar contra isto é fazer com que a própria sociedade tome uma posição firme e forte a... contra este tipo de fenómenos. Eu dou um exemplo, que é o caso da pedofilia, o caso da pedofilia foi, é um exemplo paradigmático disto, era a... contestado, ninguém gosta, porque se maltratam as crianças, mas a sociedade civil, durante muitos anos, durante gerações foi tolerando isso. Hoje está na moda e ninguém quer ser pedófilo, ninguém assume, ou poderá assumir uma hora, porque agora é quase a... sagrado, que ninguém pode ser suspeito do que quer que seja, porque se não tem a sua vida completamente arrumada. E portanto, o trabalho que foi feito à custa, se calhar a... de muitos atropelos, da, dos direitos, liberdades e garantias de muita gente, o trabalho que foi feito nos últimos dois, três, quatro, cinco anos foi extremamente produtivo para que as pessoas passem a reagir. Eu não acredito, hoje, que se alguém souber de um caso de pedofilia que não vá logo denunciar. E eu, para mim, é, é, é peremptório que o vão denunciar. Mais, se não o forem denunciar directamente, hão-de fazer chegar a informação a alguém e portanto, a sociedade civil está a reagir. A violência doméstica deverá, deverá ter que ser elevada à, ao mesmo nível que foi elevada a pedofilia, e a partir daí, com a comunicação social, se fazer esse mesmo trabalho que foi feito, e aí os resultados são muito mais acelerados [Pois.] são muito mais imediatos.

E – É o poder dos *media*.

e – Dos *media*, não há duvida que têm um poder incrível, não é?

E – Tem. (risos) Ahm... as práticas de intervenção utilizadas aqui em, em Montemor, tem conhecimento delas? [Sim] Pode-me falar um bocadinho, como é que... como é que... o que é que as vítimas... onde é que elas se dirigem e como é que são acompanhadas?

e – As vítimas, por aquilo que sei, têm a... têm dois a... dois locais preferenciais para ir fazer as suas queixas: à GNR a... e ao posto de atendimento da Associação Fernão Mendes Pinto a... no âmbito do projecto Labirintos, a... que está a trabalhar muitíssimo bem, e que a... nesse ponto de vista tem tido por parte de, das vítimas

uma grande adesão, a... Pena é que, até há bem pouco tempo, o trabalho, portanto, da GNR, no pouco que fazia a... e da, da, da Associação Fernão Mendes Pinto não tivesse o devido acompanhamento por parte das entidades a... judiciais, em particular do Tribunal. Actualmente a... o processo de julgamento deste tipo de situações está a... em franca expansão, ou seja, existe, existem inúmeros processos de maus tratos, de violência doméstica a correr no Tribunal, a... portanto, os mecanismos estão a funcionar. E sobretudo as vítimas têm tido o apoio necessário e sempre absolutamente necessário para complementar a sua reacção, por parte da Associação Fernão Mendes Pinto [hum... hum]. É o que posso dizer, é que não conheço mais nenhuma associação a trabalhar em Montemor, ou nenhuma entidade a trabalhar em Montemor nessa área. Os próprios advogados também têm uma nova postura, por aquilo que eu sei a... perante este tipo de fenómenos. É evidente que também o trabalho da AFMP a... e também a... da própria a... divulgação a nível nacional, que os advogados são normalmente pessoas mais ou menos atentas à própria divulgação das políticas contra a violência doméstica [hum... hum]. Eu ainda hoje fui ao Tribunal e aquilo está cheio de panfletos, portanto, panfletos de informação e ninguém pode ficar insensível a isso, não é?

E – Claro. E nós agora enviamos sempre. A... acha que estas novas políticas e estas novas leis e o acesso à informação da existência destes, não é? Destas alterações todas, influenciaram os comportamentos e as práticas dos agressores e das vítimas?

e – A prática, as práticas dos agressores a... se forem influenciadas, foram influenciadas do meu, do meu ponto de vista, a... numa forma negativa, ou seja, mas isso é uma consequência natural, ficam mais refinados, ficam astutos, ficam mais hábeis a... porque eles sabem que a... a qualquer momento poderão ser denunciados e descobertos, mas isso é uma consequência de a... é um dano colateral da própria divulgação a... da informação a... É evidente que isso também é numa primeira fase, porque também nós estamos cá, o Tribunal, os advogados e as entidades que lidam com isso para desmontar as suas práticas mais refinadas e mais hábeis, a... Do ponto de vista da vítima têm um... funcionou em pleno, se bem que ainda numa forma insuficiente, como eu disse, isto é um assunto de uma década, de muitos anos de trabalho. Sobretudo acho que se devia fazer mais ao nível dos *media*, a... os *media* e os próprios jornalistas deviam ser mais sensibilizados para este tipo de situações. Eu posso-lhe dizer que a propósito numa iniciativa que nós tivemos aqui em Montemor, tentei sensibilizar alguns jornalistas, tomaram notas, acharam muito interessante, mas não pegaram, não vieram ouvir, nem ver o que é que se estava a fazer.

Portanto, os próprios jornalistas vão ter que a... ter se calhar, ou ser objecto de um tratamento especial, vão ter de ser também considerados público-alvo deste tipo de campanhas [hum, hum], para começar, não é? Porque são muito importantes na divulgação desta informação.

E – E quanto às vítimas, qual é que acha que foi a alteração?

e – As vítimas eu já, já disse isso. As vítimas estão mais predispostas para a... denunciar os seus problemas. Julgo que têm encontrado um ambiente mais favorável para poderem de uma forma mais livre a... poder fazer opções de vida. No entanto, a... continuo a dizer que o fenómeno está de tal forma enraizado na cultura e na educação das, das pessoas que a... elas próprias são vítimas de coisas que durante muitos anos, perpetuaram durante muitos anos nas suas a... nas suas vidas, e elas próprias têm dificuldade em libertar-se das amarras e das situações equívocas em que estão envolvidas. Muitas vezes vivem num verdadeiro equívoco e a... desmontar isso exige um trabalho muito particular de, de psicólogo e de técnicas especializadas. Mas mesmo com a ajuda de, de, desse tipo de técnicos, as pessoas têm, continuam a ter dificuldades. Portanto, o fenómeno em si a... a... a própria vítima em si tem dificuldades sempre e terá sempre a... de se libertar desse tipo de situações. Continuo a dizer que se a... este tipo de situações for mais denunciado nos órgãos de comunicação social, se as pessoas sentirem que os agressores são severamente punidos e que os agressores não têm a... fuga possível a... se calhar vamos ter depois um fenómeno como se passou com a pedofilia, de casos falsos e de, de imensas situações [hum, hum], passaremos para o oposto, ou seja, as pessoas vão denunciar por tudo e por nada e vamos ter a... Vamos ver elevados à categoria de agressão e de violência doméstica situações perfeitamente absurdas e inacre-, absurdas e inacreditáveis e ridículas, não é? Vai, vai, mais tarde vai verificar que isso vai acontecer, mas pronto, é um caminho que se tem de percorrer e a... são os danos colaterais deste tipo de intervenção, não é?

E – Pois, e agora, para terminar, qual é que será a melhor estratégia para combater a violência doméstica?

e – Já disse, uma maior abordagem pelos media, pelos órgãos de comunicação social, uma abordagem muito intensiva, a... inclusivamente sobre o signo e o respeito pela actividade humana, sobre o signo e respeito pelas mulheres e pelos homens que são vítimas a... desse tipo de agressão silenciosa, oculta e extremamente ruinosa para a vida deles a... a... Um trabalho incansável e sempre comprometido com uma, como uma continuidade garantida por parte de, de, das

instituições que podem, a... a... das IPSS e de outras entidades não, não governamentais no sentido de garantir que estas coisas não são esquecidas e que há um trabalho continuado e um trabalho de apoio à vítima permanente. A... julgo também que a divulgação a... pessoa a pessoa a... com muito trabalho que dê a... é muito importante, ou seja as pessoas têm de passar a serem elas próprias a... objecto da, da informação e elas próprias funcionarem também como a... um veículo transmissor dessa informação a... logo que se consiga criar um movimento de, de troca e partilha de informação, as coisas vão dar os seus frutos, por si próprias.

E – Hum, hum. Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa? [Não sei] Sobre a violência? Sobre a situação em Montemor...?

e – Em Montemor, acho que estamos no caminho certo, na minha opinião, mas a... terá que ser garantido a... a continuidade do trabalho que se está a fazer, porque se não a... os agressores vão ter tréguas e essa é a, a pior coisa que pode acontecer. Se nós lhe dermos tréguas agora, a... eles vão ficar mais fortes, vão ficar mais hábeis, mais bem estruturados, vão ganhar tempo para encontrar novas formas de, de simular as suas agressões, e o trabalho que está a ser feito perde-se. [Pois] É a minha opinião, porque isto é uma luta continuada que não pode ter paragem, não é? Se há alguma paragem no tempo, perdeu-se tudo, vai ter de se come, recomeçar tudo de novo. Agora, em Montemor, acho que temos, temos condições extremamente favoráveis para que este fenómeno seja a... no mínimo erradicado em grande percentagem. Agora a... nunca se vai conseguir erradicar por completo, a... provavelmente não será na minha geração, mas noutras vindouras, este fenómeno poderá ser uma coisa extremamente residual. Agora, actualmente não, não se consegue erradicar, porque isto está profundamente enraizado numa cultura, às vezes até machista, da nossa sociedade civil portuguesa. Pronto, isto foi, foram muitos anos a... a fazer o mesmo [hum, hum] e a cultivar o mesmo. Portanto, agora temos que desenraizar esse tipo de valores errados e de conceitos de família, de, de gestão familiar a... de... Porque há mulheres que aceitam perfeitamente hum... e reconhecem que o marido só é bom se for autoritário, violento, a... E portanto há, há, há coisas assim inacreditáveis, eu conheço-as a... já passaram por aqui pessoas que o entendem como normal, não é? A... e até dizem a... a... “o meu filho devia ser mais autoritário, devia ser como o pai, devia impor respeito, ela anda aí com uns e com outros, ela a... devia a... devia apanhar umas palmadas valentes” e não sei quê. Pronto, isto é um fenómeno que, pronto, está profundamente enraizado e há

peças que aceitam isto com naturalidade. A partir daí, há muito trabalho para fazer, não é?

E – Muito mesmo. Pronto, obrigada.

((((((Terminou a entrevista))))))

Entrevista n.º 3

(E3, profissional da justiça, 32 anos)

E – A primeira pergunta é: O que é que entende por violência doméstica? O que é para si?

e – Violência doméstica é um conceito muito amplo que não tem correspondência ao nível de nenhum tipo legal de crime. E é um conceito que abrange todas as situações de... violência, de agressão, ou seja agressão física, verbal, ate às vezes violência psicológica, que ocorre no seio de pessoas que integram uma mesma família, uma mesma comunidade familiar... não sei se... (risos).

E – Não, é... já disse a definição toda. A... quais são os tipos e as formas de violência mais, que... mais frequentes, que costumam aparecer mais?

e – As que costumam aparecer mais têm normalmente uma componente de violência física. Porque se calhar é só nessa altura, quando as coisas [Hum, hum] começam a tornar mais graves é que as pessoas... que se queixam e que a comunidade se dá conta e apresenta queixa. Mas também, associado, costuma haver na situ, na... para além da, da ofensa à integridade física, a... normalmente é associado a situações de insultos [Hum, hum], agressões verbais, ameaças e às vezes aquela situação de violência psicológica, em que a pessoa é de algum modo sujeita a controlo ou que a vida dela é condicionada por diversas formas, mas o... Normalmente existe sempre violência física e as outras vêm por arrasto...

E – E a sexual, não costuma aparecer?

e – Também, mas eu acho que se existe... as pessoas... essa aí... talvez tenham o... as, as, as ofendidas tenham, se calhar, um bocado de pudor em... em... [em referir?] em referir. Já... lembro-me pelo menos de uma situação em que era a violência sexual, era a mais forte... só de uma situação em que o arguido a... obrigava a... a companheira a ter relações sexuais. Mas, em geral elas não, não reportam isso.

E – Estou a falar porque, por norma, elas nunca, nunca falam desse tipo de violência que acham que, que é normal. Se são casadas devem...

e – Ou então porque sentem vergonha em falar nisso. Mas eu lembro-me de um que tive em Aveiro, em que ela dizia que ele enfim... também era violência física... ele agarrava nela, deitava-a na cama, ama, ama, amarrava-a com... amarrava-lhe as mãos e depois consumava os actos sexuais.

E – Pois, mas só, só, só falam... normalmente não vem esse em primeiro lugar, não é? Como... são os outros... a física acima de tudo?!

e – O estalo, o murro, o pontapé... é mais comum (risos).

E – Exacto. Ahm... nós ahm... a partir dos estudos que temos feito, temo-nos apercebido que existem algumas formas de violência doméstica socialmente aceitáveis. Concorda? O que é que acha que na sociedade portuguesa ainda é aceitável?

e – Há às vezes...

E – Segundo a lei é violência, não é?

e – Sim e as pessoas às vezes não aceitam... Isso também às vezes depende da mentalidade das pessoas, eu penso que há, há vítimas e que há, há agressores, que situações que eles não consideram que seja agressão, pensam que é mais ou menos normal. Por exemplo, às vezes há aqueles maridos que acham normal dar uma bofetadinha ou outra à mulher, que acham que é a forma de as educar, ou... quem diz uma bofetada [exacto], até mesmo um empurrão, um encontrão. Há quem... há certos maridos e certas mulheres sobretudo, acho que nos meios, mais nos meios rurais, que acham isso normal. Depois há aquelas situações que eles acham normal e elas também aceitam mais ou menos, que eles condicionem o dia delas, não as autorizar em, a... a sair sem lhes darem conhecimento onde vão. Há aquelas situações em que eles, por exemplo, não permitem que elas usem o carro, que tenham dinheiro, que... que tenham o seu dinheiro, que disponham do seu dinheiro [Hum, hum] de outros, de outros bens... Isso por vezes acontece, mas isso só aparece associado a outros tipos de violência, não é, esse não é o factor que as leva a apresentar queixa [exacto]. Muitas vezes elas descrevem isso no meio do resto da história, mas não são coisas que elas valorizem.

E – Exacto, por isso se calhar existe mais violência que aquela que nós temos denunciada, não é?

e – Sim, há, isso de certeza (gargalhadas).

E – Quais é que acha que são os tipos e formas de violência que acha que socialmente são mais condenáveis, ou seja, que a sociedade quando toma conhecimento, a... fica indignada e a... revoltada e assim denuncia?

e – A agressão física, sobretudo quando é sobre crianças, a sociedade se calhar revolta-se mais e... e mesmo as mulheres muitas vezes, é nessa altura que elas apresentam queixa, é quando sentem que não são a única vítima e que há outras pessoas que também sofrem e acho que elas revoltam-se mais com isso. Já tive aqui, ainda não há muito tempo um caso de uma, de uma, de uma rapariga relativamente jovem que se queixava do, do companheiro, mas ao mesmo tempo desvalorizava o

que ele lhe fazia. Quer dizer, era verdade que ele lhe batia, mas ela tinha depois justificações para ele lhe bater, era verdade que ele às vezes gozava com ela e a tratava mal e a ofendia, mas... também ela depois arranjava desculpas: "ele estava bêbado, ele às vezes perdia a cabeça, ela é que o incomodava quando estava a ver o futebol". Mas eu perguntei-lhe se ele batia no filho e ela disse "não, o filho é sagrado". E eu virei-me para ela e perguntei-lhe "então e a senhora não é?". E ela ficou a olhar para mim, como quem diz "se calhar não sou tanto". E, e mesmo as mães ofendidas, acho que para elas a, a violência dirigida às, às crianças é mais grave do que para elas próprias, e isso se calhar ainda é uma coisa que... faz parte do pensamento de algumas, algumas pessoas, de alguns sectores da sociedade.

E – Hum, hum. Por acaso nós também temos reparado que isso acontece... A... é, por norma, agora nem tenho aqui, mas não interessa, por norma não temos assim acusações de... pessoas que saibam de violência, normalmente são as próprias vítimas que vêm fazer a denúncia...

e – É o mais normal.

E – São outras, outras pessoas, as outras pessoas, por exemplo, a vizinha que viu ou...

e – Já aqui aconteceu.

E – Mas é muito raro...

e – Tenho conhecimento de... [sim] aquela, aquela que ainda há pouco... esteve aqui hoje, vem aqui no processo, vem a informação do Hospital [sim], e aí foi uma vizinha que apresentou queixa e já tive aqui outro, de uma senhora de muita idade, em que foi a vizinha que apresentou queixa. Começa-se a ver mais agora.

E – Se calhar está a começar a haver maior consciencialização.

e – Começa-se a ver mais. Era uma coisa que não se via ou então se aparecia era na base da denúncia anónima. Lembro-me de um caso que tive em Aveiro, que era uma vizinha, que não dizia quem era, dizia que era o vizinho, os vizinhos do andar não sei quantos, da rua não sei o quê, que faziam muito barulho de noite, que ouviam gritos, que percebia o que se passava, que havia situações de violência, mas ela não dava a cara. Através de uma queixa feita por telefone para a polícia... e aqui já vi 2 ou 3 situações em que são vizinhas e amigas que vão apresentar a queixa [Hum, hum]. Por isso, se calhar é uma situação que está... faz parte da consciencialização, do trabalho, se calhar do trabalho, do Gabinete de apoio à vítima, que faz com que as pessoas ganhem coragem para denunciar essas situações.

E – Pois, que percam mais o medo, também.

e – Pois, e a vergonha (risos).

E - A... quais acha que são as causas da violência doméstica? (risos) Opinião pessoal.

e – É a personalidade das pessoas, e a personalidade das pessoas tanto do lado da vítima, como do, do agressor e às vezes, se calhar, a cultura, a educação, às vezes agravada com o alcoolismo, por toxicodependência. Mas eu acho que o alcoolismo e a toxicodependência não são a causa, ajudam, se calhar potenciam uma pessoa que tem mau feitio, que é violenta por natureza, e que por causa disso... [fica desinibida, não é?] sim.

E – Normalmente o álcool e a droga desinibem os comportamentos...

e – Também, às vezes aparecem alguns arguidos que têm problemas mentais, pronto, algum tipo de doença mental, mas isso também não é muito frequente.

E – Porque normalmente são pessoas ditas normais, não é?

e – Sim, com mau feitio (risos).

E – Exacto. A... porque é que acha que as vítimas se mantêm nas relações, quando são vítimas de violência doméstica?

e – Lá está, a própria vítima também, às... muitas vezes tem características especiais para ser vítima. As pessoas normais, em geral, podem apanhar, pode haver uma situação de agressão, mas... têm tendência para conseguir ultrapassar, dalgum modo, porque pedem ajuda, ou porque saem de casa e se afastam de quem as agride. E depois há... aquelas pessoas que parece que têm personalidade própria para serem vítimas, porque desculpabilizam, aceitam. E... se calhar há pessoas que fazem isso porque entendem que, que um casamento ou uma relação é para toda a vida. E foi aquele marido, aquele companheiro que lhes calhou e é aquele que têm, têm que o suportar, por muito mau que ele seja, por muito mal que ele está. Depois há, há outras pessoas, porque se calhar é por gostar, mas um gostar tem de ser necessariamente um gostar um bocado... doentio (risos).

E – Pois, é um bocado difícil de compreender, não é? [sim] Mas o facto, é isso que nós, que nós notamos, porque elas dizem a... "ele é muito mau para mim, mas eu gosto dele".

e – Pois, se calhar encontram-lhes outras qualidades que as outras pessoas não vêm (risos).

E – Ou se calhar nunca tiveram um outro carinho, um outro...

e – Sim, aquilo para elas é o exemplo do carinho, se calhar já vinham de família, onde também era à base do murro e da... e do insulto que eles viviam e foram-se habituando aquilo como padrão normal de comportamento.

E – Hum, hum, exacto... contextos. A... considera que a existência das políticas de luta contra a violência doméstica levaram a uma alteração das representações sociais sobre a própria violência doméstica?

e – Acho que sim, a pouco e pouco começa-se... acho que se começa agora a sentir um pouco isso.

E – Acha que as pessoas já têm consciência que...

e – Começam a ter.

E – Que a violência doméstica é crime?

e – Começam a ter, começam a ter. Vê-se, por exemplo, mais queixas e que, e isso acho que tem na... a ver com o papel por exemplo das polícias. Noto que há um esforço das polícias em, por um lado, arranjar em, elementos especiais, se calhar mais vocacionados para isso, que atendem as vítimas, que, que fazem, fazem, elaboram os autos de notícia e que vão... que se, por exemplo, se há um telefonema, uma, uma queixa por telefone, eles deslocam-se aos locais e tomam conta das ocorrências. Antigamente não se via muito e agora começa-se a ver. E, e nota-se que há muito mais pessoas, muito mais mulheres a apresentar queixas. Tem-se vindo, a pouco e pouco a notar isso. E... penso que se isso acontece é exactamente por causa da sensibilização que tem havido.

E – Hum, hum. E, e acha que estas mesmas políticas também alteraram as representações sobre a família, o casamento e as relações familiares? Se antes não viam a violência como um crime, não é? Aceitavam, não é?

e – Sim... agora exigem um pouco mais da, das relações, talvez, mas também isso... ainda é uma coisa que...

E – Se calhar demora mais tempo, não é?

e – Demora mais tempo.

E – Pois (gargalhadas) eu também acho. A... mas de facto eu noto que, por exemplo, há 20 anos atrás... o próprio marido bater na mulher, isso não implicava nada, não é? O casamento não dava origem ao divórcio de maneira nenhuma. Hoje em dia é uma das causas para o divórcio.

e – Sim. E que as pessoas apresentam, sim.

E – A... à bocadinha já falamos, mas não sei se quer acrescentar mais alguma coisa. A... existem factores contextuais que favorecem o exercício deste, desta violência ou acha que não? [Ah! Sim, a...] O facto de viverem, por exemplo, numa aldeia ou numa cidade, muda?

e – Sim, são pessoas com recursos... são pessoas mais pobres também, porque muitas vezes há situações em que as mulheres não trabalham, dependem economicamente dos maridos, o que não... também faz com que elas tenham mais dificuldade em... em resolver os problemas, e, se for caso disso, em viver uma vida autónoma. E também tem a ver com... se no meio onde se conheceram as pessoas vêm a violência como uma coisa normal. É normal que as coisas continuem assim, que as vítimas continuem a ser vítimas e... e não se queixarem, e os agressores continuem a fazer o que têm feito sempre.

E – Pois, porque se ninguém condena, toda a gente aceita.

e – Para quê mudar!? (risos)

E – Para quê mudar!? A... acha que a violência aumentou ou diminuiu nos últimos tempos, a violência doméstica? [Não sei...] Aqui no Concelho, pronto, está há 7 meses e se calhar não tem a noção, mas por exemplo a nível nacional?

e – Acho que agora é mais visível, há muito mais gente a queixar-se. Socialmente... isso, ou se não, não tenho noção, mas não deve... se calhar manteve-se mais ou menos na mesma. Só que hoje em dia nota-se mais, porque as pessoas já, já apresentam queixa e não têm, não têm a vergonha que tinham antes e, e avançam, apresentam queixa. Tanto a... as vítimas como, como as pessoas que, que acompanham, ao nível das polícias que já actuam nestas situações, que eu tenho ideia que antes, muitas vezes, nem sequer instauravam auto de notícia, podiam ser chamados ao local, podiam até levar as pessoas ao Hospital, mas, a menos que houvesse alguém a apresentar queixa, eles por eles não, não iniciavam os procedimentos. E mesmo os vizinhos também começa-se a ver que, que intervêm... [Hum, hum].

E – Agora não se assuste que é só mais esta... (gargalhadas). São só 20. A... antes da alteração da lei a... existiam muitas, muitos casos de vítimas que retiravam as queixas. Tem noção mais ou menos da percentagem, se o número era muito elevado?

e – Era muito elevado, era muito elevado.

E – E quais eram os motivos que elas apresentavam para retirar a queixa?

e – Normalmente, porque já tinham feito as pazes, estavam, pelo menos estavam no momento em que estavam de, de pazes feitas, que isto é... [A fase da lua-de-mel]. Isto é por ciclos [É, exacto]. Elas queixam-se quando estão zangadas com eles, mas entretanto eles pedem-lhes desculpa, já estão todos muito contentes. E era nessa fase que elas vão retirar a queixa, sem prejuízo, daí a duas semanas, se fosse preciso, estavam outra vez a apresentar queixa. Mas, normalmente era um ciclo

vicioso: apresentavam queixa, desistiam, voltavam a apresentar queixa, desistiam... E no meio disto, às vezes, havia uma queixa que elas não desistiam e que seguia para julgamento, normalmente por ofensa à integridade física [Hum], por injúria ou por ameaça, mas normalmente não por, por maus-tratos. Porque isso também tem a ver com a evolução das mentalidades, mesmo dentro dos Tribunais, que... hum... só de há uns tempos para cá é que se começou a usar mais o crime de maus-tratos [Hum]. Normalmente usava-se... as ofensas à integridade física, muitas vezes associado com injúria e com ameaça... E preferia-se, se fosse necessário, acusar e condenar o arguido por esses 3 crimes, do que só por crime de maus-tratos.

E – Mas porquê? A pena é mais leve... mais pesada?

e – Por vários motivos: um é porque permitia-se até ao fim que ela viesse desistir da queixa (risos).

E – Pois... mais uns para ajudar, não é?

e – E... depois porque é uma questão de hábito, era, era o, era habitual fazer-se [Hum], ainda não tinha... hum... é preciso mudar os padrões. E, e depois muitas vezes, porque não se via a situação como uma conduta global, isto é, não se via que era uma situação contínua [Hum, hum]. Mas via-se que, por exemplo em Outubro bateu, em Novembro chamou-me nomes, em... daí a uns meses a... disse vais levar na cara, ou qualquer coisa assim. E eram vistas sempre como condutas autónomas, não se via a... esta situação como uma situação global de violência [Hum] doméstica.

E – Pois, exacto, viam como vários...

e – Episódios [episódios]. Sim.

E – Não se viam como uma sequência.

e – Aliás, ainda agora se discute se os maus tratos implicam uma conduta reiterada ou se basta um único episódio de violência. É uma questão... hoje em dia é discutida na, na doutrina e na jurisprudência.

E – Hum, hum. A... quais são as medidas de coação aplicadas aos agressores? A... algumas, não estou a dizer todas...

e – Hum... há... há, há várias medidas, umas que são urgentes, genéricas para todas as situações e depois há também medidas que são exclusivas para a situação de violência doméstica, que é o caso. Por exemplo: de obrigar o agressor a sair de casa, que é uma medida que existe já há alguns anos mas... não é frequente ser aplicada...

E – E é fácil? [Fácil de...]. De aplicar?

e – Mais ou menos.

E – Ou seja, quando proposta é conseguida facilmente? [Não]. Ou existe...

e – Não, nem sempre a... Posso dizer que aqui já, já promovi para aí umas... 3 vezes... e acho que só uma é que foi a... deferida, que também conhece, aquele da ((nome da vítima)).

E – Hum, hum, que levou com um copo na cabeça...

e – Porque em geral, hum... primeiro há varias preocupações que os juízes, que eu vejo que eles têm, uma é querer que seja uma situação de, de violência forte (risos), normalmente que dure muito tempo e que seja mesmo grave, e em geral que exista algum tipo de risco, risco de vida. Muitas vezes eles consideram que isso é importante. Depois, a... há também preocupações com o próprio arguido, com o agressor, isto é, ver para onde é... se ele tem outra casa para onde ir, se há um sítio para onde ele possa ir, para não ficar a viver debaixo da ponte [Hum]. E o facto de existirem estas preocupações faz com que... não seja muito comum aplicar-se esta medida.

E – Qual é a medida mais comum? Que se aplica... medida de coação?

e – Medida de coação: o termo de identidade e residência. Todo o arguido tem isto. Depois...

E – Mas isso não é aplicado tanto, pois não?

e – Não, não, é uma medida para o Tribunal saber onde é que ele está, onde é que está o arguido e para ter a certeza que ele, quando for notificado, recebe as notificações. É o, o termo de identidade e residência, é o, é... o objectivo é esse. Mas a medida mais comum é se calhar a obrigação de apresentações periódicas, em que se obriga o arguido a ir ao posto da... policial mais próximo, com uma certa periodicidade...

E – Mas ele vai lá fazer alguma coisa em especial?

e – Vai assinar uma folha [Só isso?]. Em termos de perigo para a família, a situação fica mais ou menos na mesma. O que se pretende é assustá-lo um bocadinho (risos) e... e ver se ele pára com, com os comportamentos agressivos. Depois também, o que muitas vezes se faz é... outra medida, que é... quando eles estão separados, mas isso só tem lógica quando eles vivem separados, é a proibição de contactos com a vítima, proibição de se aproximar da vítima [Hum, hum]. Mas isto só há uma medida que tenha... que tenha possibilidades de ser aprovada quando eles já estão separados.

E – Exacto. Esses são os mais frequentes? [Sim] Em termos de penas, normalmente quando são condenados, [Hum, hum] existem condenações? (risos)

e – Sim. Existem, existem.

E – Muitas ou poucas?

e – A... é assim, o crime de maus tratos só há relativamente poucos anos é que começou a aparecer com mais frequência, tanto nas acusações, como serem levadas pessoas a julgamento como... acusados desse crime, porque antes era mais comum a ofensa, a injúria, a ameaça. Mas existem condenações e, e, penso eu, que são cada vez mais frequentes, mais do que isso, penso que são cada vez mais pesadas.

E – Hum, hum. Qual foi a pena mais pesada que já...

e – Mas nunca vi uma pena de prisão efectiva!

E – Pois //era por isso que eu estava a perguntar//

e – //Nunca vi, nunca vi// nenhuma pena de prisão efectiva.

E – Porque só ouço falar em... a...

e – Multa ou pena de prisão suspensa [Suspensa], sim.

E – E eu não consigo compreender, a, que efeito é que isso trás para o agressor [É assim...] porque ele continua na mesma.

e – Sim, só que tem uma coisa, que é pena de prisão suspensa, suspensa significa que se ele se voltar a portar mal... acaba a, a suspensão, é revogada a suspensão, ele vai ter mesmo que cumprir a pena. Por isso é... é uma espada que ele tem sobre a cabeça dele. Ele sabe que tem que, tem que deixar de agredir, porque se não arrisca-se a cumprir mesmo a pena de prisão. E isto acontece assim, porquê? Porque muitas vezes eles são pessoas... para o resto [da sociedade] da comunidade, eles são bem comportados [Exacto]. E por isso, em geral, são pessoas que não têm antecedentes criminais ou se têm antecedentes criminais é do tipo: condução com álcool (risos) ou coisa assim [Hum]. Mas como não têm antecedentes criminais... entende-se que é muito pesado, logo à 1ª vez [Exacto] que eles, que eles fazem qualquer coisa errado, aplicar-lhes uma pena de prisão efectiva, e por isso quase sempre são penas de prisão suspensa.

E – E o tratamento do agressor, a... nunca se pensou, nunca se fez isso...?

e – Às vezes acontece. Eu já aqui vi uma situação, mas que foi condenado por crime de ofensa e que foi obrigado a tratamento... mas não é muito...

E – Mas agora já temos tratamento do agressor aqui em Coimbra.

e – Sim [no Sobral Cid], no Sobral Cid, é um Dr. João Redondo, não é? [Exactamente] Ele é marido, agora à parte, ele é marido duma (nome), não é? [Não] Ah! Pensei que era...

(((conversa sem interesse)))

E – Estávamos a falar... porque é que não... [das penas], porque é que não, não há tratamento estávamos a falar que já, já...

e – Para haver tratamento é preciso que eles aceitem.

E – Mas não pode ser o Tribunal a impor? [Não] também o tratamento do álcool, também... vocês não podem propor?

e – Não, tem que ser... esse tipo de, de... penas que impliquem o esforço pessoal do arguido, que implique que ele se preste a fazer tratamento, exige sempre a concordância dele, é como o trabalho a favor da comunidade, só pode, só pode alguém ser obrigado a trabalhar se é, se ele, se a pessoa que vai ser condenada a essa pena, aceitar.

E – Hum, hum. Mas quer dizer... dão-lhe... ou trabalha para a comunidade ou... ou não lhe dão opção?

e – Não, tem de partir dele [Ah!] a... tem de partir dele a vontade de lhe ser aplicada essa pena.

E – Sim, mas assim nunca, se calhar, vai ser...

e – Quer dizer... o Tribunal pode sugerir, pode perguntar se está interessado, mas não, mas não se pode retirar daí consequências negativas. Isto é, se ele não... (risos), não é: ou isto ou aquilo, é... ele tem essa opção e, e na... Mas verdade se diga, também faz parte, se calhar do, do papel do Tribunal sensibilizar as pessoas para essa possibilidade... porque eles não nascem ensinados, muitos deles se calhar nem sabem que existe essa possibilidade.

E – Exacto, isso também é um recurso novo, não tem muito tempo.

e – Sim. Isso acaba muitas vezes por se fazer mais no âmbito das suspensões provisórias do processo [Hum, hum], em que eles aceitam no âmbito da suspensão provisória do processo, seguirem um tratamento médico, um tratamento médico ao alcoolismo ou a problemas de saúde que tenham [Hum], como às vezes saúde mental ou que... problemas que eles tenham de saúde que, que estejam na base da violência ou que agravem as situações de violência. E se eles aceitarem o processo pode ser suspenso com a obrigação de eles seguirem os tratamentos médicos que lhes sejam impostos [Hum] e eu faço isso com alguma frequência e vejo fazer aos meus colegas. No âmbito da, da... na sentença, a pena, no... quando eles são condenados, ser-lhes aplicada essa pena, sinceramente só vi uma vez e aqui [Pois]. E foi exactamente na, na, foi no acompanhamento no, no psiquiatra para nos... por causa do alcoolismo e também... e alterações do comportamento decorrentes do

alcoolismo. E penso que ele seguiu o tratamento e acho que foi agora, foi... foi extinta a pena porque ele, porque ele [Cumpriu] cumpriu essas regras de conduta.

E – Exacto, se calhar era uma forma de...

e – Sim, podia ser uma forma importante mas... isso era necessário sistematizar mais, que os serviços a... tivessem também já... [Respostas] respostas para darem nessas situações e depois que, que os Tribunais também sugerissem aos arguidos (risos) se eles aceitam isso (risos).

E – Exacto. Bom e relativamente às vítimas, acha que o nível de satisfação das vítimas tem vindo a aumentar, ou seja, as vítimas que apresentam queixa [Hum], não é? Porque isto acaba por ser... o boca a boca também ajuda, a... Uma vítima que apresenta queixa, acha que no final do processo fica satisfeita? A... tendo em conta que as penas não são muito pesadas, que os julgamentos são muito complicados e psicologicamente muito desgastantes, a... acha que as vítimas acham... ou pensam "vale a pena"?

e – Não sei, como é que... há aquelas vítimas que não são vítimas muito convictas, que, que apresentam queixa, se calhar, numa altura em que estão mais chateadas, mais magoadas, mas que muitas vezes desistem. E se não se lhes dá hipótese de desistir, porque o processo é tramitado como maus tratos. Elas depois chegam... há muitas que chegam ao julgamento, não prestam depoimento e que fazem tudo para que os companheiros ou os agressores sejam absolvidos [Hum, hum]. E há, há essas que eu não sei se (risos) devem ficar satisfeitas com a... com o resultado, porque no fundo elas trabalharam activamente para ele [Para isso]. Depois há, há... também muitas que apresentam queixa, mas não querem que eles sejam condenados, são aquelas que pedem mesmo para ser aplicada a suspensão provisória do processo. Há muitas que pedem isso, que dizem que querem é que eles sejam tratados, como a suspensão provisória do processo é mais seguro que aconteça, que eles sejam obrigados ao tratamento do que na decisão final [Hum, hum], há muitas que requerem a suspensão provisória do processo. Eu acho que... não digo a maioria, mas perto dos 50% pedem isso mesmo [Suspensão?]. A suspensão provisória do processo. Em relação àquelas que querem que o processo vá para julgamento e que estão empenhadas na condenação dos arguidos, normalmente são pessoas que... como é que eu hei-de dizer? Parece que já sofreram muito e decidiram, por qualquer motivo, que já estavam fartas e querem mesmo ultrapassar a situação, mas normalmente são pessoas que já estão separadas e divorciadas, isto é, que já não têm um vínculo com o agressor [Hum]. Enquanto elas têm um vínculo têm

esperança de ter... normalmente parece que estão nos processos... como vítimas, mas, ao mesmo tempo, parece que se colocam muitas vezes do lado [do agressor] do agressor, têm assim uma... como é que eu hei-de dizer? Parece que há dentro delas uma duplicidade (risos).

E – Exacto, não sabem muito bem para que lado é que hão-de ir (risos) [Sim]. Mas, essas que levam os processos até ao final, acha que ficam satisfeitas? Não tem essa noção?

e – Nem sempre, nem sempre. Por exemplo, lembro-me de um caso em Aveiro... que eu fiquei, fiquei um bocado... não fiz o julgamento, era um julgamento que até foi feito, o julgamento foi em colectivo. O arguido foi absolvido por falta de provas, porque no fundo era a palavra dela contra a dele [Hum, hum]. E... e depois, o que havia mais, acabou por não ser suficiente, ninguém via [Hum], ninguém via as agressões. E, e eu tenho ideia que essa pessoa deve ter ficado verdadeiramente a... verdadeiramente triste com a decisão. Porque... porque foi a... lembro-me, recordo-me que, que foi uma situação em que havia... havia aquilo que muitas vezes há, há só a palavra dum contra o outro e há os exames médicos em que mostravam que a pessoa, que a vítima tinha ido ao Hospital em determinados dias e que tinha apresentado lesões físicas, mas isso foi considerado insuficiente e foi absolvido aquele arguido. Acho que essas situações de absolvição devem ser muito dolorosas para, para a vítima. E ela deve pensar muito seriamente porque é que se meteu nisto, porque é quase mais uma agressão que lhe é feita [Exacto]. Nas outras situações em que há... há condenação, mesmo que seja uma pena de multa, uma pena de prisão suspensa, que é o mais comum... Eu penso que aí não... não parece que seja prejudicial para a vítima. E até, por aquilo que eu vejo, aquilo que na maior parte das vezes... elas não pedem indemnização civil.

E – E se calhar a maior parte nem sabe que tem direito?!

e – Pois, muitas, se calhar, o que as consola é pensar que ele foi conde-, que a conduta dele foi censurada, sem quererem tirar mais nenhum, sem quererem tirar propriamente nenhum benefício disso.

E – Eu estou a dizer, porque nós estamos a informar que elas têm direito, e o que nos dizem: “mas eu não quero o dinheiro dele” [Pois, é isso, não...], “eu não quero nada dele, eu só quero o divórcio, eu só quero que ele desapareça da minha vida” [Pois], “eu não quero dinheiro, só quero viver em paz”, é o que elas nos respondem [Pois]. Mas a senhora tem direito, “sim, mas eu não quero, eu não quero dinheiro”. Por acaso é engraçado a... se calhar também por aí nós vimos que elas... vêm para

esta luta e não vêm mesmo à procura de dinheiro, nem... [Sim, a...] só vêm mesmo à procura de paz.

e – Sim, se calhar de um bocado da dignidade perdida, não sei.

E – Um bocadinho (risos) da justiça que elas acham que... (risos) que merecem. A... considera que a criação destes planos, o da igualdade e o plano nacional de luta contra a violência doméstica conduziram a uma mudança efectiva na forma de intervir por parte das entidades locais com estas situações... falou que na polícia, sim, já disse há pouco...

e – Do resto das instituições e do...

E – Segurança Social, IPSS's, Câmara Municipal...

e – Não sei bem, também depende, se calhar dos sítios, depende das pessoas que estejam em cada instituição, em cada, em cada, em cada zona. Aqui em Montemor, propriamente, não tenho aqui noção... as pessoas que eu vejo que vêm mais apresentar queixa... penso que são muitas através do, do vosso gabinete, porque há várias que depois na conversa referem que já lá foram. Se calhar também porque como vocês têm varias valências, nos jardins-de-infância [é, é] e assim, acabam por abarcar muita, muita gente. Da Segurança Social, da Câmara não tenho noção. Não, não, não posso pronunciar-me porque não... não tenho conhecimento. Na GNR vejo que há uma sensibilização grande da parte aqui do comandante do posto para estas situações [Hum, hum], vejo que têm algum cuidado. Ele próprio já veio aqui falar comigo, tomou duas situações que ele achou mais, mais complicadas, mais, mais difíceis. Por exemplo aquela que fugiu de casa com os filhos para casa da vizinha [Sim], a (nome) não sei quê [Sim], essa aí...

E – Agora estão num mar de rosas.

e – Exacto, essa foi o comandante do posto [por se tratar de filhos menores] veio cá, veio cá pessoalmente falar comigo para, para me pôr a par da situação e porque entendeu que era uma situação de perigo e que precisa dum... enfim, de um tratamento preferencial e urgente. Por isso da parte da GNR vejo que há de facto atenção da parte deles... Depois há outras, por exemplo, em relação às crianças devia a... acaba por ser mais... é... as escolas e... se calhar o Centro de Saúde. O Centro de Saúde daqui não, não noto que tenha por sua iniciativa, que desencadeie os procedimentos. Mas se calhar também é normal que...

E – Hum... por acaso só nos encaminham duas situações.

e – Porque se calhar também o papel deles a... não se presta muito a isso, não sei.

E – Depende um bocadinho de quem lá estiver, na Urgência.

e – Pois... e se conhecem a pessoa, se a pessoa... relata as situações ou se não diz nada. Eu sei... por exemplo, já falamos sobre isso, a... já vi que no Hospital dos Covões eles têm um acompanhamento à vítima que já vi que [Hum] há vários processos que se iniciaram lá por iniciativa do... das assistentes sociais ou dos médicos, dos médicos do Hospital dos Covões [Exacto]. Agora daqui do Centro de Saúde, até agora, ninguém veio, nenhuma situação dessas.

E – Normalmente encaminham para os Covões.

((((Interrupção: alguém entrou))))

E – A... o que é que me pode dizer sobre as práticas de intervenção utilizadas, ou seja, o que é que em Montemor é feito, a... quando se sabe que existe uma situação de violência doméstica? [Aqui?] Sim. O que é que normalmente... quais os procedimentos, o que é que as entidades fazem ou o que é que as vítimas... onde é que as vítimas recorrem? O que é que acontece aqui?

e – Pois, eu penso que há, há... há muitas pessoas que vêm aqui quando apresentam... eu só, eu só contacto com as pessoas numa fase mais adiantada, em que elas já apresentaram queixa, já [Hum, hum] iniciaram os procedimentos criminais, a... Mas a ideia que eu tenho é que há muitas pessoas que vêm por intermédio da AFMP. Seja do, do vosso gabinete de apoio à vítima, seja, se calhar, por causa das outras valências, do, dos ATL's, a... [Jardins-de-Infância] Infantários. E, e penso... que muitos procedimentos são iniciados aí, as pessoas se calhar vão aí, a... têm apoio psicológico, talvez se sintam mais fortes e mais conscientes dos seus direitos para seguirem para diante. Há... a maior parte das queixas são apresentadas na GNR, por isso imagino que eles de algum modo a... estejam sensibilizados para receber as queixas e para... porque eles fazem um... têm agora uns formulários em que fazem até as avaliações do risco e vê-se que eles têm alguma sensibilidade para estas situações. A... outros... os procedimentos usados, a GNR, esse tipo de, de queixas encaminha imediatamente para o, para o Tribunal, sem prejuízo deles, muitas vezes, começarem eles próprios, a ouvir o arguido, fazem [Hum, hum] as diligências normais de inquérito. Quando chegam ao Tribunal, normalmente, não sei se...

E – Mas, quer sejam menores, quer sejam mulheres, idosos, vêm sempre para o Tribunal? [Sim] Depois do Tribunal é que encaminha para a CPCJ ou a própria GNR também encaminha para a CPCJ?

e – A... quando é um caso de menores a GNR faz simultaneamente participação para o Tribunal [Hum, hum] e para a CPCJ. E já vi a GNR... algumas situações em que a GNR vai também acompanhar as crianças ao Hospital, ao Centro, aqui ao Centro de Saúde, e muitas vezes já... pelo menos duas situações em que levou depois as crianças, a GNR com acompanhamento, se calhar, dos professores ou de outros familiares, que levou para o Hospital Pediátrico [Hum, hum]. Casos em que (risos), isto se calhar é um bocado mau dizer-se, mas o que eu notei foi que quem acabou por ter uma actuação mais activa foi a GNR e não propriamente a Comissão. A Comissão foi um pouco... como é que hei-de dizer, a reboque [Exacto]. É que estou a lembrar-me de que, pelo menos de duas situações em que quem... a situação terá sido sinalizada pelos professores na Escola, que levaram a criança ao Centro de Saúde ou ao Hospital Pediátrico de Coimbra. E quem depois tomou rédeas da situação, isto é, acompanhou a criança, diligenciou junto dos pais para saber o que se passava, fez as comunicações... foi a GNR [Hum, hum]. Só depois, já num ambiente bastante posterior é que a Comissão teve, teve conhecimento e... teve conhecimento, não, mas começou a, a ocupar-se das questões [Exacto]. Isto nos casos de menores.

E – E há muitos casos de menores aqui?

e – Há alguns.

E – Mais de menores ou mais de adultos... de violência doméstica entre adultos?

e – Há muito mais mulheres que se queixam de violência doméstica. As situações de menores a... há relativamente menos e... e... violência doméstica... Estou-me a lembrar dum caso de uma mãe agressora, dum padrasto, dum irmão... enfim, violência na família contra crianças. E as situações de violência contra crianças normalmente são mais sinalizadas nos Centros de Saúde ou pelas Escolas.

E – Hum, hum, pois, é onde as crianças vão [é], porque elas não se queixam.

e – Exacto, porque eles não se queixam, não parte da iniciativa deles (risos) [Pois], pelo seu pé, ir à policia ou ao Tribunal apresentar queixa. E aí os professores devem ter um papel muito, muito importante, têm um papel muito importante.

E – Eu percebi muito isso, porque fizemos a... algumas acções para jovens, que não eram crianças, já eram jovens, aos 7º, 8º e 9º anos, já, já pensam por si, não é? já [Pois] têm outras idades, já havia lá muitos de 16, 17 anos. E o que eles diziam era: “Mas não podemos confiar em ninguém. A quem é que nós vamos dizer?” e nós estivemos a... dar umas dicas [Pois]. “Mas vamos dizer pra Escola? Depois ainda gozam comigo. Mas vou dizer à minha mãe? Depois ela ainda me bate mais. Vou

dizer à minha avó? Então, depois a minha avó também concorda com eles. Não posso dizer a ninguém". A... é complicado (risos), os menores parece ser ainda mais complicado [Sim], porque as mulheres é um bocadinho... mas... a consciência está a demorar, mas modificam-se, mas os jovens são um bocadinho mais "atados". [Nas crianças] E as crianças principalmente [Sim], e, por exemplo há aquelas que não podem sair de casa, que nem sequer vão para as valências (risos) [Sim] e depois não existe hipótese nenhuma de, de... de verificar...

e – As escolas nesse aspecto são muito boas, muito boas, porque são, são os locais onde se pode ver a... muitas coisas que de outra forma ficavam completamente escondidas.

E – E por isso é que nós também a... consideramos, nós na AFMP, que as crianças que estão supostamente em risco devem todas frequentar as valências.

e – Sim, é a maneira... vê-se logo qualquer alteração que haja.

E – Exactamente e pelo menos sabemos que durante aquele período, aquelas crianças estão a ser bem tratadas.

e – E estão protegidas.

E – E estão protegidas.

e – É, é, é, sim, sim, sem qualquer dúvida, enquanto lá estão, estão protegidas e também é a forma de se controlar o que acontece nas outras alturas. Vê-se logo se elas andam muito sujas, se têm marcas, se começam a andar mais tristonhas ou... ou mais [se têm medo] a... [se não querem ir com os pais à noite], alterar os comportamentos, não é? É só isso [É], é verdade.

E – A... isto já falámos. A... considera que estas políticas também tiveram um, um reverso, como nós costumamos dizer, e influenciaram os comportamentos dos agressores e das vítimas? Principalmente os agressores, a partir do momento em que eles, em que passou a ser crime público?

e – Às vezes há, há também aquelas situações que também acontecem, é preciso ter cuidado, ter cuidado para ter noção quando isso acontece, de pessoas que se fazem de vítimas ou que... empolam as situações para tirarem partido. Por exemplo em situações de divórcio às vezes acontece, a... mulheres que apresentam queixa de agressões que se calhar existiram ou que se calhar nem existiram. Mas para tirar benefícios para, para obrigarem o marido ao divórcio, para terem benefícios depois [Hum, hum] no próprio processo de divórcio, para terem, tirarem algum benefício das queixas por maus tratos que apresentaram. E também, às vezes, se vê da parte deles que... têm algumas preocupações, por exemplo, às vezes há aquelas mulheres

que dizem que eles têm a preocupação de bater de maneira a não deixar marcas ou de, em vez de baterem usam outro tipo de estratégias de agressão, mas que não... [Não deixam marcas], que não sejam, que não sejam facilmente comprováveis.

E – Preocupação que antigamente nem existia sequer...

e – Sim, se calhar na altura, qualquer agressão (risos) não pensavam nisso e agora têm a preocupação de escolher uma que não dê nas vistas, mas isso às vezes a... o que pode acontecer é estas duas situações, às vezes acontece.

E – E parece-me que nas crianças também se passa um bocadinho isso... [De baterem de maneira...] de baterem em locais que sabem que não vão deixar a... marca, pelo menos visível.

e – Em alturas que ninguém está a ver....

E – A... agora é que é a ultima pergunta (risos), mas se calhar também não é a mais fácil. Qual é que acha que será a melhor estratégia para combater a violência doméstica? E o que é que ainda está por fazer no Concelho de Montemor-o-Velho?

e – Qual é a melhor estratégia para combater a violência doméstica? [Hum, hum] Eu acho que em geral, nestas coisas, é... a educação ajuda muito, a informação, a... por um lado dar às pessoas educação para elas poderem ter a sua própria profissão, a sua autonomia, para poderem escolher de facto a sua vida. O que se vê é que muitas vezes há pessoas que não, não, parece que não têm outra escolha. E... e depois é os serviços funcionarem bem. Por exemplo, há situações em que o alcoolismo é que... ajuda muito [Hum, hum], às situações de violência. Se houvesse, de facto, serviços que funcionassem bem, onde estas, onde estas pessoas se pudessem dirigir e pudessem fazer, obter tratamento, a... obter apoios médicos e apoios sociais, se calhar as situações não se tornavam tão graves, podiam existir mas não, não tinham nem a frequência, nem a gravidade que têm. E também agora se vê, volta e meia, nos últimos tempos, situações em que há violência doméstica porque... problemas de dinheiro, falta o dinheiro em casa, as pessoas começam a discutir, mas isso (risos) é mais complicado (risos).

E – Pois... de resolver... isso é um problema já a nível nacional que [Pois] é muito complicado. E o que é que acha que se deve fazer aqui em Montemor?

e – Aqui em Montemor, aqui em Montemor, como em todo o lado, é preciso haver bons serviços de apoio às vítimas, porque o apoio muitas vezes a... o Tribunal, pouco, pouco serve. Um Tribunal só serve para punir praticamente ou então para obrigar as pessoas a seguir depois outro tipo de, de regras, mas que têm que ser supervisionadas ou, ou aconselhadas, orientadas por outras entidades. É preciso

criar uma rede, uma boa rede tanto a nível da, da despistagem das situações [Hum]. Era preciso, por exemplo o que o... os Hospitais, as Creches... tivessem atenção, estivessem sensibilizados para ver, aquelas, Escolas. Estivessem sensibilizadas para ver as situações em que surge uma criança de risco, em que, em que, por exemplo, uma mulher que apresenta uma situação de, de risco, de maus tratos... E depois, a partir do momento em que essa situação estivesse sinalizada, não ser abandonada, porque às vezes há aquele empenho inicial a... parece que corre bem, mas depois as pessoas são um pouco abandonadas e obviamente que a situação volta a cair no mesmo. Era preciso que houvesse um serviço de apoio às vítimas e também aos agressores, porque às vezes não se, se eles não se querem separar, se eles continuam a viver juntos, não serve nada tratar um só, às vezes é preciso tratar os dois ou tratar [A família] a família toda (risos). E para isso era preciso haver uma boa rede de assistência, que tivesse assistência tanto a nível psicológico como depois encaminhamento médico. Convencer as pessoas a seguirem um tratamento médico e seguirem-no mesmo, e são coisas que não, não é só por 2 ou 3 dias, era... às vezes demora... se calhar... meses para ultrapassar as situações.

(((((fim do lado A, inicio lado B))))))

E – Agora já pode falar outra vez (risos).

e – Pois, mas em, em relação às crianças, vê-se que muitas vezes... a criança pode ser maltratada no, no seio da família, mas também não há, não há alternativas, porque os colégios nem sempre são... existem, ou mesmo quando existem acabam por ser uma situação também... [Complicada] que não é... que não é o melhor para uma criança. E muitas vezes o melhor seria trabalhar a família de maneira a que os pais corrigissem os comportamentos ou quem é o, é o agressor que corrige os seus comportamentos. E isso só se consegue com o apoio próximo e que... um apoio próximo e que seja em várias áreas [Hum, hum]. Era preciso uma conjugação de esforços, se calhar de, dos Hospitais, das Escolas, da, da GNR, do Tribunal e, por exemplo... eu agora já não sei porque (risos) vocês parece que também não têm assim uma duração muito longa (risos), mas o gabinete, o, os serviços que vocês têm de apoio à vítima são muito importantes, porque permitem logo sinalizar as situações e permitem acompanhar as vítimas, porque muitas vezes nos processos crime, o que se faz é culpabilizar o agressor, puni-lo, mas depois esquece-se a vítima e a envolvência da vítima, não é?

E – O apoio psicológico da vítima é muito importante.

e – Sim.

E – Quer acrescentar mais alguma coisa?

e – Acho que não (risos).

E – Pronto, agora já terminou.

Entrevista n.º 4
(E4, profissional social, 38 anos)

E – O que é que entende por violência doméstica? (risos) Não... isto é... não se esqueça que isto é só para mim.

e – Violência doméstica é quando há agressões físicas e... e, e mesmo, e mesmo psíquicas, não é? Contra um outro, não é? E é dentro de um meio familiar... de...

E – Exactamente, entre pessoas da mesma família. E quais são os tipos e formas de violência que conhece?

e – Lá está, física, a... a... psíquica, não é? E também...

E – E as mais frequentes aqui...?

e – Às tantas a psíquica é mais frequente e não é tão a... mas aqui em Montemor?

E – Sim. Dos que tem conhecimento...

e – Talvez a... talvez a... a violência a... psíquica, não é? Que se possa chamar... eu acho que é capaz de ter... mas isso é mais quando há outros problemas a nível económico, por exemplo o alcoolismo por parte do cônjuge. E isso, de facto a, acaba com as mulheres, a... diminui-lhes a auto-estima, não é? É isso que acontece. Talvez, talvez seja ainda mais evidente a... se bem que... é muito mais escondida, não é? Não sei, mas não sei, estatísticas eu não sei.

E – A... acha que existem formas, tipos e formas de violência doméstica socialmente aceitáveis?

e – Existem, claro!

E – Por exemplo?

e – Por exemplo, se o homem se queixar da mulher que não lhe lava a roupa ou que não lhe trata da casa, ou que não, ou que não, que não tem comida feita atempadamente, portanto, é um, o homem sempre... desde o serviço doméstico, das tarefas domésticas e tem de ser sempre servido e, portanto, e é sempre a obrigação, a obrigação da mulher, é a sua não obrigação, não é? E portanto, a... se a mulher não cumpre com estas tarefas, é uma má mulher. E portanto, há que lhe apontar o dedo, não é? E depois, sabe que depois a... depois a... o que está por de trás não é... e agora já não sei como... como é que... qual é que era a pergunta?

E – Que tipos e formas de violência doméstica são aceitáveis socialmente?

e – AH, pronto, mas essa é... Portanto, a mulher tem que ser a mulher perfeita, a perfeita dona de casa, se trouxer dinheiro para casa, ainda, ainda mais, não é? Mas

a... portanto se o marido a agredir porque ela não cumpriu com essas tarefas... fez ele muito bem, não é?

E – Socialmente isso acontece. E os pais baterem nos filhos?

e – AH, isso às vezes também a... É assim, eu sou um bocadinho reservada relativamente, porque esta é a minha opinião pessoal, porque às vezes também se banaliza demasiado e, a... às vezes o criar-se regras, tudo depende, não é? Temos de facto, há, há, há pessoas perfeitamente desequilibradas e há mães e pais perfeitamente desequilibrados por esta ou aquela razão, e que de facto a... violentam, não é? [Hum, hum] os filhos, mas, mas acho também se calhar um bocado ridículo quando se criam regras, ou se dá uma palmada, parece que já é... Mas isto... até às vezes até mais no nosso estrato social, não é? [Claro] As pessoas têm medo de bater, têm medo de criar regras, têm medo... que eu isso também condeno, porque acho que os miúdos também têm de ter regras, os nossos filhos, não é? Agora que essa violência existe... pronto, eu às vezes acho que até é mais... eu noto mais na negligência, que noto... Mas eu não me recordo qual é que era a pergunta que estava...

E – (...) aceitáveis socialmente, ou seja, que a nossa sociedade e principalmente aqui a nossa de Montemor, que aceitem este tipo de comportamentos...

e – De facto, de facto quando há comportamentos violentos, mas eu até acho muito os pais tolerantes, hoje em dia, mesmo os pais de estratos sociais baixos, os meninos fazem e até se colocam muito... Como já são excluídos socialmente, como já são famílias mal vistas, normalmente até se põem do lado dos filhos e quando há agressões, também é mais na... é mais quando há alcoolismo. E isto são os casos que eu recebo [Hum, hum], não quer dizer que isto seja a... realidade, mas eu (...) mais a agressão física e psíquica e a... a... e ao nível psicológico, a atenção e não sei quê, quando há alcoolismo, quando há outros problemas associados. Mas a... por acaso em termos de... de, de violência física relativamente aos filhos, acho que até os pais são muito mais tolerantes [Do que...] (...) e até às tantas agridem é os professores, os educadores e não sei quê.

E – Exacto, agora (...) não é? (risos).

e – Acho que às vezes há um reverso da medalha.

E – Hum... e os tipos de violência que são socialmente condenáveis, ou seja, que a sociedade não tolera mesmo (((silêncio)))

e – Deixe-me pensar...

E – Sim. Esteja à vontade.

e – Mas, pronto, os condenáveis, os condenáveis, pronto é de facto quando, é precisamente a... um individuo que, que se alcooliza, que parte a casa toda, quando já é, quando já, pronto, transparece para fora, portanto já produzem... Eu sei lá! Eu isto, eu isto tudo tenho alguma dificuldade... porque eu não... não é um assunto que eu tenha [Hum, hum], que eu tenha aprofundado, e a violência doméstica...

E – Não, mas eu estou, estou a perguntar isto porquê? Porque se nota que, apesar de ser crime público, ninguém denuncia [Exacto, exacto]. Por isso é que eu pergunto o que é que é socialmente aceitável ou o que é que não é aceitável, porque de facto existem certos crimes em que as pessoas não pensam duas vezes, a, a, acusam, apresentam queixa, mesmo que não seja da família deles, enquanto que existem outros em que toda a gente sabe que existe violência, mas que ninguém faz nada, ninguém se quer meter.

e – Pois, pois lá está, isto é só quando desesperam, ao fim e ao cabo, com terceiros, não é? Eu acho que as coisas só saltam cá para fora e, e, e são extrapoladas a... do meio familiar quando, quando interfere com terceiros, quando a agressão já chega a terceiros, por qualquer motivo. Não sei, não sei muito bem identificar... mas de facto a... eu acho que isso é só quando afecta a, a terceiras pessoas, se não, se não lhes afecta, pronto. E quando é demasiado evidente, como por exemplo as crianças. Não sei. Também não sei muito bem...

E – Então já falou que a... a próxima pergunta é quais é que acha que são... quais é que acha que são as causas da violência? Já falou do alcoolismo...

e – Já falei à bocadinha. Problemas económicos... muitas vezes... o próprio desemprego, situações de desemprego... também há um certo stress a nível familiar a... mais... Essencialmente é isso.

E – Hum, hum, estes três factores. A... porque é que acha que as vítimas se mantêm nas relações, quando são vítimas de violência doméstica?

e – Porque acham que não têm saída. Principalmente porque normalmente as vítimas são mulheres, eu, isto é a minha interpretação, mas acho que é um bocado... É porque como, como lhe digo, li pouco sobre violência doméstica e não tenho... Mas de qualquer forma é assim... acho que as vítimas essencialmente são mulheres, normalmente são quem, a... têm uma posição a... na família que a... submissa relativamente ao marido, que dependem dele economicamente [Hum, hum]. Pronto, e então para se libertarem dessa, dessa situação a... muitas vezes é assim... Eu lembro-me duma situação de uns velhotes, duns idosos que faziam vidas separadas, que ela saiu de casa e vivia num barracão, que ela fez aos poucos. A casa, ele

continuou na casa, ele também comprou (...) e nunca se divorciaram porque chegaram aqui ao Ministério Público, na num... e disseram: divorciar como? vai ficar prejudicada, porque, olha, pediu, tinham que vender a casa a, ele ia ficar com metade da casa, depois se não, se não vendem como é que... para ele sair tinha que lhe dar a outra parte da casa, não tem, mas não deixa as coisas assim, "olhe deixe ficar". E a pessoa... quer dizer, pronto, com o seu esforço, não sei quê, lá construiu aquele casebre ao lado, mas tem que conviver e cruzar-se com ele na mesma. Mas porque economicamente ela não se conseguia sustentar. Pronto, ela não tinha... acho que não se conseguia... é... a autonomizar [Claro]. Pronto, e, e, e pronto, e a maioria tem sempre uma, tem sempre uma posição submissa em relação ao cônjuge, normalmente ela é a vítima. Depois têm os filhos e os problemas são tão grandes que, com certeza, se tivesse força melhorava muito, melhorava um bocadinho a situação.

E – Se calhar o apoio também...

e – E apoio, não têm apoio, é verdade...

E – A... considera que a existência de políticas...

e – Pronto, mas também há relações a... também em relação a isso, também acho que às vezes há uma relação doentia, não é? [Pois...] Porque... não sei, mas isso depois já devia ser a nível psicológico, que se possa interpretar, porque a pessoa cria um, uma relação tão afectuosa que só vê o lado bom e consegue ver o lado bom "se ele não tivesse álcool, se ele não tivesse, ele até era uma boa pessoa". E estão sempre na esperança porque ele está sempre...

E – É sempre a desculpa que dão, não é?

e – Pronto, mas isso, às vezes, porque isto até às vezes as pessoas dos estratos sociais altos, e podiam perfeitamente libertar-se e parece que, que não conseguem, não é? Ou porque ela também, em termos de educação ou por vergonha, não é? Também é o caso disso, essencialmente é, é por falta de, de... não têm...

E – Apoio, nem recursos, não é?

e – É.

E – Agora, a outra pergunta que eu tinha era a... Acha que a existência de políticas de luta contra a violência doméstica não é? Aquilo dos planos e não sei quê, a nível nacional, a... levaram a uma alteração das representações sociais sobre a violência doméstica?

e – O quê? O quê?

E – Levaram a uma alteração das representações...

e – Sim, mas a existência de quê?

E – Das políticas, dos planos nacionais de, de luta contra a violência doméstica. Só o facto de eles existirem e começarem a ser falados pelas entidades a... levaram a uma alteração das representações sobre a violência doméstica?

e – Ah. Eu acho que sim.

E – Tivemos o crime público, era semi-público, passou a ser público, mas acha que a sociedade se apercebeu disso?

e – Ah, eu acho que sim, eu acho que sim. Tanto que agora as situações a... a... vêm muito mais ao de cima, não é? Enquanto que antigamente eram escondidas, agora vê-se a... vocês por exemplo são a... a... os meios de comunicação também, estes projectos da APAV e não sei o quê, também são muito falados a... E eu acho que os meios de comunicação nisso, aí também tiveram uma grande a... [Influência] influência, e as pessoas já começam a estar com a certa, como um certo à vontade, o que era tabu, deixou de ser tabu. Também deve-se muito às políticas a, a, a [Sociais] sociais, acho que sim.

E – E quanto à, às representações das pessoas sobre o, o próprio casamento e as relações entre o marido e a mulher, não é? Porque antigamente se calhar era tudo mais aceitável.

e – Era, e era tal a vergonha e, e... tal posição submissa, que agora as pessoas já, já sabem dos seus direitos a, já reivin-, têm maior poder reivindicativo [Hum, hum] e, e depois o emprego, não é? A mulher também, antigamente não trabalhava, mas também já tem o seu emprego. Pronto, tudo isso também contribuiu para uma mudança de, de papéis, não é?

E – Acha que existem factores contextuais que favorecem a violência? Ou seja que o sítio onde as pessoas vivem...

e – Acho.

E – Como por exemplo...

e – Como por exemplo a...

E – Há quem fale no ciclo geracional da violência, não é?

e – Pois.

E – De pais para filhos.

e – De pais para filhos, pronto, a... portanto, normalmente isto, a, a tendência não quer dizer que seja sempre mas que a tendência dum filho de um pai que era a... [Agressor] agressor que venha também a ser. Mas pronto, estatisticamente também

não sei. Mas de qualquer forma a, a... Mas não é só a, a, no meio familiar, mesmo no...

E – No contexto social e cultural?

e – No contexto social, no bairro onde vivem, não é? Se, se, se há grandes problemas de exclusão social (...) até nisso, mas também em bairros, em, em, em famílias que estão muito mais isoladas, por exemplo em estatutos sociais altos, com certeza se há um grande isolamento, se não, as coisas podem acontecer, ser escondidas e portanto a... É, de certeza, que tem a influência do meio, o meio em que as pessoas vivem, no contexto em que as pessoas vivem, não é?

E – Influencia se outros, se vizinhos, não é? Os papéis, ver se os vizinhos agridem as mulheres, se são condenados ou não. Se calhar também pode ajudar.

e – Claro, claro. Comportamento gera comportamento, não é? [Exactamente] Até socialmente na tasca: "Eh pá, na minha mulher, lá, quem manda sou eu" e não sei quê (...). E se calhar até falar mal com a mulher, enquanto se estiver num meio em que o homem que respeita a mulher e que o vizinho respeita a mulher, com certeza olha duas vezes "Afinal aqueles até...", tudo isto acaba, não é, acaba por influenciar [Hum, hum].

E – A... pensa que a violência doméstica aumentou ou diminuiu nos últimos anos? Em Portugal e depois no nosso, no nosso concelho.

e – Eu não sei, acho... não sei, não, não faço ideia, também aqui há uns tempos não se falava disso, não é? Pronto, lá está, era tabu, as situações não, não, não eram tão evidentes. Lá havia a mulher que chegava aqui, mas... aqui ou em qualquer atendimento e que se queixava, mas isso não era tão, tão usual, não é? E agora já começa a ser mais. E, e porque sabem que também podem encontrar algum apoio ou que pelo menos vêm procurar algum apoio que antigamente não existia, não é? E vocês por exemplo fizeram um grande contributo aqui ao nível do concelho. E então há mais situações, as situações chegaram a nós, porque antigamente com certeza não chegavam. E agora, agora, agora... o quê? A... perdi-me.

E – Se são mais ou se são menos?

e – AH! Isso vai... não sei, não é? Porque é como os casos de maus tratos em relação às crianças, antigamente também se maltratavam muito as crianças, só que as coisas nunca chegava aos meios de comunicação a... [Ninguém sabia...] Havia, de certeza que havia coisas incríveis, tal e qual como agora, não é? Não sei, mas sei lá (risos) é tudo tão complicado, sei lá... se não piorou, não é? e agora com a toxicoddependência, estou agora a falar dos maus tratos [Sim] e toxicoddependência

e... E os problemas sociais de hoje não são os de ontem, os de ontem. Mas os de ontem também não eram melhores que os [Exacto], mas pioramos noutros, não sei... é capaz.

E – Não se assuste, é só mais estas duas (risos), são mais oito, oito, sete. Antes da alteração da lei, tem a noção da quantidade de vítimas que retiravam as queixas?

e – Não tenho noção. Mas retiravam, (...) retiravam, desistiam, até porque depois acabavam por fazer as pazes a... e portanto depois acabavam... e precisamente por essa atitude submissa, e, e, e o homem no dia seguinte dizia: "Não faças isso, porque, porque eu até sou boa pessoa e tal" e a mulher ia logo a correr e depois por vergonha, não é? Porque ia expor toda a sua vida familiar e, e, e retiravam, a maioria retirava. E eu lembro-me muito, nos Açores, de virem... lembro-me de uma senhora que vinha ao atendimento e que vinha com nódoas negras, e essa, e queixava-se no meu atendimento. Mas quando eu lhe propunha ir ao Centro de Saúde e, e não, nunca queria ir "vamos amanhã" e não sei quê. Depois vinha outra vez, não sei quê, "ah isso já tinha acalmado". Depois andava... aquilo prolongava-se no tempo e arrastava-se...

E – É muito complicado para elas tomarem uma decisão destas.

e – É. Aliás, para qualquer pessoa, não é? Tomar estas decisões, isto implica uma mudança de vida, implica uma coragem, qualquer uma de nós, mulheres... é muito complicado.

E – Exactamente. A verdade é que supostamente existem meios, não é? Mas as casas de acolhimento até são boas, o problema é até arranjar vaga nas casas de acolhimento. Para onde é que vão?!

e – Não e a gente pensa [E com os filhos...] e vamos com os filhos para casa, é quase como os idosos irem para o lar, quer dizer, é uma... não sabemos, onde estamos sabemos que... com quem contamos [O que têm...], mas não sabemos... e portanto... e será, será que temos...

E – E agora, ter que mudar de emprego, os filhos mudarem de escola, a, de repente vêm-se sem nada, as coisas que construíram durante uma vida... é complicado.

e – É só para dizer que vamos chegar ao agressor, não é? O errado no meio disto tudo, é de facto porque é que elas é que têm que mudar e não eles. Mas o que é um facto é que é assim. Para elas tomarem essa decisão têm que mudar a vida delas toda, não é? E têm que tomar decisões difícilísimas [Exactamente] ao nível dos filhos. Se fossem só elas, mas depois arrastam os filhos...

E – E depois quando os filhos já saem, já têm por exemplo 18 ou 19 anos, mas que ainda estão na dependência dos pais não podem ir para essas casas [Não.], já são maiores de idade, é suposto...

e – Não, e depois é assim, também chegam a essa situação, a auto-estima está tão em baixo, tão por baixo que nem sequer têm a coragem se quer... Depois acham que não valem nada, que não, que não conseguem fazer nada, mas que erraram, que elas é que estão erradas, porque elas é que não souberam com certeza fazer o marido feliz, porque se fizessem o marido feliz ele não fazia aquelas coisas, elas é que... onde é que elas erraram no casamento?

E – Exactamente isso, elas todas dizem. A... tem ideia das medidas de coação que são aplicadas aos agressores?

e – Não, não tenho, quer dizer... a... não.

E – Ou das penas que eles tenham vindo a sofrer neste tipo de processos?

e – Não, actualmente não, não.

E – Hum... Então olhe, eu digo-lhe que a pena mais pesada que eu vi, eu tenho analisado muitos processos, foi a, foi a de hoje, foi um hoje que eu analisei, em que o pai estava a ser acusado de agressão, de maus tratos para com a esposa, cinco anos de maus tratos, provados e com várias posições, relatórios da medicina legal e tudo...

e – É a pena suspensa durante...?

E – 18 meses [Pois é], a... não, e depois tinha a agravante de... molestar sexualmente as duas filhas, só por isso é que são 18 meses de pena suspensa.

e – Se não é, isso é só uma repreensãozita (...)

E – Por acaso achei piada, porque já analisei quase todos...

e – Mas eu imagino, imagino, é... pois, é terrível, é terrível. Mas eu por acaso tenho alguma curiosidade e sei que está a haver agora uma formação de violência doméstica, isto agora não tem a ver, mas está a ver, estão a fazer umas acções de formação da ARS.

E – Sim.

e – E eu pedi também para ir, que eu gostava de participar, até porque eu não tenho formação nenhuma nesta área.

E – Mas nós andamos a preparar uma.

e – Pois, eu sei, eu pedi à Marta para ver se fazíamos no âmbito do NLI, pelo Rendimento mínimo, pelo Rendimento Social de Inserção, mas...

(((((((conversa sem interesse)))))))))

e – (...) e neste momento eu estou a fazer muito trabalho de acção directa. Portanto, em termos, a coordenação continua, não é? Mas ir com as colegas, mas mais no âmbito do RSI, mas das instituições que (...) se era 50% para a acção directa, toda esta parte de RSI, do atendimento e da acção social e não sei quê [Hum, hum], eram outros 50% para as IPSS's, porque as IPSS's roubam-nos imenso tempo, fazer o acompanhamento técnico, a revisão de acordos, essa coisa toda. Como agora deixei de fazer, estou muito mais a fazer trabalho directo. Comecei a trabalhar no PIIP, vieram-me agora também recrutar para isso. Estou-me a virar mais para a CPCJ, porque antigamente para a CPCJ praticamente estava mais como mediadora quase (...) do que estar a acompanhar. Eu neste momento estou muito mais por dentro e estou muito mais a trabalhar nas situações em que... e como agora tenho a ajuda da (((nome de pessoa))), agora é que eu me estou a virar mais para a acção directa e é que começo a perceber que de facto (...). A... normalmente ainda é para as formações das parcerias, de coordenação [Pois.] e não sei quê, porque era isso que eu precisava na altura, e, neste momento, eu preciso de formação nestas áreas e por isso é que estou...

(((((((conversa sem interesse)))))))))

e – É (...) e nessa coisa, quando eu estava a falar, porque é assim, aparece imensas mães que vêm reclamar pensão de alimentos [Para os filhos.] para os filhos e que os pais não cumprem com a pensão de alimentos. E, e na altura... pronto, a ideia que eu tinha é que de facto a, os pais que não cumprissem... o Tribunal ia averiguar a razão porque não cumpriam e obrigava-os a pagar [A cumprir.], a apagar a pensão de alimentos, nem que fosse tirado directamente do [Ordenado] à remuneração e mesmo que não houvesse essa possibilidade eram obrigados, se soubessem que eles tinham emprego, embora não declarassem, não sei quê. Eles tinham que comprovar era que não tinham emprego e só os casos a... e, e, e isso dava mesmo pena de prisão, o facto de não cumprir a pensão de alimentos [Hum, hum] podia levar à pena de prisão, mas nunca ouvi... a... como é que essas situações depois se... há imensas queixas no incumprimentos da, da, da [Pensão], da pensão de alimentos, mas nunca soube qual é o resultado. A... parece-me que sim, que os pais comprovam que não

podem pagar, então as mães accionam o mecanismo para o IGE, para, para a Segurança Social.

E – Mas segundo a Procuradora existe até um dinheiro disponível no Ministério Público ou no Tribunal.

e – É na Segurança Social.

E – Ou na Segurança Social.

e – Quando os pais não podem cumprir.

E – E segundo ela, até ela chegar ali, só tinha havido um único caso [Claro, claro, claro] e ela achou isso muito estranho. Ela até me questionou se não se queixavam a mim e eu disse-lhe que disso não tinha noção.

e – Eu, uma vez, mandei lá uma cigana para pedir a pensão de alimentos, porque é obrigatório por RSI, para pedir a obrigação. As pessoas não se queixavam porque as pessoas não sabiam e eu também me perguntava “então mas não têm direito?”, não sei quê. Não, nunca mais vem nada, nunca mais vem nada e eu com ele nem sequer era possível falar, porque ele [Hum, hum] e... Mas entretanto (tossiu) houve uma cigana a... porque nós em RSI, elas tinham que pedir a pensão de alimentos, porque era um direito que podiam usufruir e que não... e portanto, e que antes do RSI teriam 3 meses para tratar. E eu disse à cigana para ir lá e o tipo mandou-a embora.

((((((Interrupção da cassete))))))

E – A... pronto e depois o que é que tenho aqui mais? Acha que estes planos, estas medidas, estas coisas todas que apareceram a... conduziram a uma mudança efectiva da forma de intervir das entidades? Tanto a Segurança Social, como a Câmara Municipal, como as IPSS's, neste tipo de situações?

e – Eu acho que ainda não [Ainda não?], ainda não chegamos aí... lá está... estão algumas instituições com maior sensibilidade para esta questão. A... a articulação é pontual. Pronto, há outra sensibilidade e há outro, pronto, mas com certeza ainda não há uma acção concertada e não há assim um trabalho a... em que as pessoas estão conscientes do que é que... da, das estratégias e da... [Hum, hum], da...

E – O que é que cada um deve fazer?

e – Como actuar, como actuar.

E – E neste momento o que é que, o que é que se faz? O que é que, qual é que é a pratica de intervenção nas situações, portanto, está mais dentro da CPCJ, o que é que se costuma fazer?

e – Pronto, nós aqui na acção social, o que acontece muito, por exemplo eu, eu... encaminho para vocês, ultimamente tem sido. Também poucos casos me têm aparecido, mas, mas pronto, mas isso sou eu, e a (((nome da pessoa))) com certeza também já, a... já lhe deve ter acontecido. Mas, encaminhamos para vocês, porque nem me sinto como uma pessoa com grandes competências para lidar com esse tipo de situações [Hum, hum], percebes? Especialmente agora, e disponibilidade, porque isto também obriga a uma certa disponibilidade e aptência, um bocado, para lidar com estas situações. E portanto, desde que eu sei que vocês, que existe o vosso atendimento e que já há uns aninhos, não é? Há quantos anos é que vocês já...?

E – Desde 2001.

e – Pronto, a... portanto...

E – Mas só houve um projecto em 2001, depois foi em 2001 e acabou, acho, no final de 2001.

e – Mas houve sempre alguém, houve por exemplo a (((nome da pessoa)))...

E – A título voluntário, sim.

e – Voluntário, que nós... que canalizávamos isso... //estava sempre o nome da (((nome da pessoa)))

E – //E agora veio este aprovado, entretanto//.

e – Era sempre assim, eu sabia que era a (((nome da pessoa))), pronto e... Mas o que é que ia a dizer? Qual era a pergunta?

E – O que é que costumavam fazer quando há casos de vítimas?

e – Ah, pronto! Depois a... relativamente à CPCJ é que eu nem sei muito bem o que é que... qual o nosso... qual é o tipo de actuação? Porque por exemplo, destas situações já aconteceu, sim senhora... e, e pronto, maus tratos a crianças a... já aconteceu, mas também isso depois vai para o Ministério Público, pronto. Normalmente esses casos vão logo, também por... enviam-se logo para o Ministério Público. Estou aqui a pensar a... pronto. E depois em termos de actuação... e depois acompanha-se a família, mas não... mas lá está, eu acho que também não há assim nada. Eu agora também estou com uma branca, mas... não sei se... não sei muito bem agora explicar que tipo de intervenção é que se possa ter nestas situações, ou que tipo de intervenção é que se tem nestas situações... vamos passar à frente, para ver se eu...

E – Está bem. A...

e – É que isso é quase um teste. Poooooooouuuussa. Eu já estou como a minha filha, a minha filha ouviu-me a dizer "poussa", agora diz sempre "poussa" (risos).

E – Eles apanham tudo (risos).

e – Oh (((nome da pessoa))) tens que me ajudar! Que tipo de intervenção é que temos (risos) em casos de violência doméstica?

ee – Aqui em Montemor eu só... estavas a falar na... o único que eu me lembro desde que cá estou, sabes de quem foi? Da [[nome da vítima - criança]]. Até que acabamos por trabalhar em conjunto com...

E – Connosco.

ee – Com eles, com eles, que eles encaminharam para ela pedir RSI, porque ela estava com o marido, entretanto retiramos o marido, ela ficou sozinha, aquele papelão todo e depois ela não voltou.

e – Sei lá. E depois é assim, em relação a....

ee – Não me lembro de mais ninguém de violência doméstica, desde que eu cá estou. Já cá estou há dois anos e tal, já fez dois anos.

e – Eu também apanhei a [[nome da vítima - mulher]]. Na altura, já há muitos anos, também encaminhei para vocês, depois vocês é que vieram, vocês não...

E – Nós tínhamos acompanhamento e avaliação psicológica...

ee – E acho que mais um outro caso que eu fiz e que, que encaminhei para vocês, mas que nem, nem abordei muito, encaminhei logo para vocês.

e – É, normalmente é isso que fazemos.

E – Sim é verdade, agora temos lá muitos casos que quando nós, quando perguntamos quem, como é que elas souberam da nossa... “Ah, foi a Segurança Social que encaminhou”, a... isso é verdade.

e – Pois. E depois eu estava a pensar assim... relativamente à CPCJ, eu acho que não tive assim nenhuma situação... Por exemplo houve uma, uma situação... em que os menores eram duas gémeas pequenitas, mas elas já tinham a escola primária na altura, o 1º ciclo, o 1º ciclo ou o 2º ciclo. Em que a mãe se alcoolizava e era mais aquela... do tipo de violência psicológica [Hum, hum] e alguma negligência. E era o problema de alcoolismo da mãe, não é? Que afectava as miúdas e não sei quê, as miúdas refugiavam-se nos familiares que tinham ali próximo. Pronto, mas nunca houve nenhuma medida a... de retirar a... portanto a... [As crianças] as crianças. A... nunca houve, nunca houve, eu acho que, eu desde que eu cá estou, nunca houve nenhuma situação dessas. Claro que depois de uma situação destas com certeza que nós teríamos que agir. A... mas assim de, de violência em que nós tivéssemos que ter uma intervenção, uma intervenção imediata, não me lembro [Hum, hum].

E – Tem sido assim calminho. Acha que estas políticas, pronto há sempre o reverso da medalha, não é? O facto de elas aparecerem e se tornarem públicas e das pessoas saberem do que é que isto se trata, acha que também alteraram um bocadinho o comportamento dos agressores e das vítimas? Por exemplo a... nota... ultimamente era...

e – As vítimas apresentam com mais frequência queixa, não é?

E – Queixa, logo a partir daí houve uma mudança no comportamento das vítimas. E dos agressores?

e – Não tenho noção.

E – Acha que eles mudaram o comportamento deles?

e – Não sei, não sei, não lhe sei responder a essa pergunta.

E – Eu estou a perguntar isto porquê? Porque nós notamos que houve uma altura em que era mais violência física, de repente as mulheres aparecem-nos a, a... e dizem-nos que é assim: "ele, ele bate-me, ele agride-me, mas marcas ele não me deixa, porque ele sabe que não pode deixar marcas". Então começam a usar estratégias para não deixar marcas, porque sabem que as marcas são mais fáceis para o condenar.

e – Claro e identificam, mas não sei. Não tenho essa noção.

E – Não tem essa noção?

e – Não.

E – E agora a última pergunta, que é a mais difícil de todas.

e – Não, porque é assim, eu estou convencida que os casos que chegam aos nossos serviços, praticamente chegam, são os, os que vão, vão para vocês, estas a perceber? E depois acabam por não nos chegar a...

E – Pois e vocês também não têm muito tempo, nem muito contacto com elas e depois vão para nós.

e – É, é, vocês depois é que exploram toda essa situação [Exacto]. É o que eu digo, isto é uma problemática que, de facto, eu aprofundei muito pouco. E eu estou a dar esta entrevista e não estou nada segura. Pronto, é o que eu sei, mas também li muito pouco, pronto, é mais dos meios de comunicação. Mas na altura quando tirei o curso era uma problemática que pouco se falava [Claro, claro] de violência doméstica. Acabei o curso em 91 e nunca se falava muito em violência doméstica, que isto foi, é um, é um, é uma problemática que é abordada recentemente.

E – É recente.

e – Pronto e para, pronto, também não sinto segurança nesta área, é... aliás muita insegurança. E por isso, até o facto de vos empurrar logo (risos) elas sabem, que bom, porque, pronto, não lido... Aliás eu, eu na área dos menores e violência doméstica... mexe muito comigo e eu tenho alguma dificuldade de...

E – É e os menores então mexem muito mesmo.

e – Sou muito sensível a essa área.

E – Ainda por cima tem uma filhota.

e – É, e mesmo, e, e cada vez mais...

E – Já mexia e agora ainda mexe mais.

e – Eu tenho um receio imenso e nunca sei se estou a agir da melhor forma, se estou a fazer da pior, e se puder, até pôr os outros serviços e estar por detrás, mas não ser eu só a tomar decisões sozinha... Prefiro, porque acho tão importante e tão... a problemática tão... pronto tão...

E – É que nós nunca sabemos o que é que vai acontecer...

e – Difícil de tratar e é uma grande responsabilidade todas as decisões que se tomam. Têm que ser sempre tomadas em equipa, acho eu, e principalmente os menores, não é fácil e nem sempre se tomam as decisões mais certas.

E – E acha que a CPCJ funciona bem? Ainda não consegui entrevistar mais ninguém que fosse da CPCJ.

e – Não, não funciona bem.

E – Estou à espera. O que é que acha que falta?

e – Falta de disponibilidade dos técnicos.

E – Mas agora já não têm uma técnica a tempo inteiro?

e – Não. Foi anunciado, mas nunca teve.

E – Eu pensava que tinham.

e – Ainda não tem. A Câmara disse que sim, que se via, mas nunca meteu isso no papel e a técnica nem está, nem deixa de estar, não se percebe nada, não temos.

E – Pois, então assim continua a ser complicado.

e – É muito complicado.

E – Quer dizer, vocês têm os vossos trabalhos e, e, é muito complicado dar...

e – É muito complicado e depois é assim... é bom haver uma equipa interdisciplinar, multidisciplinar, estarem as áreas, as diferentes vertentes, mas depois no que toca a esta questão, a intervenção social a... metodologias a... isto... Há, há determinados profissionais que entendem as coisas de forma diferente e burocratizam as coisas e...

respondem por papéis... só, não quer dizer que as pessoas sejam insensíveis e que... mas às vezes tratam as coisas a...

E – De forma diferente.

e – De forma diferente e então há ali um choque que... e pronto, é difícil às vezes trabalhar com, com, com esse tipo de equipas. Mas de qualquer forma, pronto, tem vantagens a... Mas eu acho que ainda o mais grave disto tudo é a falta de disponibilidade dos técnicos e a responsabilidade que é acompanhar situações destas, como nós...

(((((interrupção))))))

e – Mais, mais?

E – Mais, era a última questão só. A... qual é que acha que seria a melhor estratégia para combater a violência doméstica e o que é que falta fazer no concelho de Montemor-o-Velho?

e – A melhor estratégia é, é (risos) afastar o agressor, de facto. Criar condições para as vítimas ou a vítima a... poder seguir a sua vida e não ter que alterar na... Portanto, apoiar ao máximo a vítima [Hum, hum], mas que prossiga a sua vida com todos os apoios. A... haver uma boa articulação entre os diferentes serviços, a... que eu acho que até se consegue, mesmo assim, a... haver uma actuação concertada, não é? E eu acho que essencialmente uma boa articulação entre os serviços, para prestar esse apoio, para não andarmos todos aqui a fazer o mesmo, nem estarmos todas isoladas a fazer a, a, a, ou isoladas a fazer... Quer dizer, pois, a fazer ou estamos, estamos a trabalhar sozinhas, mas não articulamos e às vezes também se falha, se não se articula com o Ministério Público, com a Segurança Social, com a saúde e não sei quê. E às vezes esquecemo-nos disso, não é? Trabalhamos um bocadinho com a porta fechada. E, e isso traz vantagens, às vezes traz vantagens, também se consegue trabalhar melhor do que estar à espera de todas as Instituições, porque todas têm o seu ritmo e depois umas não podem, é muito mais difícil trabalhar... Mas esta articulação é muito importante e, e pronto, e passa por aí, acho eu.

Entrevista n.º 5
(E5, profissional social, 35 anos)

E – O que entende por violência doméstica?

e – Violência doméstica é toda a, o tipo de agressão vivenciada no espaço doméstico, seja exercida sobre adultos ou crianças [Hum, hum] e pode ser física ou psicológica.

E – Exactamente.

e – Pronto, é assim, aquilo que me lembro de momento.

E – E está bem... Ahm... quais é que acha que são os tipos e formas de violência doméstica mais frequentes aqui em Montemor-o-Velho?

e – A física, mas também a, a, a psicológica, mais na perspectiva da... de, da humilhação, da... verbal, portanto, tudo o que tenha a ver com a humilhação [Hum, hum] a... porque é sobretudo a exercida sobre a mulher, portanto, tudo aquilo que permita rebaixar a mulher, aquilo que é, que é mais comum e depois a física.

E – Mas normalmente, estas mulheres denunciam a... mais a física ou a psicológica? Tem noção?

e – A física. Normalmente esquece-se a, a pressão psicológica que é feita, ou seja, já é tão banalizada nas relações entre homem mulher [Hum, hum]. Porque primeiro a física, normalmente a ideia que têm, primeiro são, os primeiros a fazer este tipo de violência foram os pais, sobre elas, as mulheres e depois passou para os maridos, que já nem, nem, nem conseguem perceber-la como violência, é tudo à... “não prestas para nada”, a... “não tens força nenhuma”, “o teu trabalho não serve para nada”, “não trabalhas, não fazes nada”, a... “nada do que tu dizes está certo”, a, esse tipo de, de, de violência, que é violência verbal e que sobretudo serve para... que leva a que muitas destas mulheres, de facto, a interiorizarem o seu... um sentimento de inferioridade relativamente aos homens. E depois quando é com o companheiro já entra mais nas relações até sexuais, “é, és o, és uma, uma desvairada”, não é? No sentido da prostituição, “só queres é, é isto”, a, a portanto, a, acumula as duas [Hum, hum] funções. Mas a finalidade última é sempre o rebaixar, o humilhar, o, o, o tornar mais frágil, para, para poder ter um total poder sobre aquela pessoa.

E – Exactamente, mas elas normalmente não reconhecem isso como violência?

e – Não têm... não reconhecem como violência, portanto, reconhecem a violência física e mesmo a... há culturalmente mesmo sobre as crianças, o mesmo aspecto [Hum, hum], não é? Porque se pode dizer tudo, verbalmente, a uma criança ou... e,

e o... bater é que é pior, o bater ainda, ainda está muito na cultura portuguesa, o bater, não é? Mas... a, ninguém culpabiliza ninguém, tudo o que for dizer... há, há uma carrada de coisas que ouvimos, que ouvimos desde crianças: "não prestas para nada", "estás sempre a fazer asneiras", "olha que vais cair", não é? Isso faz parte de... daquilo que nascemos a ouvir e depois, até inconscientemente, reproduzimos.

E – Reproduzimos, não é, na educação dos filhos. [Exactamente] A... acabou por já referir algumas coisas, mas de qualquer forma, gostaria de lhe perguntar: aqui no concelho, quais é que acha que são os tipos e formas de violência doméstica socialmente aceitáveis? Já falou na questão do psicológico [Sim] que é socialmente aceitável [Exactamente], agora, em termos físicos, existe algum tipo de violência física mais frequente que acha que as pessoas ainda aceitam?

e – Há, uma é a palmada, a tal palmada a... que quer o homem pode dar à mulher, porque não faz muito mal, faz parte, embora cada vez menos, mas ainda há [Hum, hum] muito essa ideia, se for uma palmadita, isso de dar umas palmadas não faz mal.

E – E das crianças a mesma coisa.

e – E as crianças idem, idem, aspas, aspas, não é? [Hum, hum] é a mesma coisa.

E – E as que são reprovadas socialmente?

e – É aquela que deixa mesmo marca, eu acho que socialmente só se reprova [Hum, hum] aquela que marca. Portanto, todas as... aparece uma nódoa negra a, no corpo e tal, a, a partir daí já se começa a reprovar. Agora, desde que não deixe marca, "ah isso não é nada!"

E – Mas é engraçado que ninguém denuncia [Sim, sim], apesar de ser crime público e todas as pessoas têm o direito e o dever de denunciar [Pois, isso não] e apesar de acharmos que existem formas de violência que são socialmente não aceitáveis, continuam a não haver denúncias.

e – Porque, porque se for na rua, portanto, se for entre desconhecidos, faz-se a denúncia, mas se for num espaço de família não se denuncia, porque é ainda aquela ideia tradicional e muito transmitida, durante toda a ditadura, do espaço sagrado da família, em que tudo o que ali se passa diz respeito unicamente aqueles elementos [Hum, hum], e portanto, ninguém pode interferir, quer seja a violência sobre, exercida dos pais sobre as crianças, quer entre marido e mulher. E portanto, há uma série, inclusive, de ditados populares que transmitem isso mesmo, que é o espaço sagrado da família, e portanto tudo o que se passa na família é de bom, é positivo. O que não é verdade, porque todos nós hoje sabemos, os dados dizem exactamente o

contrário, onde se morre mais é na família, e é uma percentagem muito significativa, significativa até dos homicídios em Portugal, cometem-se na família. Mas pronto, esta ideia da, do espaço sagrado da família [Hum, hum] ainda está muito enraizado na cultura portuguesa, quer queiramos ou não. Portanto, os pais têm os direitos... têm todos os direitos sobre as crianças, ainda é assim, e os, os maridos sobre as mulheres, é um bocadinho isto. É obvio que ninguém verbaliza, ninguém conscientemente hoje diz que é assim, mas inconscientemente continua-se a reproduzir o modelo, até porque depois é muito complicado apresentar queixa contra outrem, não é? [Pois] Vamos, vai, vai o vizinho apresentar e a professora que apresenta, é, é o profissional de saúde que apresenta e, portanto há aqui um... continuar da desresponsabilização social face ao problema.

E – Quais é que acha que são as causas da violência doméstica?

e – Acho que tem a ver com muitas coisas, mas aquela mais comum na nossa, no nosso território tem a ver com questões sobretudo culturais, tem sobretudo a ver com as questões culturais e sobretudo com, com a, a, o mito de que a mulher, o homem tem os poderes da família, portanto, a quem... a mulher deve submissão e a própria mulher não se vê com o poder da família, mas vê-se com o papel da, da vítima ou da submissa, portanto, a ideia do amor sacrifício [Hum, hum], não é? As mulheres, infelizmente a... nos meios mais rurais e mais tradicionais ainda, ainda têm e na... nos homens a ideia é de facto um... eles têm o poder para fazer isso. Portanto, é de facto uma, uma interiorização assimétrica do poder, das relações do poder, não é? Que legitima depois a violência, não quer dizer que isto não esteja em mudança, porque obviamente [Hum, hum], felizmente está a mudar, mas ainda é assim.

(((((((((toca o telemóvel – interrupção))))))))))

E – As causas da violência doméstica, estava a falar das causas...

e – Portanto, as relações simétricas do poder que infelizmente ainda continuam fortemente enraizadas [Hum, hum], o homem tem o poder, a mulher vê-se sem poder. Portanto, ainda não, ainda não há de facto uma posição igual na família [Exacto]. Ainda não é, não é, não é igual. Depois está muito associado no nosso território, estou sempre a reportar-me o meu, nosso território [Claro] e acho... as situações que conhecemos, que nos chegam, que são... estão muito associados, aquelas que nos chegam cá, aos fenómenos de, de alcoolismo, não é? [Hum, hum] ou de, ou de, até de alguma... como é que eu hei-de explicar, não é? Não queria

chamar de disfunção, porque acho que é um tom, um termo muito forte, mas é de facto uma forma de estar na vida, em que os problemas se resolvem com violência, em que as pessoas não conseguem resolve-los sem recorrer à violência, portanto, eu julgo que estas pessoas do ponto de vista psicológico não estão bem com elas. Portanto, um agressor, nós sabemos disto, é um... certamente se for avaliado do ponto de vista psicológico é uma pessoa em desequilíbrio emocional, que não, que não consegue controlar as suas próprias emoções [Hum, hum], não é? Portanto, eu acho que isso tem a ver com o facto de toda uma trajectória de vida que não pode ser normal [Exacto], não pode ser normal. Foi uma infância certamente... também desprovida de afectividade, onde os problemas já eram resolvidos daquela forma e que depois ao longo da vida se vão acentuando. A... se efectivamente a pessoa não for acompanhada do ponto de vista psicológico ou social, efectivamente é ainda mais acentuado quando há algum consumo excessivo de álcool ou de [Hum, hum] substâncias tóxicas (...). No, no, no território está muito, as causas estão muito associadas a estes [Hum, hum] a estas duas questões: culturais e obviamente depois também comportamento individual.

E – Hum, hum, então acha que está provado o ciclo intergeracional da violência, não é?

e – Eu acho que sim, que infelizmente ainda... não quer dizer que não comecem a surgir novas formas de violência como aquelas que nós observamos até nas escolas [o *bullying*], o *bullying* e tal, mas eu acho que há, ainda há uma reprodução do fenómeno, infelizmente ainda há uma reprodução do fenómeno. E é ainda, como nós assistimos, um homem que é vítima de violência de violência na infância transforma-se em agressor e a mulher que foi vítima de violência na infância transforma-se em vítima. Portanto, ainda há uma reprodução dos modelos parentais que tiveram ao dispor [Hum, hum], não é? Não quer dizer que seja sempre assim, não é causa/efeito, mas efectivamente há essa tendência [Claro] e ainda é possível observar em Montemor-o-Velho essa tendência.

E – E o estudo que fizeram...?

e – O estudo que fizemos em Montemor a... deu efectivamente, tornou claro, evidente, até porque nós temos os filhos das nossas vítimas acompanhados, nas suas brincadeiras, nas brincadeiras do faz de conta, reproduzem efectivamente este conceito: a menina a chorar e a fazer queixa e muito submissa, e o menino, irmão, a bater já na irmã [Hum, hum], portanto, “dá cá isto... tu és isto...”, a reproduzir até os nomes que ouviu o pai chamar à mãe, não é? Portanto isto é possível observar.

E – Exactamente. E porque é que acha que estas vítimas de violência doméstica se continuam a manter nas relações?

e – Por vários aspectos, um deles é porque efectivamente não se, não se vêm a elas nesse papel de autonomia, portanto, porque estiveram subjugadas ao poder da família, nomeadamente do pai, que passaram do pai directamente para o marido e portanto, não têm essa capacidade, aquilo que nós chamamos de *empowerment* [Hum, hum], não é? Aquilo que nós sabemos que a maioria das nossas mulheres vítimas de violência ainda não atingiram [Exactamente]. Porque implica o desenvolvimento pessoal e social que elas não têm. Isto é o principal aspecto [Hum, hum], mas também obviamente a dependência económica, porque muitas vezes elas... para onde é que elas vão? Começa logo pela casa. Quem é que as protege? Para onde vão? Muitas são desempregadas. Vivem do quê? E os filhos? Portanto é todo um contexto, não é só por um aspecto, são vários aspectos que as faz, que as condicionam do ponto de vista pessoal, do ponto de vista emocional, do ponto de vista material e depois do ponto de vista social, porque infelizmente as mulheres não se divorciam ainda. Uma mulher que sai de casa, seja por que motivo for, é porque não é boa, vê bem, é porque ela deve ter outro, mesmo que ela tenha sido violentada a vida inteira, quando ela chega e toma a atitude do divórcio é porque certamente tem outro, tem outro, outro caso, com outro homem [Hum]. E nós sabemos que é isto, que infelizmente as relações de vizinhança ainda dizem... e portanto tem do ponto de vista individual e emocional, do ponto de vista material e do ponto de vista social, têm que lutar contra estas três dimensões, que são muito difíceis [Exactamente], não é, de ultrapassar.

E – E até ao nível das instituições é muito complicado apresentar queixa e levar os processos...

e – E nós sabemos, os processos são complicadíssimos como nós sabemos. Infelizmente vai à GNR a... se tiver a sorte de ser atendida por um profissional que até está sensível à causa, muito bem, até leva logo ali uma, uma sensibilização para aumentar a sua auto-estima e tudo. Mas na maioria dos casos não é assim, não é? Dificulta-se a apresentação da queixa, a... tenta-se até em algumas situações mais radicais a... e sabemos... no nosso estudo, que foram verbalizados pelas vítimas de violência entrevistadas que até chagaram, sei lá, “se ele lhe bateu tinha um motivo para isso, é porque ele tinha motivo para lhe bater” [Hum, hum] pelo próprio profissional da GNR que está a receber a queixa, portanto e começa ali logo a intimidação mais uma vez e a humilhação daquela vítima. E depois até o processo

chegar ao tribunal, até avançar, ainda leva mais uns açoites, porque quando o marido é chamado ainda vai... regressa a casa com mais raiva, ainda bate mais. Portanto, não há de facto uma articulação de serviços atempada, com rapidez e de facto, até última análise, que proteja a vítima [Hum, hum]. Portanto, felizmente que as coisas têm evoluído, mas isto há bem pouco tempo era assim no nosso território.

E – A... e considera que o facto de existirem estas políticas de luta contra a violência doméstica trouxeram, estas políticas trouxeram uma alteração das representações sociais sobre a violência, nomeadamente sobre a violência doméstica?

e – Sim, tem vindo, sem dúvida nenhuma a provocar mudanças, não tenho dúvida nenhuma que tenha influenciado. Primeiro as campanhas na televisão e os próprios meios de comunicação social, têm feito esse papel até de... sensibilização e de para, parar a violência e depois estes projectos têm contribuído sem dúvida, sem dúvida nenhuma para preparar melhor os profissionais. Primeiro, como, quais são as características da vítima, compreende-la, conhece-la, perceber porque é que ela optou, apresenta queixa e depois tira [Hum, hum], porque é que tira e depois porque é que volta. Porque é que, inclusive, quando reconstitui família, não é? Nos sabemos a... que uma vítima sai de uma situação de violência, sai de um marido agressor ou de um companheiro agressor e quando recompõe a vida, mais tarde, aparece outra vez com outro marido agressor, não é? Há uma procura de um modelo, há uma associação de um modelo muitas vezes identificada à figura do pai, que inconscientemente ela vai procurar [Hum, hum]. Inconscientemente volta a repetir o mesmo erro e volta a reconstituir família com outro companheiro violento. E portanto... que nos parece a nós completamente estapafúrdio, não é? Como é que é possível? Mas estas características começam a ser mais divulgadas, mais faladas e nos meios técnicos há uma maior compreensão [Hum, hum], mas ainda há muito trabalho a fazer, infelizmente, porque... esta informação não chega a toda a gente, ou nem toda a gente está sensível, ou da mesma forma para a receber, mas são fundamentais e são essenciais e têm que ainda reforçar um bocadinho mais o trabalho [Hum, hum]. E sobretudo não direccionar sempre para os técnicos sociais, porque a ideia que existe é que o problema da violência é para os técnicos sociais resolverem e a violência não é da exclusividade dos técnicos sociais. Aliás, para nós conseguirmos responder ajustadamente ao problema da violência doméstica temos de trabalhar em diferentes dimensões da vida e isso significa trabalhar com todos os profissionais [Exactamente], os da educação, os das forças de segurança, os Tribunais, pronto é trabalhar... os médicos, os profissionais de saúde. Portanto

implica trabalhar todos os profissionais que são essenciais para a detecção, para a prevenção e depois para darmos a intervenção na crise de violência [Hum, hum], isso ainda há muito para fazer no nosso território, embora estejamos a evoluir.

E – E acha que a violência doméstica aumentou ou diminuiu, nos últimos anos, aqui no nosso território?

e – Eu acho que ela é apenas mais visível. Portanto, eu não, eu não acho que tenha aumentado a violência doméstica, eu acho que ela é mais visível hoje. Portanto, hoje porque temos uma menor tolerância à violência e ao termos uma tolerância menor à violência, a, ela é mais exposta, mas a... Não, não, não acho que esteja a aumentar, quer dizer, também não tenho nenhuma informação que me diga que está a diminuir, a, mas acho que é apenas mais visível, é uma opinião de senso comum.

E – Claro. E antes da alteração da lei, a, todos nós sabemos que muitas das vítimas retiravam as queixas, tem noção da percentagem, ou... se faz ideia... se eram muitas, se eram poucas as que desistiam e retiravam?

e – Era uma grande percentagem. Mas era uma grande percentagem não só porque elas retiravam, como os próprios serviços do Tribunal as influenciavam a retirar [Hum, hum] isto é importante que seja dito, não é? Não são elas que as tiravam, não eram só, porque, é porque eram de facto informadas no sentido que era tão difícil provar aquilo, é tudo tão difícil, é tudo tão difícil, tão difícil que obviamente não se sentindo apoiada, numa característica psicológica de debilidade, em que é normal uma vítima de violência, sobretudo de violência prolongada, que manifesta necessariamente essa debilidade e essa fragilidade e depois ainda por cima associada às relações de afectividade, é obvio que estas mulheres serem violentadas pelas figuras que elas supostamente acham [Hum, hum] que amam, é extremamente doloroso. Depois apresentar uma queixa contra os pais dos filhos delas, não é, o homem que para muitas, para muitas destas mulheres o único homem da vida delas, e vão apresentar uma queixa contra eles, que é... é de uma... é altamente doloroso. Depois quando vem a fase da reconciliação, obviamente é muito mais fácil retirar a queixa. E depois ainda ter um Tribunal a dizer que é tudo tão difícil, tão difícil, tão difícil [Não vale a pena], porque é que ela há-de avançar com a queixa? Portanto, eu acho que é, que de facto é culpa dos..., tem a ver com a falta de suporte afectivo na maior parte destas mulheres, infelizmente, mas também com a falta de profissionalismo dos serviços.

E – E sensibilidade para a causa, não é?

e – E sensibilidade para a causa, não é? Porque não, não estão ainda muito sensíveis a estas características, a questão é a prova, é factual, não havendo prova, não sendo factual, não vale a pena. E não se, nem sequer... muitas vezes há a preocupação e é isso que não faz sentido na nossa, na nossa... forma de estar, das Instituições portuguesas, parece que não há mais resposta nenhuma a dar, não é? Porque é que o Tribunal então não pega no telefone e indica uma instituição de serviço social para acompanhar esta... esta ligação dentro das respostas locais, que ainda há bem pouco tempo não existia. Felizmente, que neste momento, começam a... [Hum, hum] haver contacto entre os diferentes serviços, o que melhora, sem dúvida nenhuma a resposta e até a levar até ao final os casos que devem ser levados.

E – A... tem conhecimento do tipo de medidas de coação que são aplicadas aos agressores?

e – Eu tenho pouco conhecimento das medidas de coação que são aplicadas, porque se calhar não são aplicadas, pronto. A sensação que eu tenho é que não são aplicadas medidas de coação.

(((((interrupção))))))

E – Estava a falar das medidas de coação e das penas aplicadas a esses...

e – Pronto, nas situações de violência doméstica que aqui no Concelho de Montemor-o-Velho... não tenho conhecimento de nenhuma medida de coação aplicada, mas lá está, também estou neste momento um bocadinho afastada a... [Hum, hum] do atendimento. A ideia que eu tenho, que eu tenho é que efectivamente podiam ser aplicadas, a lei portuguesa prevê essa possibilidade e penaliza-se mais uma vez a vítima, as vítimas, porque se no agregado há crianças, as crianças são sempre vítimas, mesmo que não sejam da tal violência física, estão expostas a um relacionamento de conflitualidade constante que obviamente, do ponto de vista afectivo, não é positivo. E portanto, não se percebe como é que se permite esta exposição [Hum, hum] e, e não recorrer mais vezes às, às medidas de coação para o afastamento do agressor. Porque é que tem que ser a vítima a sair? Porque é que tem que ser os filhos a sair de casa com a mãe? Fica muito mais caro ao Estado. E a... efectivamente depois fica sozinho o agressor, fica lá, não há medida nenhuma para ele. E porque depois ela é protegida, reinicia a vida, vai para outro território e, e sai. E ele fica sozinho sem resolver o seu problema, é um caso social mais cedo ou mais tarde, continua a pesar no Estado [Exactamente]. Porque é uma

peessoa que não trabalha, que não contribui para o sistema e que está a usufruir dos apoios sociais, certamente, para não fazer nada, ou para ser inclusivamente uma ameaça à própria comunidade onde reside.

E – E pode voltar a ser agressor...

e – E pode voltar a ser agressor doutras, noutras famílias ou de outras pessoas, como muitas vezes acontece. E nós temos os exemplos aí [Hum, hum]. E portanto, porquê o, o, o, a questão do ponto de vista legal é... porque se está... é um direito inaliável, não consigo dizer. Olha não consigo dizer [Pronto] perceberam, pronto é liberdade, não se pode retirar às pessoas, ou a imposição de tratamento, não se pode retirar... Então, mas com que legitimidade é que o agressor pode retirar então a liberdade aos outros? A vítima tem de se esconder, tem de se refugiar, tem que desaparecer e o, e o, e o agressor fica, livra-se, quando muitas vezes é uma ameaça para a família, é também uma ameaça para os outros, nem sempre o perfil é assim. Mas muitas vezes é, quando está realmente descompensado. É assim e não se faz nada. Portanto, é de facto grave [Hum, hum] o sistema não prever mais facilmente a aplicação das medidas de coação: do afastamento, do tratamento, da imposição de tratamento, do, do, do, de se ir apresentar aos locais, de trabalho comunitário, ou seja lá do que for, mas de facto...

E – Que fossem tomadas medidas, não é?

e – Exactamente, nesse sentido.

E – E relativamente ao nível de satisfação das vítimas, acha que as vítimas já começam a ter um nível de satisfação superior ou continuam a achar que não vale a pena efectivamente apresentar queixa e avançar com os processos?

e – Eu acho que já mudou um bocadinho, não é? Por tudo o que estivemos a falar: porque as forças de segurança já estão mais sensíveis, os próprios Tribunais começam a estar mais sensíveis a estas questões, até porque há cada vez mais mulheres a... nos próprios Tribunais. E portanto têm outra sensibilidade para o tratamento desta causa [Hum, hum]. A... e portanto há uma maior resposta, ainda assim muito insuficiente, a... é preciso continuar a... e dar exemplos, a dar visibilidade. E a ideia que eu tenho é que assim como os meios de comunicação social foram fundamentais para dar visibilidade ao fenómeno e para sensibilizar, sensibilizar a sociedade portuguesa contra a violência, não é? Que não, que não, que não se tolera a violência, também era importante, se calhar, tornar mais visível nos meios de comunicação social as medidas alternativas, a, o bom trabalho que é feito, pelo lado positivo, os bons exemplos da, da, do serviço do, da, da resposta de

intervenção e protecção à vítima. Talvez assim se sensibilizassem os diferentes profissionais para como intervir.

E – Hum, hum... e considera que a criação destes tais planos nacionais contra a violência doméstica... já, já, já chegamos à conclusão que já mudou a forma de intervir das entidades locais [Hum, hum] a... já o disse, nestas situações de violência doméstica. Mas acha que ainda há muito para fazer, acha que estamos só no início?

e – Há muito a fazer e sobretudo a ideia que eu tenho dos planos é que são muito teóricos, são coisas muito distantes do terreno, da realidade, não são suficientemente divulgados. Pois a maioria das pessoas ou trabalha nestas áreas e têm conhecimento que existem, ou, em termos assim do cidadão comum, se formos à rua e “conhece o plano nacional de eliminação da violência ou da, da...” ninguém sabe, nem, nem conhece. E depois acho... mais grave é que nem se quer são avaliados, ou pelo menos, se são avaliados, não é transmitido claramente o impacto que eles tiveram. Portanto, se estamos a fazer um plano que supostamente tem objectivos e metas e acções para atingirem aquelas metas, quando ele termina, deve ser feita uma avaliação do todo. O que é que se conseguiu atingir, as metas alcançadas e também amplamente divulgados [Hum, hum]. Pronto, portanto, eu não sei a ideia, não tenho a noção do território nacional, tenho a noção do local, onde nós intervimos, mas que são importantes, são. Mas ainda é preciso dar o outro passo, que é... não basta só criar planos, é tudo muito bonito do ponto de vista teórico, é criar condições para depois os planos serem concretizados e mais ainda para serem avaliados.

E – Mas tendo em conta que já estamos no segundo plano, a, será que aqui em Montemor se ouviu falar do primeiro?

e – Não, não, não há, não, e eu pronto, é aquilo que eu estava a dizer, que efectivamente temos o plano para o emprego, temos um plano de igualdade de género, temos um plano de eliminação da violência, não sei os nomes completos, um plano para a inclusão... Portanto, são só planos, temos muitos planos. Agora saber, divulgá-los, aplicá-los efectivamente e sobretudo avaliar o impacto, acho que aí estamos muito mal.

E – Hum, hum, a... então o que me pode dizer àcerca da prática de intervenção utilizada, ou seja, quando temos uma vítima de violência aqui no concelho de Montemor-o-Velho, o que é que nós... o que é que normalmente acontece? O que é que as várias entidades, qual é o papel de cada uma das entidades, aqui em Montemor, para apoiar esta vítima?

e – Temos que mudar, eu julgo que as coisas estão a evoluir para uma forma mais positiva, mas ainda temos que mudar muito e temos que mudar em todos os domínios, mesmo ao nível dos técnicos sociais, que eram aqueles que deviam estar mais sensíveis e que, aliás, cuja sua função é o atendimento. Não há especialização neste domínio, nem se quer a preocupação em tentar perceber o que fazer. Portanto, aquilo que sinto é que mesmo no domínio dos técnicos sociais não há uma preocupação de evolução nas suas competências profissionais [Hum, hum]. Portanto ou faz-se o atendimento assistencialista e coitadinha tome lá o guardanapo, vá lá chorar, ou o lencinho e precisa de dinheiro e dou-lhe, e pronto e calou-se. Ou não há... vai... até vai sair... eu já sei que ela volta para o marido, porque é que eu a vou apoiar, não é? Portanto, é um bocadinho assim. Continuamos a ouvir inclusive dos próprios técnicos sociais, a, que não compreendem efectivamente as características, cuja função é compreender quem está do outro lado de lá, aliás, aliás é a sua única missão [Hum, hum]. Mas que não, não há essa preocupação de evolução de competências profissionais face às exigências também profissionais. Mas então e isso nesse domínio, então se formos para os outros... O professor continua a perceber que aquela criança que chega ali e que naquele dia não reage a nada, e que não faz nada, certamente foi porque foi agredida, mas fecha os olhos, ainda não... ainda reage muito pouco a isto. Porque vão fazer queixa? Contra quem? E agora como, como é isto, é uma grande chatice, é uma grande responsabilidade. O médico de família que sabe que aquela mulher toma calmantes há não sei quantos anos e enche-se de calmantes e continua a enche-la de calmantes para ela dormir, porque ela tem insónias, por isto e por aquilo, quando sabe. Não acredito que aquele profissional não tenha percebido, ao fim de tantos anos, porque no fundo aquela mulher é vítima é de violência e portanto não precisa de enche-la de calmantes, que só a vai tornar mais inactiva e mais incapaz de reagir.

E – Mais submissa.

e – E mais submissa. Em vez de a encaminhar para um serviço social para que possa ser resolvido o problema de outra forma. E portanto é conivente com a violência, também, a... pronto no fundo, acabamos, acabam todos por contribuir um bocadinho para a manutenção do sistema, não é? E isso aí ainda temos que evoluir muito. E depois eu acho engraçado no caso da associação a... que é... havendo um projecto e ainda bem que existe, vai tudo para lá, não é? É um alívio, toda a gente respira de alívio, desde os técnicos sociais, aos médicos, aos Tribunais, porque agora há um projecto para isto, vamos lá escarrapachar os problemas todos, que isto dá

muito trabalho, é uma grande chatice e então, mandamo-los todos para lá. E portanto, a tal desresponsabilização, a... todos os técnicos têm uma missão a fazer, a segurança social tem uma missão, a educação tem uma missão, a saúde tem outra missão, o Tribunal tem outra, as forças de segurança... e não se podem demitir, não basta passar para a outra equipa que agora está no terreno. O professor deve, está a continuar... tentar seguir o caso, a perceber, a ter atenção, até a proporcionar àquela criança um outro tipo de actividade, que lhe permite continuar a acompanhar e recuperar [Hum, hum] os dias em que não consegue ter a capacidade de concentração das outras. A... na segurança social continuar a tentar estar atenta, se há menores, se os menores estão em risco, se não estão, quais são os apoios sociais que a família continua a ter, inclusive procurar outras medidas para apoiar a família, complementares para ultrapassar, a sair da situação. Não acaba a missão a partir do momento em que aquela situação é encaminhada para uma equipa. Mas infelizmente o que... há uma desresponsabilização [Hum, hum]. Portanto, aqui agora... há um projecto ali, vamos para lá todos mandar as pessoas, já nem quero ouvir a vítima. A sensação que eu tenho é que já nem se ouve a vítima. "Vá aí, não é comigo, é com outra equipa", qual está do outro lado, não é? Portanto é uma pena que assim seja, porque depois, a, se calhar a intervenção continua a ficar um bocadinho aquém, até porque os projectos são todos limitados no tempo e a solução que têm é provocar a mudança no funcionamento dos serviços e a mudança tem que partir de alguém, não é? Portanto se as pessoas, quando o projecto existe apenas fazem o encaminhar para lá, não alteram as suas próprias práticas, portanto, não aprendem. Quando o projecto deixar de existir, a poder solucionar a situação [Exacto], não é? É um bocadinho isto, depois volta ao mesmo, desapareceu o projecto, se calhar voltamos todos a agir da mesma forma [Risos].

E – Exactamente. A... e agora, estamos quase a terminar, a, acha que a divulgação destes planos e destas políticas e destas coisas todas, não é? Trouxe a questão da violência mais a público. Acha que isso influenciou os comportamentos e as práticas tanto dos agressores como das vítimas, ou seja, eles alteraram os comportamentos?

e – Eu acho que têm vindo a alterar, sobretudo mais nas vítimas. Portanto, não se calam tanto, reagem mais, as vítimas têm tendência a reagir mais, não é? Elas próprias têm menor tolerância à violência, portanto, "não vou... não tenho que tolerar isto". Enquanto no agressor, não sei se influencia, se influencia assim tanto.

E – O facto da violência agora ser, ser... às vezes as vítimas dizem "Ah... ele sabe onde me bate, não deixa marcas".

e – Ah, nessa perspectiva pode, eu... porque eu acho que não vai influenciar, ele não vai deixar de ser violento por cause de, da... questão de saber.

E – Não, não, não era aí...

e – Agora pode é tornar-se mais expedito na forma como é violento, porque sabendo que é crime, sabendo que toda a sociedade...

E – Porque é preciso provas factuais para comprovar o crime.

e – Claro. Portanto ser um bocadinho mais a... viver, viver a vítima uma situação de maior terror, não é? Porque ele vai-lhe bater de forma a que não fique marca, ele vai a... tentar controlar os movimentos de todas as formas que não, que não seja possível reunir provas. E portanto, nessa perspectiva, ainda pode tornar a vítima mais frágil e mais a... no fundo, mais refém do próprio ciclo da violência. Sim, nesse ponto de vista, sim.

E – Exacto. E agora mesmo para terminar. Ah... qual é que acha que será a melhor estratégia para combater a violência doméstica em Montemor-o-Velho? O que é que ainda falta fazer por aqui?

e – Falta isto que eu estava a falar à pouco, de facto, haver uma mudança da actuação dos, dos serviços, porque a violência não se, não se resolve uma situação de violência só por um serviço, não faz sentido nenhum, não é possível. Tem que haver sempre articulação entre serviços, e portanto, é uma mudança de actuação, de, de, das diferentes equipas que é sobretudo conseguirem-se contactar, conseguirem saber o que é que cada um faz, a... articularem-se não é? [Hum, hum] Em vez de haver sobreposição, haver articulação a, para uma melhor intervenção e resposta no terreno. Porque às tantas não é preciso criar nada de novo, porque já existe a saúde, já existem os tribunais, já existem as forças de segurança, já existe a educação, se já existem os técnicos sociais, não é preciso criar nada de novo. O que é preciso é actuar, actuar de maneira diferente.

E – Adequarem as intervenções...

e – E se todos que... derem no seu domínio de especificidade um contributo, a resposta está dada [Hum, hum]. Infelizmente não é assim, porque uma criança que é, que é vítima de, por exemplo, eu estou a imaginar a, uma situação ideal. Há uma vítima de violência que apresenta queixa na GNR, vamos imaginar que é lá que ela chega primeiro, a GNR encaminha para os serviços sociais, os serviços sociais articulam com o Tribunal para perceber, para fazer o relatório social [Hum, hum], até para propor uma medida de coação, depois de avaliada a situação, para aplicar ao agressor, a, as crianças, se há filhos ao nível das escolas ou das estruturas

educativas, onde elas frequentam, haver um plano diferenciado em que tenha a atenção a situação em que as crianças estão. E para contrariar um bocadinho a reprodução [Hum, hum], a tal reprodução do fenómeno ou até aquela fragilidade do ponto de vista emocional que, que, que lhe quer provocar. Pronto, é que isto, isto é um exemplo. Ou como... existem técnicos e profissionais em todo o lado, a única coisa que eles têm que fazer é articular as respostas que vão dar, antes de as aplicarem [Exacto]. Que é aquilo que não acontece infelizmente, portanto é isso que falta mudar, é isso que efectivamente falta mudar. E aqui, assim, para ser mais objectiva, acho que ainda há, de facto um grande desconhecimento das características que é normal uma vítima ter, é. Nos sabemos que à partida é normal a vítima não conseguir sozinha avançar com a situação. Não tem nada a ver com assistencialismo, tem a ver com a capacidade de devolver auto-estima aquela pessoa, para ela conseguir refazer o seu projecto de vida, e isso não se faz num mês [Pois não.], isso demora tempo e cada situação é única. E numa situação, até que só com 2 ou 3 atendimentos essa tal pessoa consegue decidir o que é que vai fazer e ser objectiva e reconstruir a vida e há outras que não. Portanto, é ter essa capacidade de... e essa flexibilidade de intervenção e de actuação que todos os profissionais têm que ter independentemente do sector em que trabalham [Exactamente], porque em todos os sectores não há ninguém que diga "Ah isso da violência doméstica não é comigo". Não é verdade, em todas as áreas da vida, uma situação de violência doméstica tem a ver connosco, e nós, no nosso âmbito, se calhar podemos dar uma resposta para facilitar aquele trabalho e esta mudança de atitude, infelizmente, ainda não existe.

E – Isso também é preciso um bocadinho de vontade.

e – De vontade, de vontade e isso faz-se também com, com... lá está, com sensibilização, com formação, com, com, lá está, e, e "água mole em pedra dura tanto bate até que fura". As pessoas vão percebendo que é preciso fazer qualquer coisa diferente.

E - Pronto, não tenho mais perguntas. Se quiser dizer mais alguma coisa...

Entrevista n.º 6
(E6, profissional da justiça, 33 anos)

E – A primeira pergunta é mesmo essa, o que é que entende por violência doméstica?

e – Bem... violência doméstica, violência domestica é... quando existem agressões, quer sejam verbais, quer sejam físicas entre os cônjuges e... no seio da família, digamos assim. [Hum, hum] É uma coisa lamentável que às vezes chega ao âmbito penal. Também é um exagero, quer (...) quer, enfim, os maus tratos. As pessoas (...) umas às outras. [Hum, hum]

E – Que tipos e formas de violência doméstica é que são mais frequentes aqui em Montemor-o-Velho, no concelho?

e – Aqui os mais frequentes são a agressão física ou mesmo os maus tratos físicos e... as ofensas verbais, chamarem nomes umas às outras (...) pronto, apelidar... características menos agradáveis [Hum, hum] e depois culmina naquilo que eu disse no principio, chegam mesmo à agressão, à agressão física sempre. (...)

E – Não tem conhecimento de nenhum caso de homicídio?

e – Houve um caso em Arazede, já eu estava a trabalhar, em que houve uma tentativa de homicídio que resultou claramente de uma desavença conjugal. Mas não foi concretizado, porque a senhora felizmente, graças a Deus, escapou. A senhora conseguiu... ficou com problemas sérios num dos pulmões, mas sobreviveu (...)

E – Conseguiu defender-se... sobreviveu...

e – Acho que ela não conseguiu defender-se, foi mesmo depois o individuo que se arrependeu e não concluiu o acto. (...) entretanto depois a senhora foi socorrida a tempo suficiente de conseguirem fazer a intervenção, de modo a que ela fosse salva.

E – Então afinal existem casos bem graves cá no nosso concelho, não é?

e – Só tenho conhecimento deste. Não propriamente por ter contactado com a situação, mas tenho conhecimento como outra pessoa qualquer.

E – Pois... de ouvir falar. Quais acha que são os tipos e as formas de violência doméstica socialmente aceitáveis. Ou seja que as pessoas ainda toleram e acham que não é crime, apesar de ser?

e – Os maus tratos (...) do marido à esposa, normalmente são entre o marido e a esposa e até com tolerância. É preocupante, a gente... há alguns casos de maus tratos físicos. Era normal, até há bem pouco tempo atrás, o marido bater na mulher e ela, e ela não protestar, ela não... portanto aceitar esse estado de coisas com que...

ter a consciência de que fez mal e que aquilo era uma punição normal. A... porque ela tinha feito mal e que era normal. Todos temos mais pessoas que vivem nessas circunstâncias e as colegas dessa pessoa, isso... é no fundo uma mentalidade de geração. O marido sobrepõe-se à mulher, é uma educação machista e quase que lhe conferia o direito de por e dispor do corpo da mulher.

E – E agora, acha que ainda é um bocado assim?

e – Agora acho que não, porque... a mulher começou a emancipar e bem, ter o papel normal, ser humano, igual ao homem. E creio que também passa um bocado pela interferência dos estudos, porque entretanto... enfim... as pessoas com quem lido, com quem me relaciono, têm sido pessoas que têm alguma educação e quando digo educação, não é só profissional, mas como ser humano, e (...) um bocado nas circunstâncias das relações dos pais e eles próprios funcionam um bocado ao contrário: os filhos educam os pais e repreendem-nos por esse tipo de comportamentos [Hum, hum] e acho que isso tem de facto feito acordar essa mentalidade machista e dizer que aquilo está mal. Aquilo está mal e têm tendência a defender... normalmente é melhor (...). Mas também conheço casos que... situações em que... em que é o marido.

E – E conhece muitos casos?

e – Conheço um só, só um caso.

E – E relativamente às crianças a... o facto de se poder ou não agredir as crianças. Até que ponto é que acha que a sociedade aceita?

e – Até que ponto é que aceita ou não, não sei, mas... ninguém pode agredir as outras pessoas, muito menos as crianças, que são pessoas mais...

E – Pois, mas é socialmente aceite que um pai bata num filho para educar. Ou acha que já não é assim?

e – Acho que ainda é assim. E acho que... até eu próprio... não sei, não sou pai, não tenho essa experiência. Mas acho que... ainda há pouco tempo estive aí... recordo-me... (...) uma bofetada a um filho, é preferível quando ele tiver 5 anos de idade do que quando ele tiver 50, não é? Os pais também têm que saber impor as regras aos filhos. E uma boa palmada às vezes não é, a meu ver, considerada agressão, agredir é outra coisa [Hum, hum]. A reprimenda... como o outro dizia "quem dá o pão dá a educação". A reprimenda é uma coisa, a agressão é outra.

E – E acha que realmente as pessoas fazem essa distinção? Como também está na CPCJ, por isso é que eu lhe estou a fazer estas perguntas...

e – Mas os casos da CPCJ são casos muitíssimo agudos, não é? Não têm nada a ver com reprimendas, têm... é precisamente o contrario, é passar a fronteira quer da agressão, quer dos maus tratos, quer de índole sexual, há casos desses. E isso ultrapassa todas as barreiras, isso não tem nada a ver nem com reprimendas, nem com educação.

E – E há muitos casos na CPCJ?

e – Não sei quantos são... agora não tenho na memória, mas se quiser consultar, depois dou-lhe os resultados.

E – Depois se me pudesse ceder, eu agradecia. Estávamos a falar dos socialmente aceites, depois também há aqueles que... existem formas e tipos de violência que a sociedade reprime. Quais é que acha que são? Ou o que é que nota que na sociedade, aqui no concelho de Montemor-o-Velho, as pessoas ficam revoltadas quando têm conhecimento deste tipo de violência. Quando deixam marcas?

e – Não só... vou-lhe dar um exemplo que a mim me choca, não posso falar tanto da sociedade, embora a sua pergunta seja nesse sentido e o que é que eu acho. Eu no outro dia vi uma situação de uma criança que sem querer atravessou a estrada, estava com a avó, e entretanto veio um carro e teve que fazer uma travagem mais brusca e a avó chegou ao pé da criança e deu-lhe umas boas palmadas e repreendeu-a, e repreendeu-a. E penso que, neste caso, por exemplo, me chocou, porque é que tinha que bater na criança? Tinha que chegar lá e agarrar na criança e tenta-la salvar, se era esse o caso, e ver que houve violação e... a omissão dela própria, que, que a criança não tem noção da realidade como ela tinha e era repreende-la verbalmente, repreende-la verbalmente e ensinar-lhe quais são os procedimentos, como deve atravessar. Portanto, isto é um caso que nitidamente me chocou. A... falando da sociedade, eu penso que quando há exagero choca a sociedade. Agora, esse exagero para mim pode ser um e para as outras pessoas pode ser outro.

E – Pois... depende... A próxima pergunta é: quais é que acha que são as causas desta violência doméstica?

e – Olhe, relativamente às desavenças conjugais, é, em primeiro lugar, o álcool, e em segundo a educação machista que as pessoas têm. Relativamente a um estudo (...)

E – Mas normalmente os agressores dos filhos são quem? As mães? Ou também costumam ser os pais?

e – Acho que são os pais.

E – Os dois? Eu tinha a ideia que eram mais as mães.

e – E precisamente nas mães também é álcool. Penso que são os pais. [Sim, sim] Nas mulheres também há álcool [Pois] e muito!

E – Se calhar está é mais invisível.

e – Não queria falar muito sobre isso, como sabe nós estamos vinculados ao segredo profissional enquanto advogados.

E – Sim, mas não tem que falar de casos particulares, fale no geral. No geral não pode?

e – No geral o que eu lhe posso dizer é que as mães têm álcool e muito. É a ideia que eu tenho e o contacto que eu tenho.

E – Por acaso é engraçado, eu não tinha essa noção. Tinha a noção que havia, mas nunca pensei que fosse uma percentagem tão elevada. Por acaso os casos de violência que eu tenho, eu só trato com os adultos e com as mulheres, a maior parte é mulheres, só tenho um único homem, a... o resto é só tudo mulheres e... os maridos sofrem... quase todos têm problemas de alcoolismo, mas as mulheres não, as vítimas. Agora quando são as mulheres agressoras, não sei, não é?

e – Mas eu tenho conhecimento de casos em que...

E – Em que há álcool envolvido também. Mas em que elas são vitimas ou em que elas são agressoras? Ou nos dois?

e – Bem, sem querer personalizar, nas duas situações.

E – Nas duas situações.

e – Há situações em que elas também são vitimas, há situações em que elas são agressoras dos menores [Hum, hum] e há situações em que elas não são vitimas propriamente de maus tratos, mas são vitimas de maus tratos físicos, mas levam uma estaladita por outra.

E – E depois metem-se no álcool, não é?

e – Que elas bebem, bebem! Se é por isso que se metem no álcool ou não...?

E – A... porque é que acha que as vitimas se mantêm nas relações com os companheiros ou esposos? Existem situações em que são casadas e outras em que não são, não é? São vitimas de agressão, porque é que acha que elas continuam...

e – Sei lá. Há pessoas que não têm nenhuma capacidade de, só por si, (...) e que não têm a mínima capacidade de, só por si, prosseguirem a sua vida normal. Sem o marido... para elas é uma... aberração. Outras por dinheiro, continua a ser... ainda agora há pouco tempo saiu um estudo, os homens continuam a ser mais bem pagos do que as mulheres [Hum, hum], mesmo num trabalho qualificado como o seu, por

exemplo, a... comparando uma mulher com um homem, o homem ganha em média 25 a 30% mais bem pago do que a mulher. A... outras que não querem sair daquela situação, que não querem deixar de ser casadas, aquela "paz podre". Portanto, assim, em sociedade, fica bem. O que é certo é que "quem está dentro do convento é que sabe o que lá vai dentro" [Hum, hum]. É uma coisa "sui generis", "quem está dentro do convento é que sabe o que lá vai dentro". E há muitos casos em que nós não imaginamos sequer o que é que se passa lá dentro, até nas classes mais altas [Hum, hum], como sabe, não é? A... e portanto vivem daquela aparência, e aquela aparência ali... temos o espírito socialmente, se calhar? Não sei... há tanta causa. Outras por mera religião. A religião católica, que é a mais praticada, como sabe, ainda não reconhece, não reconhece o divórcio, reconhece a... os seus efeitos, mas a nível de... Portanto, existe a concordata mas... a verdade é que a Igreja não permite um segundo casamento. Só através da morte ou da anulação do casamento, que é uma coisa... muito difícil de conseguir.

E – E para se conseguir um divórcio na Igreja é preciso ser...

e – Não existe divórcio na Igreja, mas a anulação do casamento.

E – Houve um padre que disse num seminário na Abrunheira que há esse divórcio, mas que só o Vaticano é que o concede e que é uma situação... tem que ser de extrema gravidade, ou seja...

e – Então diga-me quantos é que foram dados?

E – Pois... também não lhe perguntei isso...

e – Eu não tenho conhecimento de nenhum. Já tenho conhecimento de uma coisa bastante rara...

E – Mas ele diz que é muito, muito complicado de conseguir sequer.

e – Que possa existir a anulação do casamento porque, para além das expectativas dos cônjuges, têm que ser muito bem fundamentado, (...) tem que ser do conhecimento do pároco, do padre da residência dos cônjuges. Agora, os senhores muitas das vezes não... é muito mais fácil conseguir um divórcio num tribunal do que conseguir... Em relação a um casamento católico

E – Sim... eu nem tinha sequer conhecimento que existisse, o senhor padre é que afinal existe, só que é tão difícil de conseguir que se comece o processo que... nem se quer ninguém tenta. E só o Vaticano é que o pode dar.

e – Isso é regras do direito canónico, não é? Que regem o processo. E as regras de direito canónico normalmente nós não as sabemos. (...) não tenho conhecimento do direito canónico, a não ser aquele trivial... que se faz aí nas festas e nas romarias,

em termos de arraiais e coisas do género. É um facto. Que tem a ver com as funções da Câmara. Mas o (...) geral e o canónico é muito fechado e não conseguimos ter acesso a ele, só se o procurarmos.

E – É muito complicado. A... considera que a existência de políticas de luta contra a violência doméstica, isso do II Plano e... já houve o I Plano de Luta contra a Violência Doméstica, agora vamos no II. Acha que veio alterar as representações sociais da violência doméstica?

e – Eu acho que veio, pelo menos denunciar a nível social, se calhar um estado de coisas que estava assente e houve alguém que se lembrou de dizer “Não senhor, isto está mal e vamos dizer que está mal” e vamos apertar as pessoas que não são, que não são assim tão poucas, que estão metidas nestas situações. E existe um... um alertar da consciência social, até pronto, a mim próprio, nessas circunstâncias também não recuo. E depois, portanto, a própria sociedade começa a acalmar esse tipo de comportamentos, esse tipo de coisas que vão para a mesma interrogação. E... pouco mais podem fazer, para além de informar dos direitos das pessoas que são vítimas dessas situações e depois de as ajudar a sair dessa situação. Pouco mais podem fazer, o resto cabe às autoridades.

E – Pois, mas a verdade é que se conseguiu pelo menos que passasse a ser crime, não é? Por enquanto.

e – Já era crime, não é? A agressão física é crime. Neste momento é... neste momento com a alteração legislativa que veio, primeiro agravou a pena e, em segundo, prevê uma situação específica. Enquanto antes tínhamos a agressão física (...) agora temos o crime dos maus tratos, quer para pessoas que sejam casadas, quer para pessoas que vivam em união de facto (...).

E – Exacto. Que antigamente não podia...

e – E tem também uma alteração legislativa, que a meu ver, pode ser benéfica, por vezes pode não ser... que é o facto de ser um crime público. Se for um crime semi-público permite a desistência depois. Ao ser um crime público não está na... digamos assim, não está na, na disponibilidade das partes (...). Portanto, é retirado a faculdade de qualquer pessoa de fazer isso. E depois, ainda por cima, quando é... o Ministério Público tem a notícia do crime, é obrigado a seguir o destino normal, seguir os trâmites mesmo, tem que ir a julgamento! Só tem... aí...

E – Quer dizer, se houver a suspensão provisória do processo... fica tudo em “águas de bacalhau”, não?

e – Se houver a suspensão, isso depois já depende do Procurador, é como digo, não está na disponibilidade das partes. [Hum, hum] A Procuradora é que ajuíza, é que valora e propõe ao Juiz, que depois dá um segundo trigo, não é? O Juiz do processo tem que concordar também com, com... portanto, veja como já está completamente fora...

E – Pois, antigamente não, bastava, e eu vi alguns...

e – Bastava desistir da queixa.

E – Desistir e pronto. “Declaro que desisto”... eu vi alguns processos em que a própria... a vítima apresentou... desistência de queixa duas vezes. Só que à segunda vez “tramou-se”, já foi em 2002 e a lei já tinha mudado e já não houve desistência de queixa, teve que... o julgamento foi para a frente.

e – Essa situação é... não sei se foi bom, se foi mau! Vamos ver neste momento se ela... Mas agora com o novo sistema do processo penal... tanto quanto os estudos que estavam a ser feitos no CEJ, a... no processo penal tem que haver uma fase, que é a fase de reconciliação. A... aquilo não... trabalhar esses crimes de moldura penal em três anos, portanto a lei do ante-projecto tem três anos, é obrigatória essa. Portanto, essa conciliação de partes no âmbito do processo e depois a partir daí... era promovido o tal programa conforme a legislação, criado para esse efeito. A vai de certeza absoluta mexer aí. Vai, vai mexer aí porque há muitas situações que vai... muito... a fazer uma investigação de maus tratos regulares e depois chegar ao fim e as pessoas ali numa hora, em Tribunal, desistem e... uma hora e picos e... os papeis que deram tanto trabalho e envolveram tanto mecanismo do Estado, custou uma fortuna e ainda por cima é sem custas. Porque a desistência de queixa, imediatamente isso vem tudo (...)

E – Ai é, eu não sabia!

e – É. Por que isso é sempre bom para o Estado, é tarefa... de investigação. É um bem... portanto tem que ser assegurado às pessoas de alguma forma...

E – E já agora... se se provar que a vítima era mesmo vítima e o agressor mesmo o agressor, ou seja... culpado, não é? Quem é que paga?

e – Está a falar em provar em termos jurídicos, ou seja, vai, vai a julgamento e é dado como valorado e... portanto, culpado. Paga de acordo com o que se provar, não é? Portanto, se for condenado, quem paga as custas é o arguido.

E – E se ele não for condenado?

e – Se for absolvido é sem custas.

E – Ai, é sem custas?! Para qualquer um dos dois?

e – Para qualquer um dos dois.

E – O meu drama era se a vítima alguma vez tinha que pagar, por ter apresentado queixa por ser vítima.

e – Não, não, não, não! Se se constituir assistente dos autos, na altura paga... portanto a taxa devida de constituição de assistente, mas que é facultativo a constituição de assistente. Não tem a ver com o facto (...) mesmo sem a constituição de assistente, as pessoas andam na mesma com... ou seja o impulso processual não... (...) só tem que apresentar queixa.

E – E porque é que nós pedimos apoio judiciário para as vítimas?

e – Normalmente pedem-se apoios judiciários para as custas desse tipo de vítimas porque associado à queixa e ao processo crime, corre em adesão, corre em adesão o pedido de indemnização civil e aí há custas.

E – Mas elas nunca querem a indemnização!

e – Então é para terem normalmente um advogado que seja pago pelo Estado.

E – Para que elas possam ter mis segurança?

e – Exactamente. Porque independentemente do queixoso seguir procedimento da sua queixa, é o Ministério Público que envolve todo o procedimento criminal. Está em segredo de Justiça até à fase da acusação e do (...) do inquérito. E só a partir daí é que o advogado entra a trabalhar. Se a vítima quiser ser assistida por advogado e tiver capacidade para pagar, aí...

E – Mas nós fazemos sempre isso.

e – Fazem o recurso ao apoio judiciário, para vir a ser assistida por advogado.

E – Isso fazia-me um bocadinho de confusão, porque elas mostravam-me as cartas que receberam, no fim do inquérito em que...

e – Sabe que normalmente também associado a esse tipo de coisas não esta só aquele processo, estão mais processos. Está um processo de divorcio, está um processo de partilha e está um processo de regulação do poder paternal [Exactamente] dos filhos [Exacto]. E têm a ... portanto, isto tecnicamente falando, têm ali logo três ou quatro processos de rajada.

E – Cada processo tem os seus custos?

e – Tem os seus custos e tem as suas maneiras. Uma regulação de poder paternal dos seus filhos é completamente diferente do processo penal.

E – Mas não devia estar tudo incluído nos maus tratos?

e – Não. Uma coisa é a conduta criminal e outra coisa é do ponto de vista civil.

E – São essas coisas que eu não entendo. Então se ele maltrata a mãe e se quiser pedir a guarda dos filhos? Se estivessem os dois juntos...

e – Não, não pode.

E – Nunca lhe dariam a guarda dos filhos.

e – O Ministério Público não pode ter a relevância, por acaso nos filhos até tem, porque os procuradores do Ministério Público a existir, no mínimo um por cada comarca, são normalmente os cuidadores de menores, ou seja é aquela pessoa a ... o “homo sapiens” digamos assim, e o responsável pelos menores quando os pais não têm capacidades para isso. E então tem que se assegurar que os pais têm capacidade para tomar conta deles ou não. E nos processos de regulação do poder paternal, portanto, exige isso. Exige a lei, sempre a intervenção do Ministério Público, mas no processo de divórcio, não! [Claro] O processo de divórcio é um processo especial, no âmbito do processo civil, que nada tem a ver com o processo criminal. E incumbe ao Estado, num processo criminal, assegurar outro tipo de garantias à vítima e ao queixoso, que não incumbe no âmbito do divórcio [Hum, hum]. No âmbito do divórcio, o Estado está obrigado a assegurar o acesso à Justiça, do outro lado tem que assegurar muito mais do que o acesso à Justiça, não é? [Claro] Tem que punir e evitar, evitar não consegue! Mas depois das justificações estarem desencadeadas tem que punir o agressor por... por ele viver em sociedade... acaba a liberdade de um, quando começa a de outro! [Claro]

E – Pronto, assim já fiquei esclarecida. Mais para o que eu preciso para trabalhar do que mesmo para (...). Porque às vezes as vítimas perguntavam-me “Então, mas ele é que é o criminoso e ele tem direito a advogado”, porque quando acaba a inquirição, não é? O inquérito...

e – O arguido, o princípio basilar, digamos assim, que está assegurado constitucionalmente [Exacto] o arguido não pode ser levado a julgamento sem a presença de um defensor. Não quer dizer que esse defensor seja (...) dada as circunstâncias (...)

E – Ai é?

e – É. Mas pode, como pode (...) advogados tem que haver pessoa idónea que consiga fazer isso.

E – E quem é?

e – Diz a lei que muitas vezes pode ser um solicitador e se não houver um solicitador, uma pessoa idónea. Não refere muito bem o que é...

E – Hum, hum. Pronto, convém que haja um advogado, não é?

e – Neste momento, portanto, a nível de sociedade nós estamos mais evoluídos e temos bastantes advogados, como sabe, às vezes se calhar até de mais.

E – Só aqui em Montemor são... catorze?

e – Em Montemor... é capaz, é capaz.

E – Acho que são catorze.

e – É capaz.

E – Vocês eram dezoito, porque vieram pessoas da Figueira, e a Procuradora... acho que é isso. Catorze ou quinze.

e – É, é capaz.

E – Que estejam na Ordem dos Advogados. Há algum advogado que não esteja na Ordem?

e – Não, não pode.

E – Não pode pois não? Por isso a listinha que eu tenho é da Ordem dos Advogados, portanto devem ser esses.

e – Tem que ser. Todos os advogados têm que estar na Ordem. (...) Ah! estava-lhe a dizer... não há arguido nenhum na, na... estamos numa altura, estamos numa altura que há muitos advogados, foi aqui que eu comecei. Mas eu ainda ouço, ouço falar de histórias em que os próprios funcionários do Tribunal, é que eram os defensores dos arguidos, quando, quando a lei o exigia e não havia, não havia técnicos.

E – Os funcionários do Tribunal?

e – Os próprios funcionários do Tribunal.

E – Já tinham que passar o tempo a cozer os processos e ainda tinham que ir defender os arguidos. Também não lhes gabo a sorte!

e – Isto em regra geral, em *off record*, passa-se assim, não é? Mas... o Juiz precisava até há uma, à uma pede-lhe para ser oficioso...

E – Lá iam eles. Porque... porque as vítimas ficam muito chateadas porque: "Então, mas ele é que é o criminoso e ele tem direito a advogado e eu ainda tenho que ir pagar a um advogado". E eu ficava um bocadinho na dúvida, não lhes queria dar razão nem tirar, mas como não sabia não me podia pronunciar, não é? E, e, e, por isso é que lhe fiz estas perguntas todas.

e – Pedia apoio judiciário que era para arranjar...

E – E depois eu pedia sempre apoio judiciário que era para arranjar advogado para a senhora.

e – A... se tiverem dinheiro para isso... as pessoas...

E – Não, elas não têm, elas não têm rendimentos.

e – Ah... isso não é bem assim...

E – Pelo menos aquelas que fogem de casa, essas não têm mesmo.

e – Isso não quer dizer nada. Pode ser uma pessoa que tenha um emprego estável...

E – Estas normalmente não estão empregadas, são domésticas. Os maridos obrigam-nas a ficar em casa. Elas vivem da “ração” que o marido lhes dá. Por exemplo dão-lhe vinte euros e elas têm que sustentar a casa com três ou quatro filhos. Quando os vinte euros nem sequer chegam para a carne.

e – (...) a dependência económica é um dos factores também...

E – Total. É que com vinte euros quem é que consegue comprar carne? Quer dizer, pode comprar carne, não come é mais nada! Não é? E nós temos casos assim. Os vinte euros têm que dar para isso tudo: carne, peixe, leite e essas coisas todas. E depois ela diz “Olha, sabes, eu precisava de comprar um bocadinho de peixe para os meninos” e ele diz “O quê? Já gastaste os vinte euros? Tu não és em condições. Para que é que eu te vou dar dinheiro? Vou-te dar dinheiro para quê? Tu não és em condições. Nem para fazer as compras tu prestas!”. Mais um bocadinho... isto psicologicamente...

e – Pois... pois, é, é... as pessoas, as pessoas acabam por ficar... destruídas psicologicamente, mas eu pessoalmente sei isso.

E – E convencem. Então, se elas não falam com mais ninguém, porque eles não deixam.

e – Se ela fosse uma pessoa forte, não precisava se ele deixava ou não deixava. Não tem que deixar ou deixar...

E – Mas é complicado...

e – Mas isso se calhar também já é um bocado reiteração, não é?

E – Porque imagine, às vezes até já foram maltratadas pelos pais, já eram dependentes dos pais, entretanto passaram para a dependência do marido. Se nunca ninguém lhes deu autonomia, nem nunca ninguém lhes ensinou que ela tem, ou que deve ter, ou que tem direito a ter autonomia. Como é que ela pode saber, se ela não sabe que isso existe. É complicado. É mais fácil julga-las do que... é verdade, é verdade. É muito complicado. Só falando com elas, muitas vezes, porque à primeira nós pensamos assim: “Mas quem é esta senhora? Não pode ser! Não pode viver no mesmo mundo que eu?”

e – Não vivem! E não vivem.

E – Não vivem. Mas vivem, foram mas é educadas de outra maneira.

e – Não vivem num mundo como o seu.

E – É muito complicado. Não estudaram, porque ninguém as deixou estudar.

e – Elas não devem ter consciência (...) elas não representam que exista esse mundo, não é? [Pois não] elas estão no mundo delas.

E – Pois não. É-lhes completamente alheio. Elas vêm as telenovelas, mas telenovelas são aquilo que são! E mesmo assim já se tem falado da violência doméstica nas telenovelas. E algumas até já começaram a perceber também a partir daí. Não é, porque as telenovelas acabam por ensinar...

e – Não é à toa que... não é à toa, não é à toa que a Igreja, agora com este Papa, que a meu ver veio regredir para aí cinquenta anos [Em relação ao outro]. Agora com o Papa Bento XVI, que veio dizer que por vezes, em que... ver televisão, ou consultar a Internet ou ler os livros é pecado mortal (risos).

Interrupção

E – Pronto, voltando aqui... agora, esta pergunta agora surge numa altura complicada, que já estávamos a falar sobre isso, mas qualquer das maneiras vou colocá-la. Acha que existem factores contextuais que favorecem a violência doméstica? Como estava a falar da educação...

e – É um bocado... é um bocado... factores contextuais (...) a situação, ficam dependentes dos cônjuges (...)

E – O acesso à informação.

e – Às vezes passa um bocado pela falta de educação [Exacto], educação, no sentido de conhecimento, não é educação da pessoa ser rude, mal educada, não... [Claro] mas de...

E – Claro, do acesso ao conhecimento. Pensa que a violência doméstica aumentou ou diminuiu nos últimos anos?

e – Eu não sei se aumentou, se diminuiu. O que eu acho é que antigamente não se tinha conhecimento, se calhar. Como se considerava normal, não é? Não se caracterizava de violência doméstica. Acho que a sociedade tomou consciência que ela existia. Não sei se aumentou ou se diminuiu, mas esperemos que esteja a diminuir.

E – Exacto. Está é mais visível, de certeza absoluta, não é?

e – Exacto.

E – E antes, já falamos um bocadinho sobre isto, mas qualquer das formas... antes da alteração da lei...

Toca telemóvel – Interrupção

E – Bom, a pergunta que eu lhe fiz há um bocadinho é... estávamos a falar em relação às vítimas que retiravam as queixas. Tem a noção se a percentagem era muito elevada antes da alteração da lei?

e – É.

E – Mesmo depois da alteração da lei, ainda há vítimas que tentam retirar a queixa.

e – Sim. Sim.

E – Por desconhecimento? [Risos] Qual é que acha que era o motivo que as fazia desistir da queixa?

e – Eu sei lá. A ... talvez a esperança de, de reconciliação ou a repressão.

E – Familiar.

e – (...)

E – Tem conhecimento das medidas de coação, obviamente, que são colocadas aos agressores. Quais é que são as mais frequentes?

e – É a do Termo de Identidade e Residência.

E – E que efeito é que isso tem? Efeito prático?

e – Efeito prático... em termos de efeito prático que você quer... (risos) não tem. Tem o efeito legal, que é o facto da pessoa não se poder ausentar mais de cinco dias e de ser obrigado... se se ausentar mais de cinco dias da sua residência sem comunicar ao Tribunal, são obrigados a estar presentes em todos os factos processuais. Mas o efeito prático que você, que a sua cara quer...

E – Existe alguma medida de coação que tenha...

e – Existe.

E – Quais?

e – Você tem, por exemplo, a proibição... a suspensão...

E – De contacto. E costuma funcionar, não?

e – Sim.

E – Mas, se, se se aplica uma medida dessas, quem é que controla se a medida está a ser aplicada?

e – Primeiro controla a própria vítima, que é a principal interessada. E depois, através dela, os mecanismos todos que tem ao dispor dela. Basta ela chamar a GNR para que... a informação chegue de imediato ao processo.

E – E, se por exemplo, infringir essa medida de coação, não é? E a vítima chamar a GNR. O que é que acontece ao agressor?

e – O que acontece ao agressor é... pronto, tem que ir a Juiz, portanto, será chamado ao Juiz, não é? Portanto, é preciso apreciar se é preciso pedir para colocar uma medida mais gravosa.

E – Ou seja, não é preso, não... Só é chamado à atenção.

e – Não é preso, nem... quer dizer, você repare que os próprios juízes são condenados e... defende-se, defende-se a ideia que em Portugal se prende de mais.

E – Ai é. Eu por acaso não tinha essa noção.

e – É, mas é. Os juízes são criticados por prenderem de mais em Portugal.

E – Pois, mas eu não digo prenderem na penitenciária, era passar uma noite ali no “chelindró” da GNR.

e – Neste momento, o Código de processo penal que você tem... a pessoa é notificada para se apresentar, só depois, portanto... Digamos que o sistema judicial confia mais, neste momento, na pessoa, do que confiava antes. Se antes era imediatamente detido para ser presente a um Juiz, neste momento é notificado e depois, se não aparecer, tomam medidas mais gravosas, que poderá eventualmente incorrer num crime de (...).

E – Está bem. E concorda com estas medidas de coação?

e – Concordo. Concordo.

E – Acha que são suficientes?

e – Podem não ser suficientes, podem não ser suficientes do ponto de vista de evitar, digamos assim, a ... mais maus tratos, mas se não forem suficientes o Juiz tem oportunidade de os rever, a Procuradora tem a oportunidade, a Procuradora, eu digo Procuradora porque neste caso, nós temos uma Procuradora cá em Montemor, mas tem a oportunidade de rever e pedir uma mais gravosa.

Interrupção

e – Não faz o mínimo sentido estar a prender uma pessoa.

E – Pois, isso é para crimes muito mais graves, não é?

e – Muito mais graves. E este, que é o sistema da pulseira electrónica, que está a ser aplicado em relação aos crimes mais graves. Portanto se... e a ser (...) em termo de comparação, se é um crime bastante mais grave como por exemplo o tráfico de droga, a condenar a aplicação de pulseira electrónica, num crime de maus tratos...

E – Mas depende... porque às vezes elas são quase vítimas de homicídio.

e – (...) a Justiça só actua depois de se consumir o facto.

E – Só se ela morrer?

e – A Justiça preventiva é muito difícil de aplicar, porque é impossível prever-se tudo. Um Juiz nunca tem a segurança que efectivamente isso vem... pode ter a representação que isso pode acontecer, não é? Mas... depende, ele limitar a liberdade, limitar a liberdade de uma pessoa só pela mera representação da existência de crime, não.

E – Mas assim é complicado, porque a vítima fica sempre sem a liberdade dela. É a sensação que dá.

e – Não é uma sensação de que isto não é... a decisão de um Juiz tem de ser selectiva por natureza, não é? Mas (...) e creio que nas zonas cinzentas as pessoas...

E – A vítima é que tem que fugir, é que tem que se ausentar, é que tem que sair de casa com os filhos. E o marido fica lá, quer dizer, o marido, o agressor fica sempre...

e – Fica beneficiado.

E – Acaba por ficar. Não sei... avaliando... ele já é vítima de maus tratos e é ela que tem que sair de casa dela e ir, sabe Deus, para onde, com os filhos atrás sem saber o que é que vai comer no dia seguinte. O agressor, que é quem praticou, quem fez o que estava errado continua na casa dele, com a comida lá, com tecto, com tudo como sempre teve. E dentro desta perspectiva, porque é que continuamos a condenar as vítimas? São elas que ficam sem a liberdade, não é?

e – É uma questão que exige mais estudo da minha parte para lhe dar uma resposta concreta. Ah... isso é uma evidencia, isso que está a dizer. Mas tem que se... quer dizer... nós... no direito, o que é verdade é aquilo que se prova e as suposições são sempre suposições.

E – Sim, mas eu não estou a falar de suposições, estou a falar de casos reais.

e – Pois, você está a falar de casos reais, mas...

E – De mulheres que tiveram que fugir de casa para não serem assassinadas, que estavam a correr risco de vida, que têm que ir para as casas abrigo, que normalmente não têm vaga e depois ficam nas pensões da Segurança Social, não sabem muito bem onde, nem em que condições. E têm que estar fugidas porque o agressor pode-as apanhar a qualquer momento e pode-as matar, elas estão a correr perigo de vida. Mas são elas que têm que sair, não é o agressor que sai, são elas!

e – Eu não tenho conhecimento de nenhum caso desses. Tenho conhecimento de maus tratos, maus tratos fortes, lidam com coisas...

E – Mas já houve casos.

e – ... física, mas assim, a esse nível, não tenho ouvido falar (...)

E – Não, já. E a nível nacional são centenas, tanto é, que as Casas Abrigo estão cheias. Não há vagas.

e – Pois, eu acredito que sim, mas não tanto...

E – Existem 30 a nível nacional.

e – Não tanto para o... para representação do homicídio.

E – Estão em perigo de vida.

e – Parece-me exagerado.

E – Perigo de vida. Ou seja perigo de vida para mim... quando uma pessoa está a correr risco de vida... porque eles perseguem-nas.

e – Repare, eu não desejo a ninguém que viva essa situação.

E – Claro, nem eu.

e – Mas é normal que a pessoa que está nessa situação faça, digamos assim, um drama maior.

E – Não, normalmente não. Elas acham sempre que... o facto de ele ter uma arma e lhe ter apontado a arma no dia anterior, "Ah não! Ele não me faz nada". Pois... vocês só vêm os casos quando eles já estão na barra do Tribunal.

e – Do ponto de vista da justiça é assim, quer dizer, nós só vimos as coisas depois de consumadas.

E – Tanto que... imagine dos... imagine que eu tenho 100 casos, dos meus 100 casos 10 estão na barra do Tribunal, os outros 90 não estão. Existem muitos, destes 90, que são muito mais graves do que os 10 que estão. Tão graves que elas têm pavor, elas sabem que se apresentarem queixa, se calhar não passam desse dia.

e – Nós somos pessoas de brandos costumes, também não é assim, não veja as coisas por esse prisma. É mais a ameaça, do que propriamente a consumação, somos um povo brando.

E – Mas muito têm armas em casa mesmo. Porque depois quando se manda fazer a busca... e eles não têm licença nem porte de arma.

e – Sim, mas repare que as pessoas saem de casa e eles não, não fazem a consumação.

E – Mas alguns fazem, alguns vão atrás delas. Existem muitos casos desses. Vão atrás delas, descobrem as casas que acolhem estas mulheres, ameaçam com armas os próprios técnicos, até lhes dizerem onde estão as mulheres, em que casa.

e – Pronto, mas depois aí você já tem a justiça para actuar, não é?

E – Pois, exacto.

e – Aí já há um comportamento que pode ser censurado (...) e o Juiz já tem capacidade, com maior certeza, de determinar medidas de coação mais graves ou encaminhar para outro (...) que seja criminalmente punível.

E – Não podemos adequar a lei só aos mais graves, também temos de ter em atenção os mais leves. Ah... e acha que as vítimas... a pergunta é o nível de satisfação obtido por parte das vítimas, se tem aumentado. As vítimas que vão para a frente e que vão para a barra do Tribunal...

e – O Tribunal é sempre uma necessidade e nunca uma satisfação, não se... as pessoas vão lá porque necessitam, por necessidade.

E – Mas quer dizer, no caso dos maus tratos elas são obrigadas, mesmo que queiram desistir já não podem.

e – Mesmo que queiram desistir já não podem, exactamente. Quando uma pessoa vai para Tribunal já está... já tentou todos os meios possíveis e imaginários sem conseguir resolver a situação sem o Tribunal.

E – Pois. Mas por norma e as vítimas que conhece, já teve alguns casos, ficam descontentes com a sentença final?

e – Eu não digo que fiquem descontentes, não é o caso. Não ficam é satisfeitas. Estão a destruir a vida delas, não é? Portanto, não ficam satisfeitas, digamos que é um meio de resolver os problemas delas, não é um meio de satisfação.

E – Em termos de pena, qual foi a mais elevada que teve conhecimento?

Interrupção

E – Estávamos a falar da sentença mais pesada num crime de maus tratos, que teve conhecimento.

e – A ... prisão.

E – Prisão mesmo, efectiva?

e – Efectiva não, porque normalmente depois suspende-se, porque as pessoas que têm este tipo de situação não são pessoas com cadastro.

E – Exacto. E cadastro é o quê? É outro tipo de crime de maus tratos ou...

e – Cadastro no sentido geral é condenações anteriores.

E – Condenação com outra pena de prisão, por exemplo, com pena suspensa?

e – Por exemplo. A suspensão, portanto a pena é sempre a de prisão ou a de multa não é? A suspensão da pena é os meses de suspensão da pena em tinha prisão e

que num regime de prova, de... digamos designa-se uma oportunidade, que o Tribunal dá ao individuo, no sentido de, durante um determinado período de tempo, se não o voltar a fazer, ficar ilibado e... ficar (...) de cumprir a pena a que foi condenado. Isso é que é a suspensão, mas a pena aplicada é pena de prisão.

E – Exacto. Mas eu não vejo isso da mesma forma. Para mim... a pena mais alta que eu já li foi uma pena de prisão, acho que era de seis meses, com suspen..., suspensa por dois anos.

e – Exactamente, fica num regime de prova por dois anos.

E – Ou seja durante dois anos não pode fazer mais nada.

e – Não pode fazer mais nada que implique uma condenação criminosa.

E – Porque se fizer, vai ter que cumprir a pena ou ainda não?

e – Vai ter que cumprir a pena, mais a que lhe vier a ser aplicada.

E – Ai é! Entao vale a pena ser punido pela primeira vez, porque à segunda ninguém...

e – Valer a pena, vale. Quer dizer valer a pena punir, não! Porque vale a pena ao Tribunal determinar aquele tipo de punição, porque o Juiz que a seguir vier a ser, vier a julgar a pessoa a propósito de outro crime, ou por crimes da mesma natureza, já saber que há um. (...) naquele ser humano, porque aquele ser humano já oferece elevados riscos ficando livre em sociedade.

E – Não, e mesmo o agressor já sabe que se voltar a cometer... para a próxima, se calhar, não se escapa!

e – Exacto.

E – Porque a sensação que às vezes nos dá é que os agressores podem andar à vontade, porque nada lhes toca, não é?

e – Pois e quer dizer, na prática, em termos práticos, o individuo foi a julgamento, mas ficou livre à mesma, é isso que quer dizer.

E – Exactamente. Conclusão, em termos práticos não se tem medo, pode-se ser agressor? Afinal o outro até foi agressor, quase que matou a mulher e não lhe aconteceu nada!

e – Pois, podemos ter esse risco, mas isso já pode ir para o sistema penal (...) é o que lhe continuo a dizer, quer dizer, não é um crime assim tão grave, como pensa!

E – Pois há piores.

e – Do ponto de vista social é dramático, não é? Do ponto de vista do ser humano e, e, e o que a vítima sofre. Agora do ponto de vista penal, não! Do ponto de vista penal o crime de maus tratos, não é o crime mais grave, nem tão pouco...

E – O mais grave é qual?

e – O homicídio.

E – O homicídio. Que é aquele dos vinte e cinco anos, que depois ainda leva não sei quantas acumulações, não é?

e – Vinte e cinco anos é o máximo que se pode aplicar em código, não é? Pelo homicídio normal é dezoito anos?

E – Ah! Entao para se apanhar vinte e cinco anos é preciso o quê? Matar trinta pessoas? (risos)

e – Não. Imagine por exemplo que você, você não! Mas que o sujeito A ou B mata outro e depois oculta o cadáver. Já temos aqui dois crimes: há aqui um crime de homicidio e um por ocultação de cadáver.

E – E aí já é... uma acumulação...

e – Aí, portanto, quando há multiplos crimes, vai acumulando até ao tecto máximo de vinte e cinco.

E – Pois, estou a perceber.

e – Quando a vítima antes de ser morta é violada, por exemplo.

E – Mais uns anitos.

e – Mas não fica em... chegar aos vinte e cinco anos sem homicídio, em furtos, extorções, roubo. Furto é quando não há violência, roubo é quando há violência. Na prática vai dar ao mesmo, só que não há violência.

E – Roubar é mais...

e – Roubar é, o crime de roubo é um crime mais grave!

E – É mais grave do que maltratar?

e – O roubo é um crime que envolve o mau trato também, implica o furto mais o mau trato. Tem que haver violência do ponto de vista fisico...

E – Sim, sim, mas isso é o furto.

e – Não, não, o roubo é que é isso. No furto é que não há violência.

E – Ah! Está bem. E o furto, mesmo assim, é mais grave do que os maus tratos.

e – Incorre em penas mais graves, sim, se for um furto qualificado.

E – Pronto, mas isso tambem já são outros meandros mais... (risos). Não posso tambem estar a fazer-lhe estas perguntas todas. A... acha que o facto de existirem estes Planos e estas coisas todas, conduziram a uma mudança na forma de intervir das entidades locais? A Segurança Social, a Câmara Municipal...?

e – Não.

E – Em termos de violência doméstica? O que é que acha que estas entidades fazem?

(final do lado A, início do lado B da cassete)

e – Sei dizer muito pouco relativamente a isto. A Câmara Municipal tem a parte da Acção Social que pode fazer, encaminhar o processo para as entidades competentes, mas (...). A Segurança Social apoia, mexe muito com apoios. E este apoio aqui, se ficar bom, de outras coisas que... Por exemplo um projecto que a Câmara tem em maos é...

E – Uma casa de acolhimento.

e – É, mas o projecto assim mais eminente, neste momento, que nós temos é a criação da linha telefónica. Mas se calhar está a ser reequacionada a hipótese, porque existe uma linha telefónica aberta vinte e quatro horas por dia da APAV ou da CIDM. Mas existem esse tipo de associações vocacionadas para este tipo de problemas. E a Câmara Municipal o que pode fazer, através das suas técnicas, é diagnosticar o problema e articular, quer seja com essas associações, e articular com essas instituições e entidades.

E – Mas nunca pensaram na hipótese de criar um gabinete de apoio à vítima local? Para o caso do nosso terminar?

e – Penso que não. A Câmara pode associar-se a esse tipo de iniciativa criando as condições para que uma associação como a Associação Fernão Mendes Pinto possa desenvolver essa actividade. A... mesmo emprestando técnicos e tudo, mais tarde depois a nível de... custos, depois às vezes está limitada (...)

E – Mas se já têm técnicos.

e – Mas precisa sempre desses parceiros. Não somos nós que definimos as regras de acesso aos fundos.

E – As Câmaras não têm (...), como até têm a CPCJ.

e – Mas a CPCJ em termos de legislação.

E – Mas os técnicos que trabalham na CPCJ. Já têm um técnico a tempo inteiro?

e – Temos dois.

E – Já têm dois.

e – Temos duas técnicas sociais a tempo inteiro e uma administrativa.

E – Na CPCJ? Mas a administrativa não conta.

e – (risos)

E – Os casos de maus tratos de crianças também estão associados...

e – A CPCJ...

E – Existem também nas mesmas famílias, os crimes de maus tratos.

e – Mas você tem que ver uma coisa. A CPCJ não actua do ponto de vista criminal, nem penal.

E – (...)

e – Pois, mas o que eu estava a dizer, relativamente à CPCJ, é que actua em casos de maus tratos, não actua nos casos de maus tratos, portanto passa para o foro penal e vai imediatamente para o Ministério Público.

E – Sim, mas nós também não actuamos em termos penais... o que o gabinete faz é encaminhar as pessoas e informar as pessoas, sobre o que é que elas podem fazer.

e – Exactamente. Neste momento, o Ministério Público, o advogado...

E – O que é necessário é que se continue a prestar o apoio que se conseguiu, mas que tem um fim à vista, que é Dezembro de 2006.

e – Por exemplo, aí a Câmara Municipal tem uma palavra a dizer... agora... a Câmara pode, quando muito, assegurar que esse gabinete continue a trabalhar, através das condições logísticas, através dos técnicos sociais da Câmara, mas...

E – Bastava um psicólogo. Muitas destas mulheres só precisam de falar com alguém, porque elas não querem ir para Tribunal.

e – Pois, mas lá está, caímos na mesma circunstância, você sabe que a Câmara tem dificuldades, todos temos. A Câmara tem um passivo também que tem de colmatar.

E – Não têm psicólogos?

e – A ... a trabalhar na Acção Social não tenho conhecimento que tenha psicólogos.

E – Pois eu só conheço Técnicas de Serviço Social, Psicólogos e Sociólogos, está mais em baixo.

e – O que eu lhe posso dizer é que no âmbito da Acção Social da Câmara, não só neste processo específico, mas em toda a acção social da Câmara, quando são sinalizadas este tipo de situações (...) não precisa do gabinete para isso, para encaminhar a pessoa para o tipo de Associações, para o tipo de cooperações e instituições que são vocacionadas para esse tipo de... a... poderá criticar o facto de...

E – É muito complicado para estas senhoras, por exemplo irem a Coimbra. Porque elas até conseguem vir a Montemor num dia de feira, de boleia com alguém...

e – Mas isso... a Câmara Municipal, se houver necessidade, disponibiliza, por exemplo, estas instalações aqui, para que venha cá e estabeleça um protocolo com esse tipo de instituições para que venham cá ao concelho e prestem cá, porque se eles são especialistas nessa matéria. Agora a Câmara não se pode substituir a isso, não é essa a vocação principal da Câmara, é uma das valências da Câmara, não a...

Portanto a Câmara é uma coisa comum, você sabe, porque a sociedade tem outro tipo de públicos, não é?

E – Para muitas coisas, se calhar para muitas coisas ao mesmo tempo. A ... normalmente, então, aquilo que fazem é encaminhar, não é? Está aqui a perguntar qual é o tipo de actuação em caso de violência...

e – Existem mesmo acompanhamento, porque normalmente o problema de uma família onde haja violência doméstica, não tem só esse problema, não é? Tem outros. Existe acompanhamento, as nossas técnicas, relativamente às famílias que nós temos, até em grande quantidade, reorganizaram os serviços da Acção Social por isso mesmo. A técnica que acompanha uma família depois tem que a acompanhar nos outros processos todos, tem que a acompanhar no processo da habitação social, tem que a acompanhar no processo de bolsa de estudo dos filhos, tem que a acompanhar para... Há aqui todo... o facto até de... em termos de normatização da Câmara, deste técnico a trabalhar com isto, deste técnico aqui. O facto de estar a acompanhar, de cada técnico acompanhar uma família, para não estar mais do que uma técnica a ter contacto com aquela família, vicia-nos o nosso próprio...

E – Trabalho.

e – De organização das coisas.

E – Hum, hum. E, agora para terminar, qual é que acha que era a melhor estratégia para combater a violência doméstica, em Montemor-o-Velho, no concelho?

e – Olha, a estratégia, primeiro era as pessoas terem educação e por si próprias não deviam ter esse tipo de comportamentos. Informa-las disso, ensinar-lhes isso. A ... e depois a seguir, quando as pessoas não quiserem, pá, seguir esses (...) em sociedade, normais

E – Pronto, não sei se quer dizer mais alguma coisa (risos). Não? Já o demorei muito.

Entrevista Vítima 1
(E13, mulher vítima de violência, 81 anos)

Processo: 158/06.5 GAMMV

Sexo: Feminino

Idade: 81 anos

Residência: Abrunheira

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Não respondeu.
Qualidade da relação pais/filhos	Não respondeu.
Qualidade da relação dos pais	Não respondeu.
Valores educacionais promovidos	Não respondeu.
Observações	A entrevistada estava muito nervosa e ansiosa.

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	Tem 2 filhos, uma filha com 52 anos e um filho com 48 anos.
Qualidade da relação mães/filhos	Não respondeu.
Caracterização do sistema parental	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos	A vítima apresenta vários problemas de saúde,
-------------------	---

anteriores e actuais	nomeadamente: incolite, ulcera no estômago, problemas de coluna, dores de cabeça e insónias.
Consumo de fármacos	Toma vários medicamentos: uns para a cabeça, outros para o estômago e outros para dormir.
Padrões de sono e de alimentação	Tem muitas dificuldades para dormir. "Não tenho fome nenhuma", tem dias que só come 1 iogurte, noutros só um chá.
Alterações emocionais e de comportamento	Não respondeu.
Observações	Referiu: "Os desgostos são muitos". Os filhos não se dão bem.

História da relação

Relação de namoro	Durante o namoro a relação era boa. Nem nunca percebeu que ele era desconfiado.
História da relação conjugal	Casou-se aos 26 anos e foram morar para uma casa de renda.
Estatuto actual	Não respondeu.
Processo de tomada de decisões	Não respondeu.
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Com calma. Quando o marido se enerva, fala aos gritos e quando vê a conversar com um homem, grita.
Observações	Nada a acrescentar.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Os maus tratos começaram há 54 anos. "Ele sempre foi assim".
Contextos de ocorrência	Não respondeu.
Antecedentes e sinais de alarme	Quando o marido está nervoso, quando as coisas não lhe correm bem.
Evolução histórica dos episódios (o 1º,	Começou a tratá-la mal quando ela deixou de poder trabalhar nas terras por motivos de saúde.

o pior e o último)	
Tipo de maus tratos	Agressões físicas "bate onde calha".
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	Não respondeu.
Padrão de violência	Ele é muito nervoso, muito desconfiado e violento. Ameaça-a.
Dinâmicas de manutenção da relação	Ele está muito esquecido é ela que lhe diz tudo o que é preciso fazer em casa.
Motivos e atribuições para os maus tratos	Nervos do marido. Quando acalma, pede desculpa pelo que fez.
Consequentes e repercussões do conflito	Sufrimento e mágoa.
História de vitimização dos menores	Não respondeu.
Significações atribuídas à violência	Ela disse que releva muita coisa, "porque ele é doente da cabeça, não sabe o que faz".
Afectos face ao parceiro	"Ele é ciumento, desconfiado. Ele é doente."
História de <i>coping</i> face à violência	Como já sabe como ele é, não responde às provocações do marido.
Observações	Ela pretende a suspensão provisória do processo. Não quer que o processo vá para Tribunal, não percebe porque é que os estão a chatear. Sabe que a vizinha não fez por mal quando chamou a GNR, porque ela também não sabia que iam ser chamados ao Tribunal.

Entrevista Vítima 2
(E12, mulher vítima de violência, 53 anos)

Processo: 386/06.3 GAMMV

Sexo: Feminino

Idade: 53 anos

Residência: Meãs do Campo

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Violência doméstica entre os pais.
Qualidade da relação pais/filhos	O pai batia nos filhos e escondia o comer dos filhos e da mulher, influenciado pela tia.
Qualidade da relação dos pais	Existência de violência doméstica.
Valores educacionais promovidos	O trabalho. Se queriam alguma coisa tinham que ganhar, começaram a trabalhar muito cedo.
Observações	Nada a acrescentar.

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	8 gravidezes: 3 abortos e 5 filhos.
Qualidade da relação mães/filhos	Têm uma relação normal. Hoje em dia 2 defendem o pai.
Caracterização do sistema parental	Mau relacionamento. O marido ameaça a esposa e a filha mais nova que as coloca na rua.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos	Teve um acidente e fracturou a coluna.
-------------------	--

anteriores e actuais	Traumatismo craniano e epilepsia.
Consumo de fármacos	Toma medicamentos para a epilepsia.
Padrões de sono e de alimentação	Dorme o 1º sono e quando tem preocupações já não dorme.
Alterações emocionais e de comportamento	Agora tem medo de estar em casa sozinha.
Observações	É acompanhada no Sobral Cid (psiquiatria) e no HUC (neurologia).

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Tirou o 4º ano. Gostou, mas tinha dificuldades devido aos problemas familiares.
Condição actual de empregabilidade	Costumava trabalhar aos dias na agricultura. Agora está reformada.
Tarefas	Lida da casa e manutenção das propriedades agrícolas.
Responsabilidades	Não respondeu.
Autonomia financeira	Vive da reforma.
Grau de satisfação	Não está satisfeita, preferia andar por fora a trabalhar.
Mudanças e vicissitudes	Dores de cabeça, dificuldades de visão e problemas de memória.
Tempos e espaços de lazer	Sair de casa.
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Não respondeu.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Agora não se dá bem com a filha mais velha. Mas dá-se bem com os outros filhos e recorre a eles quando precisa.

Observações	Também existia violência doméstica em caso dos sogros.
-------------	--

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	Tem noção que mudou ao longo da vida e o marido também mudou.
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	Não respondeu.
Observações	Não chora em frente aos outros, vai chorar para o campo.

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	Duas filhas.
Competências e limitações	Competências: ser honesta e trabalhadora. Limitações: doença, mas não pensa muito nela.
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	Tem casa própria e recebe 243€ de reforma.
Acesso aos recursos da comunidade	Costuma frequentar o Centro de Saúde, a Associação das Meãs e o café.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Namoraram 3 meses. Conheceu-o porque é familiar de um cunhado. "Se soubesse o que sei hoje não me casava". A mãe tentou-a casar para apoiar a família, uma vez que o irmão ia para a Guiné.
História da relação conjugal	"Ele nunca bate em frente às outras pessoas". Mas da última vez quis bater também na filha, com um pau. "Costumava-me atirar da cama abaixo quando as coisas não corriam bem".
Estatuto actual	A situação piorou desde que esteve internada a última vez, há cerca de 10 anos.

Processo de tomada de decisões	Primeiro era ela que tomava as decisões, depois "quando ficou internada, ele é que tomava conta do dinheiro e depois nunca mais houve solução".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Não conversam. Ele "nunca deu explicações de nada".
Observações	Já não dormem na mesma cama há cerca de 4 anos.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	"Não sei se há outras pessoas, outras mulheres".
Contextos de ocorrência	Não respondeu.
Antecedentes e sinais de alarme	Quando está muito nervoso, a família afasta-se e as coisas passam.
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	O primeiro episódio de VD aconteceu quando as filhas ainda eram muito pequenas, há 19 ou 20 anos. Relatou vários episódios de VD.
Tipo de maus tratos	Agressões verbais: chama nomes, agride. Agressões físicas: murros, bateu-lhe com um pau e com uma enxada.
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	Agride e "nunca pede desculpas". Para voltarem a ficar bem "tinha que fazer os favores ao marido, tinha que ceder". Quando não tem relações sexuais o marido ameaça que se vai matar.
Padrão de violência	Aos filhos só bateu depois de adultos. "Os filhos passaram fome".
Dinâmicas de manutenção da relação	"Nunca pensei em me separar. Tenho vergonha do que os outros vão dizer".
Motivos e atribuições para os maus tratos	Desconfia da existência de outras mulheres e por causa da doença dela.
Consequentes e	"Medo" e "mau ambiente" familiar.

repercussões do conflito	do	Sabe que a violência tem repercussões na vida da filha mais nova, que vive com eles.
História de vitimização menores	de dos	Os filhos sempre assistiram às situações de violência, principalmente a filha mais nova.
Significações atribuídas à violência	à	Não respondeu.
Afectos face ao parceiro	face ao	"Pena, porque podia ter uma velhice boa e vai ser um desgraçado". Mas, "não lhe perdoa".
História de <i>coping</i> face à violência		Afasta-se quando ele está mais agitado.
Observações		O marido diz que se mata. É violento. Despe-se e anda nu em casa. Tem fases boas e más. "Gostava que ele levasse um aperto, uma repreensão a sério pelo que tem feito ao longo da vida". "Não me importo que ele fique lá em casa, desde que não me toque, nem entenda comigo". "Só quero ter uma velhice sossegada". "As pessoas na rua não dizem o que ele é, pensam que ele é muito bom", ele é sociável.

Entrevista Vítima 3
(E15, mulher vítima de violência, 42 anos)

Sexo: Feminino

Idade: 42 anos

Residência: Montemor-o-Velho

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	O pai morreu de tuberculose quando ela tinha 15 anos.
Qualidade da relação pais/filhos	Tinha boa relação com o pai.
Qualidade da relação dos pais	Os pais implicavam muito um com o outro. Ele bebia e agredia a mãe. Viviam com os avós paternos. Os pais tinham desentendimentos por causa das interferências da avó paterna.
Valores educacionais promovidos	A boa educação, o saber comportar-se, a lida da casa. A mãe obrigou-a a andar 2 anos de luto carregado pela morte do pai.
Observações	Conheceu o marido num casamento de um primo, 2 anos de pois da morte do pai.

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	Este 2 vezes grávida e tem 2 filhos, uma rapariga e um rapaz.
Qualidade da relação mães/filhos	Dá-se muito bem com os filhos.
Caracterização do sistema parental	Não respondeu.
Observações	Pelo que contou dá para perceber que existe uma má relação familiar, os filhos são utilizados pelos pais nas

	discussões e como meios de exercer o poder. Se um dos progenitores dá orientações aos filhos para agir de determinada maneira, o outro descredibiliza a acção do anterior. O pai fala mal da mãe aos filhos e a mãe faz o mesmo relativamente ao pai.
--	---

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Teve uma depressão.
Consumo de fármacos	Anti-depressivos e ansiolíticos.
Padrões de sono e de alimentação	Antes de estar medicada tinha dificuldades em dormir, agora com a medicação já dorme bem.
Alterações emocionais e de comportamento	Anda mais irritada. Tem dias em que não lhe apetece viver. Apetece-lhe ficar sozinha. Anda muito esquecida.
Observações	Já foi ao Hospital dos Covões 2 vezes e marcaram-lhe uma consulta no Sobral Cid e forma-lhe receitados vários medicamentos.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Estudou até ao 6º ano, mas não completou. Actualmente está a frequentar um curso de Educação e Formação de Adultos que irá dar a equivalência ao 9º ano de escolaridade.
Condição actual de empregabilidade	Actualmente está a frequentar um curso de Educação e Formação de Adultos e no final vai estagiar.
Tarefas	A lida da casa. (O marido não faz nada, nem sequer lava o carro, paga 5€ ao filho para ele lavar o carro.)
Responsabilidades	Não respondeu.
Autonomia financeira	O que recebe é era pagar as despesas diárias e o ordenado do marido é para pagar a prestação da casa. Quando precisa de dinheiro não pede ao marido, pede ao filho. Nunca passaram fome, mas já passaram dificuldades.

Grau de satisfação	Está satisfeita com o curso.
Mudanças e vicissitudes	Referiu as mudanças de emprego.
Tempos e espaços de lazer	Ler, ver televisão, ouvir música, ir a casa da mãe.
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Tem facilidade em fazer amizades. Dá-se bem com toda a gente.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Tem muitos amigos e pode confiar neles.
Observações	Nada a acrescentar.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	Dava sempre satisfações de tudo o que fazia e de tudo o que gastava ao marido. "Era muito ingénua" e contava tudo ao marido. Sempre trabalhou em trabalhos precários e temporários.
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	Não respondeu.
Observações	O marido "é muito agarrado, não faz extravagâncias".

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	A mãe, a irmã, a vizinha e as amigas.
Competências e limitações	Competências: honestidade e seriedade. Limitações: não saber como resolver a situação em que se encontra.
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	O filho pediu um empréstimo para comprar um apartamento em Montemor. Se o empréstimo for aprovado vão comprar a casa e ela vai viver com o filho.

Acesso aos recursos da comunidade	Centro de Saúde e Santa Casa da Misericórdia.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	O marido gostava muito de outra rapariga, mas a mãe dele não consentiu o namoro. Ele começou a frequentar a casa dela (da vítima) todos os dias, mas ela não lhe aceitava o namoro. "Mas como as pessoas começaram a falar, começamos a namorar". Ele quis casar com ela, porque achava que ela era uma massacrada da família, pois a mãe dava-lhe sempre muito trabalho e ralhava muito com ela quando não o fazia. Ele diz que casou com ela por pena.
História da relação conjugal	Quando casaram ela tinha 18 anos e ele 27.
Estatuto actual	Não respondeu.
Processo de tomada de decisões	Tomavam as decisões em conjunto. "às vezes vencia ele, outras vezes vencia eu".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Costumavam conversar sobre os problemas, mas ele era muito reservado, falava pouco.
Observações	Ele mudou totalmente o comportamento desde há 4 anos.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Ciúmes e desconfiança.
Contextos de ocorrência	Dentro de casa, depois de uma discussão.
Antecedentes e sinais de alarme	Os filhos já percebem quando é que ele a vai agredir. "Quando eu elevo a voz mais do que ele..."
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	O 1º episódio ocorreu 1 mês depois do casamento na sequência de um comentário que ela fez acerca do corte de cabelo que ele tinha feito. O pior: nas vésperas do aniversário do marido, o filho

	<p>“entalou” a cassete no rádio do carro, “ele agrediu-me muito, muito, com murros. Fiquei toda negra na cara e com a cana do nariz inchada.</p> <p>A última: quando estava a passar a ferro, na sequência de uma discussão, ele deu-lhe várias bofetadas na cara e 2 “cachações” no pescoço.</p>
Tipo de maus tratos	<p>Violência física: tarefas, violação sexual.</p> <p>Violência psicológica: ameaças de morte, insinuações, vigiar, controlar os movimentos.</p>
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	<p>Depois dos maus tratos deixam de falar um para o outro. É sempre ela que dá o primeiro passo no sentido da reconciliação. Ele nunca lhe tinha pedido desculpa, até ao último episódio de agressão. Desta vez pediu perdão.</p>
Padrão de violência	<p>Ele costuma andar a vigiá-la e a controlá-la, “eu refilo e ele vinga-se e bate-me”. “Ele batia-me muito, mas nunca me dizia porque é que me batia”. Quando ela não quer ter relações sexuais, ele agride-a e abusa dela sexualmente, “obriga-me a ter relações no fim de me ter dado uma tarefa”.</p>
Dinâmicas de manutenção da relação	<p>Só se manteve na relação por causa dos filhos. Pensou em deixar o marido quando ele foi internado no Sobral Cid (altura em que foi diagnosticada a esquizofrenia), “mas por causa dos meus filhos não o deixei”. “Não tinha para onde ir, tinha dois filhos pequenos e estava desempregada”.</p>
Motivos e atribuições para os maus tratos	<p>Ciúme e desconfiança.</p>
Consequentes e repercussões do conflito	<p>Influencia muito os filhos, porque eles ficam muito assustados.</p>
História de vitimização dos menores	<p>Assistiram a muitas situações de violência e ficaram com muito medo.</p>
Significações	<p>Tristeza. Falta de coragem para o enfrentar.</p>

atribuídas à violência	
Afectos face ao parceiro	O amor foi morrendo ao longo dos anos e agora só sente pena dele. "A amizade também acabou nesta última vez que ele me bateu".
História de <i> coping</i> face à violência	"Tinha esperanças que a situação mudasse, porque às vezes andava tempos que não me batia".
Observações	Ele teve uma infância muito triste, teve uma má relação com os pais, eles não lhe deram ajuda. Ele não gosta dos pais e é muito revoltado com os pais, com Deus e com tudo.

Entrevista Vítima 4
(E14, mulher vítima de violência, 81 anos)

Sexo: Feminino

Idade: 81 anos

Residência: Carapineira

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Não teve.
Qualidade da relação pais/filhos	"Por ter sido criada com um pai e uma mãe como deve ser é que me sinto assim".
Qualidade da relação dos pais	Os pais davam-se bem. Eram pobres, tiveram 6 filhos.
Valores educacionais promovidos	A religião.
Observações	Nada a acrescentar.

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	Só teve um filho.
Qualidade da relação mães/filhos	Dá-se bem com o filho. "É um grande amor que lhe tenho".
Caracterização do sistema parental	O marido nunca foi um pai empenhado.
Observações	Já há mais de 40 anos eu não tem relações sexuais com o marido.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos	Problemas de coluna e má circulação.
-------------------	--------------------------------------

anteriores e actuais	
Consumo de fármacos	Toma medicação.
Padrões de sono e de alimentação	Tem noites que não dorme bem e tem dias que come melhor.
Alterações emocionais e de comportamento	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Não foi à escola, não sabe ler nem escrever.
Condição actual de empregabilidade	Está reformada e vai trabalhando no campo.
Tarefas	Não respondeu.
Responsabilidades	"Praticamente não faço nada, só faço o meu comer".
Autonomia financeira	Recebe a reforma.
Grau de satisfação	Não respondeu.
Mudanças e vicissitudes	Quando o marido estava fora a casa andava organizada, desde que ele veio para cá, não (há 40 anos).
Tempos e espaços de lazer	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Não respondeu.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Dá-se bem com os vizinhos. "Tenho pessoas amigas, se não fosse isso eu já tinha desaparecido".
Observações	Nada a acrescentar.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	"Desde que fiz 80 anos fiquei triste e o corpo não quer nada".
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	Muito nervosa, sabe o que quer, sabe o que as outras pessoas merecem.
Observações	Nada a acrescentar.

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	Vizinhança.
Competências e limitações	Viver em paz e amor. "Querer chegar onde não me atrevo a chegar".
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	Vive da reforma. A casa está em mau estado. Só foi arranjada por fora, o marido não a quer arranjar por dentro.
Acesso aos recursos da comunidade	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Ele começou a andar atrás dela. Nunca se deram muito bem.
História da relação conjugal	Teve medo de o deixar e ficar mal vista. Casaram há 56 anos.
Estatuto actual	Neste momento não se entendem.
Processo de tomada de decisões	"Cada um decide por si".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Conversam aos gritos.
Observações	Falam de forma violenta e utilizando sempre insultos no discurso.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	do	Começou logo depois de casar. Ele batia-lhe.
Contextos de ocorrência	de	"É por tudo e por nada. Às vezes não sabia porque é que ele me estava a bater".
Antecedentes e sinais de alarme	e	"Vinha sempre mal-encarado". "Dantes não era desconfiado, mas agora desconfia que eu ando com todos".
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)		O 1º: passado uns dias do casamento. O pior: depois das agressões mal se conseguia mexer, as vizinhas foram lá a casa e chamaram o médico. O último: quando foi parar ao Hospital.
Tipo de maus tratos		Agressões físicas: bate-lhe. Agressões verbais: chama-lhe nomes.
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor		Não respondeu.
Padrão de violência		Não respondeu.
Dinâmicas de manutenção da relação	de da	Tem vergonha de não estar com o homem.
Motivos e atribuições para os maus tratos	e	Ele masturba-se.
Consequentes repercussões do conflito	e do	Implica as pessoas que vêem ele a masturbar-se (a vítima). Nas terras esconde-se, mas em casa faz à frente dela.
História de vitimização dos menores	de dos	Não há menores.
Significações atribuídas à violência	à	"Por ele não precisar de mulher, faz tudo para dar cabo de mim".
Afectos face ao parceiro	face ao	Raiva.

História de <i> coping</i> face à violência	Sai de casa e vai a casa das amigas.
Observações	É uma relação de agressões mútuas, mas muito violentas. Não se percebe quem é a vítima e quem é o agressor.

Entrevista Vítima 5
(E16, mulher vítima de violência, 38 anos)

Processo: 130/06.5 GAMMV

Sexo: Feminino

Idade: 38 anos

Residência: Liceia

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Nada de Relevante.
Qualidade da relação pais/filhos	Os pais tinham uma boa relação com os filhos. Eram 10 filhos. O pai ralhava para trabalharem.
Qualidade da relação dos pais	Os pais davam-se bem, mas ralhavam.
Valores educacionais promovidos	Educação.
Observações	Nada a acrescentar.

História Maternal

Gravidezes e número de filhos	4 gravidezes, 4 filhos: 3 rapazes e uma rapariga.
Qualidade da relação mães/filhos	"Dou-me bem. Ralho mais do que bato. Não sou má mãe".
Caracterização do sistema parental	O marido sempre foi de beber e a situação agravou-se há 6, 7 anos. "Fora da bebida dão-se bem. Gosta muito dos filhos, educa-os". "Os filhos têm medo de falar para ele quando ele está com o álcool." É ela que tem que tratar de tudo: escola, médico, etc.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Teve uma depressão.
Consumo de fármacos	Toma anti-depressivos e ansiolíticos.
Padrões de sono e de alimentação	Só não esteve bem quando teve a depressão.
Alterações emocionais e de comportamento	Não teve alterações.
Observações	Nada a acrescentar.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Em criança andou na escola até à 4ª classe. Aos 31 anos voltou a estudar e concluiu o 1º ciclo no ensino recorrente nas Faíscas. Depois com 35 anos frequentou um curso de Educação e Formação de Adultos de pastelaria com equivalência ao 9º ano de escolaridade.
Condição actual de empregabilidade	Está desempregada. Já procurou emprego em algumas empresas e na limpeza.
Tarefas	Cuidar das crianças, da casa e do quintal.
Responsabilidades	Os filhos e todas as documentações, seja o IRS ou na Segurança Social.
Autonomia financeira	Depende do marido. Pediu o Rendimento Social de Inserção, mas ainda não veio aprovado.
Grau de satisfação	De 1 a 5: "5. Para o que eu vivia". Antes "vivia aterrorizada", mas agora o marido deixou de beber e a vida melhorou.
Mudanças e vicissitudes	O tratamento ao álcool do marido.
Tempos e espaços de lazer	"Tenho sempre que fazer. Aos domingos dou uns passeios com os meninos".
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos	Sempre teve boa relação com os outros. "Não me dou mal
---------------	--

relacionamentos anteriores	com ninguém”.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Dá-se bem com as vizinhas.
Observações	Nos episódios de maus tratos em que fugiu de casa, refugiou-se em casa de familiares e de uma vizinha.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	Mudou para melhor. “Sinto-me mais feliz. Vejo os meus filhos mais à vontade, sem medo”. Tirou a carta, tirou o 9º ano, terminou a casa.
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	“Uma mulher com muita coragem”.
Observações	Nada a acrescentar.

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	Pais, vizinhas e irmãos.
Competências e limitações	Coragem e luta pelo que quer. Os encargos familiares (ser mãe de 4 filhos limita a procura de emprego).
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	Têm o suficiente para viver. Tem casa própria, em bom estado.
Acesso aos recursos da comunidade	Médico de família.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Davam-se bem. Namoraram um ano. Passeavam e não se zangavam. Os pais aceleraram o casamento.
-------------------	--

História da relação conjugal	Casaram tinha ela 18 anos. Foram viver para casa da sogra e nunca se deu bem com a sogra. Viveu lá 3 ou 4 meses. Às vezes zangava-se com o marido por causa dela. Depois foram viver para casa dos pais dela, a seguir alugaram uma casa e mais tarde construíram a casa deles.
Estatuto actual	Neste momento está casada e, desde há 2 semanas, depois do tratamento ao álcool do marido, dão-se bem.
Processo de tomada de decisões	As decisões em relação aos filhos são tomadas pelos 2, em relação ao dinheiro é ela quem decide.
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Ralhavam muito, era uma irritação crescente. Agora é tudo mais calmo.
Observações	É de referir que a vítima estava a atravessar a fase da lua-de-mel aquando da realização da entrevista.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Álcool.
Contextos de ocorrência	Quando ele se embebedava batia sem motivo. "Ele tinha que pegar, fosse lá por onde fosse". Costumava fugir de casa e só regressava quando estava a dormir.
Antecedentes e sinais de alarme	Via pelo aspecto físico e pela agressividade.
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	Piorou há uns 6 anos. 1º: não se recorda. O pior e o último: ficou muito descontrolado, teve que fugir para casa de uma vizinha.
Tipo de maus tratos	Agressões físicas: atira objectos. Agressões verbais: chama nomes.
Caracterização das dinâmicas maltratantes - estratégias do agressor	Ele chamava-lhe nomes, ela saía para a rua e ele chamava-a e dizia que não lhe fazia mal. No dia seguinte não se lembrava de nada e dizia que ela estava a mentir.
Padrão de violência	Nos últimos tempos era diariamente.

Dinâmicas de manutenção da relação	de da	Continuou na relação por causa dos filhos, porque tinha pena de deixar a casa e tinha pena dele. "Ele merecia uma oportunidade, porque era muito trabalhador e respeitador".
Motivos e atribuições para os maus tratos	e	Álcool.
Consequentes repercussões do conflito	e do	Os filhos viam e tinham medo do pai.
História de vitimização dos menores	de dos	Os filhos fugiam com a mãe porque também tinham medo. Os mais velhos às vezes ficavam em casa. Nunca tinha batido nos filhos, até a última vez, em que deu um murro e um pontapé no filho mais velho.
Significações atribuídas à violência	à	"Passei muito terror, medo e vergonha".
Afectos face ao parceiro	face ao	Amor. Alegria e paz (actualmente).
História de <i>coping</i> face à violência		Tinha sempre medo. Ficava em casa pelos filhos. "Não evitava".
Observações		Nada a acrescentar.

Entrevista Agressor 1
(E7, agressor, marido de vítima de violência, 81 anos)

Processo: 158/06.5 GAMMV

Sexo: Masculino

Idade: 81 anos

Residência: Abrunheira

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Não teve.
Qualidade da relação pais/filhos	Não respondeu.
Qualidade da relação dos pais	É filho de pai incógnito. Mas conheceu o pai, ele era rico e a avó dava-lhe coisas.
Valores educacionais promovidos	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Andou na escola até à 4ª classe, mas não fez o exame.
Condição actual de empregabilidade	É reformado.
Tarefas	Não respondeu.
Responsabilidades	Não respondeu.
Autonomia financeira	Recebe a pensão de reforma.
Grau de satisfação	Não respondeu.
Mudanças e vicissitudes	Não respondeu.
Tempos e espaços de	Não respondeu.

lazer	
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Nunca bateu a ninguém na rua. "Tenho mais amigos do que inimigos".
Qualidade das relações de proximidade actuais	Referiu a relação com os filhos.
Observações	Nada a acrescentar.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	Não respondeu.
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Não respondeu.
Consumo de fármacos	Não respondeu.
Padrões de sono e de alimentação	Não respondeu.
Alterações emocionais e de comportamento	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Não respondeu.
-------------------	----------------

História da relação conjugal	Não respondeu.
Estatuto actual	Não respondeu.
Processo de tomada de decisões	Não respondeu.
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Negou o problema. Ninguém via o que ele lhe fazia, era na cozinha.
Contextos de ocorrência	Não respondeu.
Antecedentes e sinais de alarme	Não respondeu.
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	Não respondeu.
Tipo de maus tratos	Agressões físicas: palmadas.
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	“Era um bater simples, ficávamos logo de bem” “Ela é muito minha amiga”
Padrão de violência	Não respondeu.
Dinâmicas de manutenção da relação	Não respondeu.
Motivos e atribuições para os maus tratos	Não respondeu.
Consequentes e repercussões do	Não respondeu.

conflito	
História de vitimização dos menores	Não respondeu.
Significações atribuídas à violência	Não respondeu.
Afectos face ao parceiro	São amigos. Só se têm um ao outro.
História de <i>coping</i> face à violência	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

Entrevista Agressor 2
(E8, agressor, marido de vítima de violência, 54 anos)

Processo:

Sexo: Masculino

Idade: 54 anos

Residência:

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
 Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	O pai morreu quando ele tinha 11 anos, "fiquei o homem da casa". Com 14 anos começou a trabalhar fora de casa.
Qualidade da relação pais/filhos	A relação era boa. A mãe trabalhava para sustentar a casa.
Qualidade da relação dos pais	"Davam-se bem".
Valores educacionais promovidos	Ser trabalhador e honesto.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Sofre da coluna e das pernas. Tem problemas de pele.
Consumo de fármacos	Toma medicação para a circulação.
Padrões de sono e de alimentação	Tem o sono descontrolado.
Alterações emocionais e de comportamento	Agora é mais nervoso. O corpo fica descontrolado, tem dores.
Observações	Quando algo corre mal sai de casa para espairer.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Andou na escola até à terceira classe, saiu com 14 anos. Fez a quarta classe em adulto.
Condição actual de empregabilidade	Foi resineiro e suicultor. Actualmente está reformado por invalidez.
Tarefas	Agricultura própria.
Responsabilidades	Paga as despesas: luz, água e pão.
Autonomia financeira	Tem autonomia financeira, recebe a pensão de reforma.
Grau de satisfação	"Vou andando".
Mudanças e vicissitudes	Saída dos filhos de casa.
Tempos e espaços de lazer	"Vou até ao café".
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Sempre teve boas relações.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Tem uma boa relação com os colegas.
Observações	"Não bebo muito".

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	"Agora estou mais fraco, não posso ir onde quero. Estou mais calmo".
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	"Se houver um problema afasto-me para não aumentar a situação".
Observações	Nada a acrescentar.

Background social e recursos

Figuras e qualidade	"Ninguém".
---------------------	------------

do suporte social	Pede ajuda aos filhos e aos genros.
Competências e limitações	"Viver e andar tranquilo". "Ter uma vida mais estável".
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	"Dá para viver tranquilo".
Acesso aos recursos da comunidade	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Namoraram 1 ano. O relacionamento foi "bom, normal".
História da relação conjugal	"Enquanto os filhos eram pequenos ainda se ia equilibrando o barco".
Estatuto actual	Falam. Não se entendem na forma de trabalhar.
Processo de tomada de decisões	"É ela, ela é que é a gerente".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	"Cada um faz a sua vida". "Não damos satisfações um ao outro".
Observações	Nada a acrescentar.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Nega o problema.
Contextos de ocorrência	"Precisava do tractor, por isso, calhou. Não o queriam deixar usar."
Antecedentes e sinais de alarme	Não respondeu.
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	Não respondeu.
Tipo de maus tratos	Não respondeu.

Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	Não respondeu.
Padrão de violência	Não respondeu.
Dinâmicas de manutenção da relação	Não respondeu.
Motivos e atribuições para os maus tratos	Não respondeu.
Consequentes e repercussões do conflito	Não respondeu.
História de vitimização dos menores	Não respondeu.
Significações atribuídas à violência	Não respondeu.
Afectos face ao parceiro	Não respondeu.
História de <i>coping</i> face à violência	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

Entrevista Agressor 3
(E9, agressor, marido de vítima de violência, 77 anos)

Sexo: Masculino

Idade: 77 anos

Residência: Carapineira

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Nada de relevante.
Qualidade da relação pais/filhos	Davam-se todos bem. Eram 10 irmãos, já morreram 3.
Qualidade da relação dos pais	Os pais davam-se bem um com o outro.
Valores educacionais promovidos	A trabalhar.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Tem problemas de coração, dos pulmões e tem bronquite. Desmente que se masturba, "ela só diz isso para me envergonhar".
Consumo de fármacos	Toma medicação.
Padrões de sono e de alimentação	Não respondeu.
Alterações emocionais e de comportamento	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	“Quando fui para a tropa é que fui para a escola”. Depois de casado foi aprender a ler e a escrever.
Condição actual de empregabilidade	Trabalhou em França, na fábrica da Renault. Está reformado por invalidez e trabalha na agricultura.
Tarefas	Não respondeu.
Responsabilidades	Não respondeu.
Autonomia financeira	Tem a reforma. “Não dividimos as despesas porque ela não quer”. Cada um compra o seu pão.
Grau de satisfação	Não respondeu.
Mudanças e vicissitudes	Não respondeu.
Tempos e espaços de lazer	Não respondeu.
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	Dá-se bem com toda a gente. Só com ela é que não se dá, porque ela não quer.
Qualidade das relações de proximidade actuais	Tem colegas. Agora só vai a casa do irmão da mulher.
Observações	Nada a acrescentar.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	“Eu antigamente tinha uma vida melhor”. “Podia ser feliz, mas...”
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	“Eu não posso viver assim”.
Observações	Não pode comprar nada porque a mulher não deixa.

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	Não tem tido apoios. Quando precisa recorre ao cunhado e aos sobrinhos.
Competências e limitações	"Não tenho defeitos".
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	Vive da reforma, tem casa própria e terrenos.
Acesso aos recursos da comunidade	Médica de família.
Observações	Podia pensar em ir para o Centro de Dia, mas neste momento está lá um casal com o qual não se dá bem.

História da relação

Relação de namoro	Antes de namorar com a mulher namorou com uma vizinha. As duas zangaram-se e a mulher agrediu a ex-namorada. Durante o namoro davam-se bem.
História da relação conjugal	Namoraram 2 anos e depois casaram. Deram-se bem depois de casar.
Estatuto actual	Agora dão-se mal. Não têm relação nenhuma. Dormem separados há 5 anos.
Processo de tomada de decisões	"Cada um por si".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	"Ela chama-me nomes e eu não lhe respondo".
Observações	Nada a acrescentar

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Tudo começou porque ele nunca teve ordem de andar com dinheiro. Ela disse-lhe: "A partir de hoje quem o quiser comer, tem de o fazer". "Ela diz que eu não sou homem". Só lhe dava uns empurrões ou umas bofetadas nos braços ou no rabo.
--------------------	---

Contextos de ocorrência	Não respondeu.
Antecedentes e sinais de alarme	Não respondeu.
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	"Ela sempre foi assim variada". Quando ele estava a trabalhar em França mandou um telegrama ao marido a dizer que o filho deles tinha morrido.
Tipo de maus tratos	Agressões físicas e psicológicas.
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	Chama-lhe nomes.
Padrão de violência	Não respondeu.
Dinâmicas de manutenção da relação	"Ela pode sair quando quiser, eu não saio!"
Motivos e atribuições para os maus tratos	"Eu não sei porquê, já a avó dela fazia mo mesmo ao marido".
Consequentes e repercussões do conflito	"Sou eu e o meu filho". O filho já não vem cá na Páscoa.
História de vitimização dos menores	Não há menores.
Significações atribuídas à violência	A mulher é muito nervosa. "Se ela vivesse em descanso".
Afectos face ao parceiro	"Gostava de me dar bem com ela, mas desde que ela me meteu em Tribunal... nunca mais... está arrumada".
História de <i>coping</i> face à violência	"Tenho que viver, umas vezes melhor, outras vezes pior, até que Deus queira".
Observações	A solução é não falarem e cada um viver a sua vida.

Entrevista Agressor 4
(E17, agressor, marido de vítima de violência, 40 anos)

Processo: 130/06.5 GAMMV

Sexo: Masculino

Idade: 40 anos

Residência: Liceia

Entrevista Semi-estruturada do Gabinete de Atendimento a Vítimas de Violência
Doméstica da Associação Fernão Mendes Pinto

História Familiar

Acontecimentos traumáticos na infância	Nada de relevante.
Qualidade da relação pais/filhos	Era má. Trabalhava e tinha que lhes dar o dinheiro todo. Eram 9 filhos, eram muitos e não tinham muitos recursos.
Qualidade da relação dos pais	O pai também bebia e tinham uma má relação. Via o pai a agredir a mãe.
Valores educacionais promovidos	Nada.
Observações	Nada a acrescentar.

História de saúde física e psicológica

Problemas médicos anteriores e actuais	Nunca teve problemas de saúde.
Consumo de fármacos	Toma a medicação para a desintoxicação do álcool.
Padrões de sono e de alimentação	Agora está tudo bem. Antes não comia quase nada.
Alterações emocionais e de comportamento	Quando bebia muito, qualquer coisa o fazia ficar irritado, nervoso.
Observações	Fez uma desintoxicação ao álcool há 2 semanas.

História educacional, profissional e ocupacional

Percurso escolar e profissional	Estudou até ao 3º ano de escolaridade.
Condição actual de empregabilidade	É pedreiro.
Tarefas	Não respondeu.
Responsabilidades	Arranja as coisas em casa. (Foi ele que construiu a casa de habitação da família).
Autonomia financeira	Ganha o dinheiro e entrega-o para as despesas.
Grau de satisfação	"Agora que já não bebo estou melhor".
Mudanças e vicissitudes	O tratamento ao álcool.
Tempos e espaços de lazer	"Vou ao café e bebo água e café".
Observações	Nada a acrescentar.

História relacional

Qualidade dos relacionamentos anteriores	"Dou-me bem com toda a malta".
Qualidade das relações de proximidade actuais	"Agora está tudo bem. Quando mandava e os outros não obedeciam, como estava bêbado, zangava-me muito e gritava. Bater, bati poucas vezes".
Observações	Nada a acrescentar.

Percepção pessoal

Mudanças ao longo do tempo	"Estou diferente, porque dantes ficava logo bêbado de manhã. Agora estou calmo, não faço barulho com ninguém. Tenho mais paciência".
Percepção de si nas diferentes esferas da vida	É trabalhador em casa e no trabalho. "Agora sou bom marido, já estou mais eles quando saem ao domingo."
Observações	Nada a acrescentar.

Background social e recursos

Figuras e qualidade do suporte social	O patrão.
Competências e limitações	Ser trabalhador. Os vícios.
Recursos económicos e habitacionais disponíveis	"Às vezes é pouco e é muita gente. Não posso assim muito bem, mas dá para ir vivendo". Têm casa própria, acabada e nova.
Acesso aos recursos da comunidade	Café. Ao domingo vai passear com a família.
Observações	Nada a acrescentar.

História da relação

Relação de namoro	Davam-se bem. Namoraram 1 ano e depois casaram.
História da relação conjugal	Casaram para começarem a ter vida própria e a ter dinheiro (porque ele dava o dinheiro todo aos pais antes de se casar).
Estatuto actual	Está casado.
Processo de tomada de decisões	"Eu, com as ideias da mulher".
Estilos dominantes de comunicação conjugal	Agora são calmas. Antes eram agitadas.
Observações	Nada a acrescentar.

História dos maus tratos conjugais

Origem do problema	Álcool.
Contextos de ocorrência	"Quando bebia muito, chegava a casa e respondiam-me, ficava nervoso e havia barulho".
Antecedentes e sinais de alarme	"Não tinha noção de nada".
Evolução histórica dos episódios (o 1º, o pior e o último)	O 1º: não se lembra. O último: enervou-se com ela e atirou-lhe um pedaço de madeira.

Tipo de maus tratos	Agressões físicas: batia-lhe (bofetadas). Agressões verbais: chamava-lhe nomes.
Caracterização das dinâmicas maltratantes – estratégias do agressor	Só se falassem para ele é que ele se exaltava.
Padrão de violência	Não respondeu.
Dinâmicas de manutenção da relação	Podiam-se chatear, mas depois ficava tudo bem.
Motivos e atribuições para os maus tratos	Álcool.
Consequentes e repercussões do conflito	“Não prejudicou ninguém, porque era só na hora, depois davam-se bem”.
História de vitimização dos menores	“Não sofreram”.
Significações atribuídas à violência	Sente-se mal quando pensa no que fez, mas na altura não tinha noção do que fazia.
Afectos face ao parceiro	“Gosto dela. Por isso é que me fui tratar”.
História de <i>coping</i> face à violência	Nunca fez nada para evitar as situações de violência. Primeiro ganhava o dia e depois ia beber para o café com os amigos.
Observações	Nada a acrescentar.

Entrevista Testemunha1
(E10, testemunha, vizinha da vítima de violência)

Processo: 158/06.5 GAMMV

Sexo: Feminino

Residência: Abrunheira

Relação de parentesco com a vítima e com o agressor: vizinha.

1) Como caracteriza a Sra. (nome da vítima)?

É boa vizinha. É uma mulher trabalhadora e poupava muito, chegava a remendar a roupa.

2) Como caracteriza o Sr. (nome do agressor)?

Também é bom vizinho, só que agora a agressão era tanta que eu chamei a guarda. Estes últimos meses ele tem andado muito revoltado, muito desconfiado, desde o princípio. Era mau, porque é feio, mas com a velhice ficou pior.

3) Como é que é a relação deles?

Acontecia muitas vezes. Mudou muito desde que a guarda lá foi a casa. Agora andam os dois de mãos dadas. Ele não sabe o que lhe há-de fazer, falam, falam...

Entrevista Testemunha2

(E11, testemunha, filha de vítima de violência, 33 anos)

Processo: 386/06.3 GAMMV

Sexo: Feminino

Residência: ?

Relação de parentesco com a vítima e com o agressor: filha.

1) Como descreve a relação dos seus pais?

Sempre foi má e tem piorado, principalmente desde que a filha mais velha casou. Não era todos os dias, mas foi sempre mau para a mãe e sempre lhe bateu. Há 16 anos piorou. A última vez que agrediu a mãe e a irmã foi no dia 5 de Junho. O pai nunca deu apoio nenhum à filha mais nova, nem lhe dava dinheiro para comer. Desde que o meu pai gere o dinheiro, destruiu tudo.

2) Qual seria a solução?

Juntos na mesma casa não dá! Faz tudo para que elas se sintam mal em casa. Leva para lá toda a gente, até pessoas que elas não conhecem. Costuma ter comportamentos desadequados sem problemas: costuma urinar no cimento, colocar louça suja no corredor da louça. Faz isto tudo para provocar. Sair de casa seria o ideal.

Entrevista Testemunha3

(E18, testemunha, filho de vítima de violência, 17 anos)

Processo: 130/06.5 GAMMV

Sexo: Masculino

Idade: 17 anos

Residência: Liceia

Relação de parentesco com a vítima e com o agressor: filho.

1) Fala-nos do teu pai.

É boa pessoa, mas quando bebe fica assim.

2) Como é a tua relação com ele?

É boa. Só mesmo com a bebida é que ele fica assim. Depois do tratamento nunca mais voltou a ser. Neste momento as coisas estão bem.

3) Fala-nos da tua mãe.

É boa. Nunca bebeu, não nos trata mal, sempre foi nossa amiga, nunca nos fez mal.

4) Como é que é a relação deles?

Eles dão-se bem. Só quando ele andava assim com a bebida é que implicava por tudo e por nada. Às vezes tínhamos medo.

5) O que é que achas que devia acontecer agora?

Ficar assim em suspenso, uma vez que ele está a cumprir.

